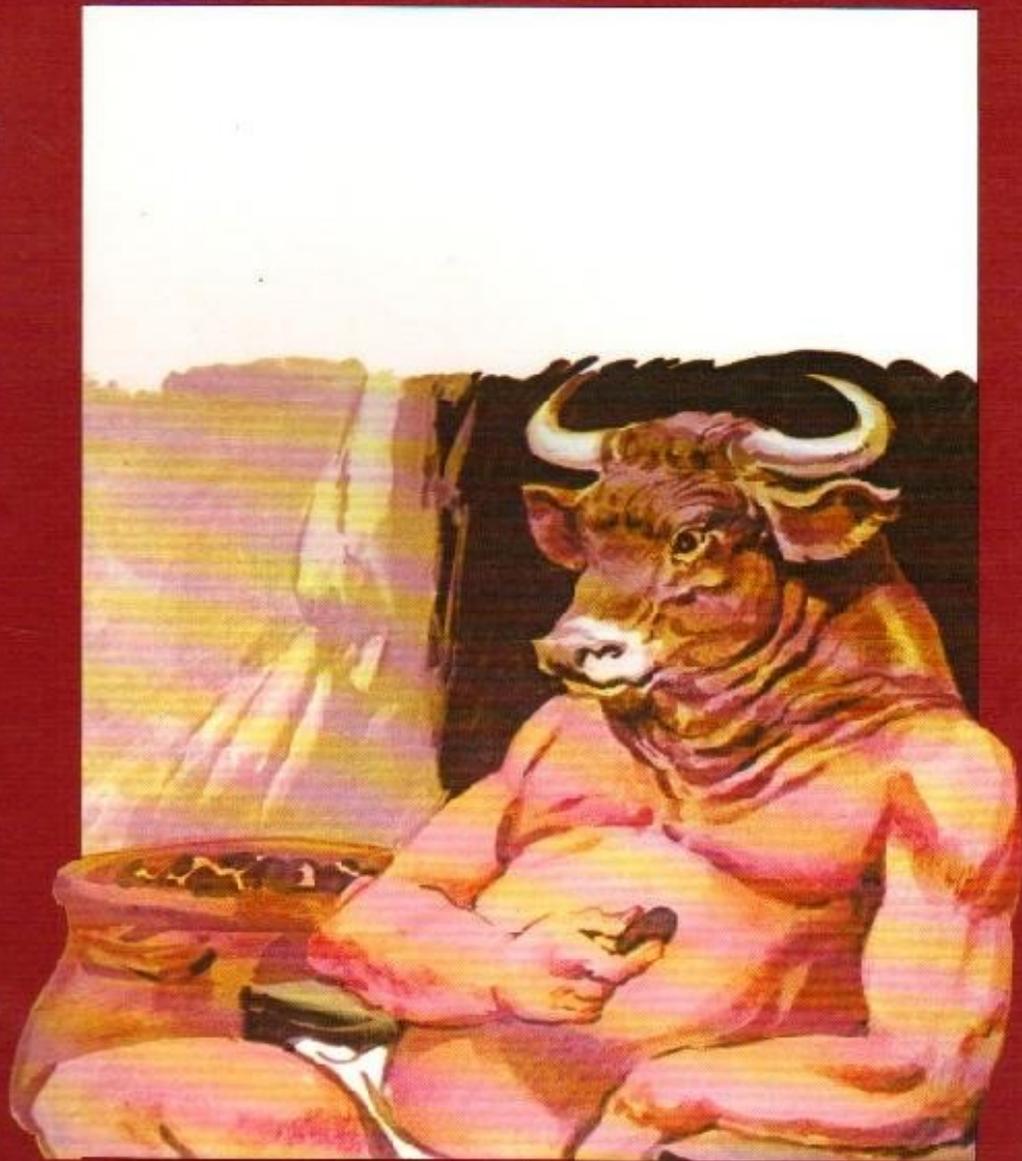




O Minotauro

Monteiro
Lobato



editora brasiliense

Monteiro Lobato

O MINOTAURO

Formatação/conversão ePub: Reliquia

27ª edição, 1996

9ª reimpressão, 2004

São Paulo/SP

Editora Brasiliense

O Minotauro, by Monteiro Lobato

ISBN: 85-11-19015-5

27ª edição, 1996

9ª reimpressão, 2004

Layout de capa: Jacob Levitinas

Ilustrações de capa e miolo: Manoel Victor Filho

Impressão e acabamento: Sociedade Vicente Pallotti

Copyright © by herdeiros de Monteiro Lobato

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistemas eletrônicos, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos

ou outros quaisquer sem autorização prévia da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lobato, Monteiro, 1882-1948.

O Minotauro / Monteiro Lobato ; [ilustrações de capa e miolo Manoel Victor Filho]. — São Paulo : Brasiliense, 2004. (Sítio do Picapau

Amarelo)

9ª reimpr. da 27ª ed. de 1996. ISBN 85-11-19015 -5

1. Literatura infanto-juvenil 2. Mitologia grega (Literatura infanto-juvenil) I. Victor Filho, Manoel. II. Título. III. Série.

04-0110 CDD-028.5

índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5

2. Literatura infanto-juvenil 028.5

Editora brasiliense s.a.

Rua Airi, 22 - Tatuapé - CEP 03310-010 - São Paulo - SP

Fone/Fax: (0xx11) 6198-1488

E-mail: brasilienseedit@uol.com.br

www.editorabrasiliense.com.br

livraria brasiliense s.a.

Rua Emília Marengo, 216 - Tatuapé - CEP 03336-000 - São Paulo - SP

Fone/Fax: (0xx11) 6675-0188



Índice

[I - Uma aventura puxa outra](#)

[II - Rumo à Grécia](#)

[III - Desembarque na Grécia de Péricles](#)

[IV - Em casa de Péricles](#)

[V - Discussões em Atenas](#)

[VI - Fídias nocaute](#)

[VII - Visita às obras do Partenão](#)

[VIII - A estátua de Palas Atena](#)

[IX - O pó número dois](#)

[X - Nos campos da Tessália](#)

[XI - O sonho de Pedrinho](#)

[XII - Em marcha para o Olimpo](#)

[XIII - Em procura de Hércules](#)

[XIV - Dona Benta e Sócrates](#)

[XV - Batatas e Sócrates](#)

[XVI - A Hidra de Lerna](#)

[XVII - Ninfas, Náiades, Dríades e Sátiros](#)

[XVIII - Os narizes de Atenas](#)

[XIX - Os gregos visitam o iate](#)

[XX - A esfinge e o oráculo de Apolo](#)

[XXI - No labirinto de Creta](#)

[XXII - Sófocles aparece](#)

[XXIII - A Panatenéia](#)

[XXIV - Finis](#)

[Sobre o Autor](#)



I - Uma aventura puxa outra

Os leitores do "Picapau Amarelo" fatalmente desapontaram com o desfecho da história. A grande festa do casamento do Príncipe Codadade com Branca de Neve acabou violentamente interrompida pelo ataque dos monstros da Fábula. Dona Benta, Pedrinho, Narizinho, Emília e o Visconde conseguiram salvar-se pela fuga, a bordo de "O Beija-flor das Ondas" mas a pobre tia Nastácia, que se distraíra nas cozinhas do palácio com o assamento de mil faisões, perdeu-se no tumulto. Fora atropelada, devorada ou aprisionada pelos monstros? Ninguém sabia.

Só depois do desastre é que Dona Benta e os meninos puderam ver o quanto a estimavam. Que choradeira!

Quindim derruba o focinho... O Burro Falante desistiu da sua habitual ração de fubá. Só não choraram Emília e Pedrinho; Emília porque "não era de choros"; e o menino, porque andava com uma ideia de bom tamanho.

- Nada de lágrimas, pessoal! - dizia ele. - O que temos a fazer é organizar uma expedição para o salvamento de tia Nastácia. Se está viva nas unhas de algum monstro, havemos de libertá-la, custe o que custar.

Tamanho rasgo de atrevimento entusiasmou Emília.

- Bravos, Pedrinho! Você é um herói de verdade.

Dona Benta teve de concordar com a idéia da expedição.

Não havia outro remédio. Em vista disso, começou a dispor tudo para uma longa ausência.

O Conselheiro foi confirmado no posto de tomador de conta do sítio, e Quindim no de guarda - mas depois duma severa advertência pelo seu cochilo no caso do Capitão Gancho.

- Eu cochilei sem querer... - desculpou-se o paquiderme.

- As boas sentinelas não cochilam nunca - disse Dona Benta. - Espero que para o futuro vosmecê saiba justificar a confiança que tenho na sua inteligência, na sua lealdade e no seu chifre.

O rinoceronte prometeu pôr em prática a receita da

Emília: "Cochile com um olho enquanto espia com o outro; depois cochile com o outro e espie com o primeiro."

Tudo acertado, Dona Benta partiu com os meninos para a Grécia, a bordo de "O Beija-flor das Ondas."

Mas para que Grécia? Há duas - a Grécia de hoje, um país muito sem graça, e a Grécia antiga, também chamada Hélade, que é a Grécia povoada de deuses e semideuses, de ninfas e heróis, de faunos e sátiros, de centauros e mais monstros tremendos, como a Esfinge, a Quimera, a Hidra, o Minotauro. Oh, sim, lá é que era a grande Grécia imortal. A de hoje só tem uvas e figos secos - e soldados de saio.

Enquanto "O Beija-flor" singrava os mares, Dona Benta ia derramando pingos de História na cabeça das crianças.

- A Grécia de hoje, meus filhos, é um dos pequenos países da Europa, com 116 mil quilômetros quadrados e menos de 5 milhões de habitantes.

- Só isso? - admirou-se Pedrinho.

- Só, meu filho; e a famosa Grécia antiga também não foi mais do que isso. A importância dum país não depende do tamanho territorial, nem do número de habitantes. Depende da qualidade do povo.

Pequenina foi a Grécia em tamanho - e tornou-se o maior povo da antigüidade pelo brilho da inteligência e pelas realizações artísticas.

Tão grande foi o seu valor, que até hoje o mundo anda impregnado de Grécia. Mesmo aqui neste nosso continente americano que era só bugres no tempo da Grécia, sentimos a impregnação grega. A língua que falamos está toda embutida de palavras gregas.

- "Geografia", por exemplo - disse Narizinho. - E "gramática" também. Quindim disse que gramática é palavra' grega.

- E é. Não tem conta o número de palavras de origem grega que usamos a todo instante, ou na forma que tinham lá ou como ficaram depois das modificações do tempo. Mas não é só na língua que vemos por aqui a Grécia - é em tudo. Recorda-se, Pedrinho, daquele célebre discurso do promotor, no casamento da filha do juiz?

- Se me recordo! Começava assim:

Neste momento solene, eu queria ter a eloqüência dum "Demóstenes, etc."

- Isso mesmo. Pois esse discurso está cheio de coisinhas gregas. Logo no começo aparece Demóstenes, que foi o orador da Grécia. Depois vem aquele pedacinho de ouro: "A galante Candoca vai unir-se ao Doutor

Filogênio pelos laços sagrados do himeneu." Que é himeneu?

- Casamento?

- Sim. Hoje quer dizer casamento; mas na Grécia antiga era o nome do deus do casamento - filho de Baco e Vênus.

O orador também se referiu ao "carro de Apolo"; Apolo foi o deus grego da música, das artes e da eloqüência.

Falou ainda em "aurora"; Aurora era a deusa grega da manhã, que abria o dia no seu carro puxado por corcéis de asas, com uma estrela na testa e um archote aceso na mão. Se fôssemos catar todas as reminiscências gregas do discurso do promotor, vocês se admirariam da quantidade.

- Ele também falou em "mel do Himeto" e em Eros – disse Pedrinho. - Devem ser coisas gregas.

- Sim, Himeto era um monte famoso pelo seu mel e pelos seus mármore. E Eros não passa do nome grego de Cupido.

- Que história é essa? - berrou Emília. - O tal deusinho do amor, afinal de contas, é Eros ou Cupido?

- É Eros na Grécia e Cupido entre os latinos. Com a mudança para Roma, depois que Roma conquistou a Grécia, os deuses gregos mudaram de nome. Zeus, o pai de todos, virou Júpiter; Ártemis virou Diana; Palas Atena virou Minerva; Hércules virou Hércules - e assim por diante.

- Que maçada! - exclamou Emília. Dona Benta não entendeu o pensamentinho dela e continuou:

- Pois é isso. Na conversa comum, todos os dias vivemos a usar palavras e expressões gregas. Até a pobre da tia Nastácia de vez em quando vem com uns greguismos, como daquela vez em que disse: "Quando na pedreira a gente faz "oh", o eco responde lá longe." Ela sabe que tem o nome de eco a voz que bate num obstáculo e volta, mas não sabe que a palavra se originou do nome da ninfa Eco, uma que falava pelos cotovelos e de tanto falar incorreu na ira da deusa Hera, a qual a transformou em voz sem corpo, isto é, no que chamamos eco.

E no pensamento, então? A maior parte das nossas idéias vem dos gregos. Quem estuda os filósofos gregos encontra-se com todas as idéias modernas, ainda as que parecem mais adiantadas.

- Então, vovó, a Grécia foi mesmo uma danadinha...

- Se foi! Por isso falam os sábios do "milagre grego."

Acham que aquilo foi um verdadeiro milagre da inteligência humana. Um foco de luz que nasceu na antigüidade e até hoje nos ilumina. A arte grega, por exemplo: não há nas nossas cidades fachada de prédio que não tenha formas, ou enfeites, inventados pelos gregos.

Os mais lindos monumentos das capitais modernas são gregos, ou têm muito da Grécia. O monumento do Ipiranga, em São Paulo, grego dos pés à cabeça. As colunas, os capitéis das colunas com as suas tolhas de acanto...

- Serralha! - berrou Emília. - Eu sei.(HISTÓRIA DO MUNDO PARA AS CRIANÇAS) - ...as frisas e

arquitraves, as cornijas e tríglifos, tudo é grego. Vou desenhar alguns desses elementos para que vocês vejam com que freqüência eles aparecem na frontaria dos nossos prédios.

Dona Benta desenhou, como o nariz dela, umas coisas...

- Com que então estas coisas se chamam "elementos"?

- Sim. Elemento é uma parte duma coisa. Quindim é um dos elementos do sítio. Rabicó, outro...

- Quindim é o elemento paquidérmico - lembrou Emília. - Rabicó é o elemento suíno.

- E você é o elemento lambeta - disse Narizinho.

Emília fez o seu focinho de pouco caso, murmurando: "Fedor!"

- Pois é isso - continuou Dona Benta. - A Grécia está no nosso idioma, no nosso pensamento, na nossa arte, na nossa alma; somos muito mais filhos da Grécia do que de qualquer outro país. Até Quindim é bastante grego, apesar de ter nascido na África, já que é paquiderme e rinoceronte.

Paquiderme é uma palavra que vem do grego pachy grosso, e derm, pele ou couro.

- Casca grossa - disse Emília.

- E rinoceronte é palavra que vem do grego rhinoceros: - rhino, nariz; e ceros, chifre. O bicho de chifre no nariz.

Enquanto Dona Benta discorria sobre a Grécia, o

"Beija-flor das Ondas" singrava mansamente de rumo a Atenas. O Visconde ia no comando com o

Marquês de Rabicó a servir de Imediato. A escassez de tripulantes obrigou-o a dar aquele posto ao Marquês, apesar da sua muito conhecida malandragem.

A tarde ia caindo. Nuvens debruadas de cobre estendiam-se no céu como charutos compridíssimos.

De vez em quando um peixe-voador pulava da água, voava dezenas de metros e sumia-se de novo no oceano.

- Por que é que eles voam, vovó? - perguntou Narizinho.

- Para fugir à perseguição dos inimigos, os peixes

maiores que querem devorá-los. Como a vida no mar é um pega-pega terrível, cada qual inventa a

sua defesa. Uns aprendem a mudar de cor, para se confundirem com as pedras; o inimigo passa e não os vê. Outros aperfeiçoam-se na velocidade - e escapam fugindo. Estes voadores aprenderam a voar. No começo o vôo deles não era vôo, apenas um salto; mas viram logo que ajudando o salto com as asas natatórias podiam chegar mais longe. E foram se aperfeiçoando nisso até o ponto em que estão hoje - que é um salto voado - o salto prolongado por um vôo diferente do das aves.

A brisa morrera completamente, de modo que a superfície do mar se transformara num imenso espelho.

- Que lindo, vovó! Veja que lisura de água. Nem a menor ondinha. O mar virou a perfeita cópia do céu.

De fato, o céu, com todo o seu azul e todas as suas nuvens, estava duplicado com a maior perfeição no imenso espelho líquido. Pedrinho notou que quando um peixe pulava da água um desenho aparecia cheio de círculos.

Prestando bastante atenção, compreendeu o fenômeno.

- Já sei, vovó. Com o movimento de sair da água, ele forma aquela série de círculos maiores. Mas como sai molhado, a água que leva no corpo pinga imediatamente - pinga um pingo maior no começo e mais três ou quatro em seguida, cada vez mais distanciados; e cada um desses pingos forma o seu sistemazinho de círculos concêntricos.

Dona Benta sorriu.

- Você falou que nem um matemático. O "sistema de círculos concêntricos" está bom. Nem o grande sábio Einstein diria melhor. "Círculos concêntricos" quer dizer círculos que têm o mesmo centro. E "sistema de círculos concêntricos" neste caso, quer dizer a série de círculos formados por cada pingo. Muito bem. Se tia Nastácia estivesse aqui, você ganharia uma cocada.

- A pobre! - suspirou Narizinho. - Por onde andará neste momento?

- Para mim, o Minotauro a devorou - disse Emília. - As cozinheiras devem ter o corpo bem temperado, de tanto que lidam com sal, alho, vinagre, cebolas. Eu, se fosse antropófaga, só comia

cozinheiras.

Narizinho teve vontade de jogá-la aos tubarões.



II - Rumor à Grécia

No intervalo de duas manobras do iate, Dona Benta tomou fôlego e disse:

- Vocês já sabem que há duas Grécias, a antiga e a de hoje; mas só a antiga nos interessa. Surge o problema: como penetrarmos na Grécia Antiga?

- Pulando por cima da de hoje, vovó! - resolveu Pedrinho com a maior facilidade. – Resta saber qual dos períodos antigos é o mais interessante.

- Para mim foi o tempo de Péricles - disse Dona Benta - mas para a gana de heroísmos que vejo em meus netos, deve ser o tempo ainda muito anterior, em que aquilo por lá era uma coleção de pequeninos reinos, de tribos em luta, de famílias poderosas; o tempo da guerra de Tróia que Homero

descreve na Ilíada; e o tempo dos heróis tebanos, da viagem dos Argonautas, dos monstros fabulosos, como a Hidra de Lerna e outros.

- É exatamente o que desejamos, vovó - mas com uma paradinha antes para a senhora regalar-se com o tal Péricles. Quem era ele?

Dona Benta tomou fôlego.

- Ah, meu filho, esse Péricles foi um homem de tantos méritos que chegou a dar o seu nome ao século. Ninguém fala da antigüidade sem referir-se ao século de Péricles que foi o quinto século antes de Cristo.

- Faz então mais de dois mil anos que ele viveu?

- Sim. Péricles nasceu no ano de 495 antes de Cristo.

Narizinho fez imediatamente a conta.

- Coisa extraordinária, vovó, um homem ser falado depois de 2.432 anos do seu nascimento!...

- Prova do seu imenso valor, minha filha. A história de Péricles foi contada pelo famoso "contador de vidas" Plutarco, e quem a lê admira-se de encontrar num mesmo homem tantos e tão grandes méritos. Só no físico não foi perfeito, por falta de regularidade na forma do crânio. Péricles tinha uma cabeça como a do Totó Cupim, isto é, com uma bossa no cocuruto. Por isso só se deixava retratar de capacete na cabeça. Tirante esse pequeno defeito, era um homem de grande beleza física, dessas que se aproximam da beleza olímpica.

- Que tipo de beleza é esse?

- A beleza olímpica é a que se caracteriza pela serenidade da força e o perfeito equilíbrio de tudo. Sentimos tal beleza diante das estátuas que representam os deuses do Olimpo.

- E que Olimpo era esse?

- Um monte que havia na Tessália.

- E que Tessália era essa?

Dona Benta suspirou. Para chegar a uma coisa tinha de dar mil voltas explicativas de outras. Os meninos faziam questão de tudo muito bem esclarecidinho.

- A Tessália era uma das partes da Grécia, a qual, como vocês sabem, se compunha de diversos estados independentes mas unidos pela mesma língua, mesma cultura e a mesma religião. Havia a Tessália, o Peloponeso, a Helas e o Epíro, partes, por sua vez, divididas em pequenas repúblicas, como a famosa Ática, de que Atenas era a capital, e a terrível Esparta.

- Bem, continue com o Olimpo.

- Como eu ia dizendo, o Olimpo foi até certo período a morada dos deuses gregos, porque no fim eles acabaram mudando-se para o céu. O governador supremo do Olimpo chamava-se Zeus, que era o deus dos deuses, e mais tarde virou Júpiter, em Roma.

- Isso a senhora já nos contou na "História do Mundo para as Crianças." Doze deuses etc. "Passo."

- Muito bem. Estes deuses compunham o estado-maior das divindades gregas e habitavam a tal montanha do Olimpo. E como eram deuses, isto é, criaturas imortais e em tudo superiores aos

homens, tinham o seu tipo especial de beleza - justamente a chamada beleza "olímpica", isto é, a beleza serena de quem vive liberto das preocupações do medo. Um "mortal", por mais belo que seja, raramente poderá revelar a beleza olímpica, porque tem o físico marcado pelas preocupações morais e materiais do mundo, filhas do medo. Com os deuses não era assim. Preocupações morais, nenhuma; eles estavam acima da Moral e do Medo. Cuidados materiais, também nenhuns; eles desconheciam as doenças e alimentavam-se da maravilhosa ambrosia. Para bebida tinham o néctar.

- Como era essa tal ambrosia e esse tal néctar? -

perguntou a menina.

- Não sei; mas no nosso mergulho na Grécia Antiga vocês poderão ficar sabendo.

- Não quero só saber - disse Emília - quero ver e

provar. Para mim, o néctar há de ser qualquer coisa como o mel das abelhas - o mel dos deuses. Já a ambrosia não imagino o que seja.

- Pois é - continuou Dona Benta. - Como os deuses viviam dessa maneira, sem cuidados, sem temor, sem a nossa terrível pressão da luta pela vida, foram adquirindo um tipo de beleza que não é da terra: a beleza olímpica. Entre nós aparecem às vezes criaturas que lembram os deuses gregos - e dizemos que têm a beleza olímpica. O poeta francês Teófilo Gautier foi assim. Parecia um deus.

- E Péricles também?

- Pelo que Plutarco e outros disseram, Péricles tinha a majestade dos deuses do Olimpo. Isso, por fora. Por dentro, a mesma coisa. Sua inteligência revelava a profundidade das verdadeiras inteligências.

- Há inteligências não verdadeiras, vovó?

- É o que mais vemos neste mundo, meu filho. Inteligências de muita vivacidade, muito brilho, mas pouca penetração. Como o ouro-besouro, que tem só o aspecto exterior, não as qualidades do ouro verdadeiro. A inteligência de Péricles pertencia à classe das verdadeiras, das que penetram no fundo das coisas e compreendem. Por isso foi o maior homem de seu tempo, o maior orador, o maior

estrategista, o maior estadista que governou Atenas por vontade expressa do povo. Nas mais livres eleições que ainda houve no mundo, saía sempre triunfante. Pois apesar de tão longo tempo de ditadura - mas ditadura à moda grega, consentida pelo povo e anualmente renovada por vontade do povo - Péricles teve a glória de dizer o que disse na hora da morte.

- Que foi?

- Ele estava moribundo, com os amigos em redor de sua cama. Todos o elogiavam; um falava na sua grandeza como orador; outro gabava os seus dotes de estadista; outro louvava a sua capacidade como general. Em dado momento Péricles interrompeu-os para dizer: "Vocês esquecem a coisa mais notável da minha vida, que é que vou morrer sem que nenhum ateniense haja posto luto por culpa minha."

- Que beleza para o mundo se na hora da morte todos os chefes de Estado pudessem dizer o mesmo!...
- observou a menina.

- E além de ter sido esse chefe ideal - prosseguiu Dona Benta - foi o maior amigo das artes. Graças a Péricles, Atenas se transformou numa obra-prima de arquitetura e escultura.

- Que maravilha! - exclamou Pedrinho. - Agora compreendo porque ainda hoje tanto se fala na Grécia. Mas uma coisa estou sem saber, vovó: a verdadeira causa desse povo ter chegado a essa altura. Deve existir um segredinho.

- Liberdade, meu filho. Bom governo. A coisa teve início quando um legislador de gênio chamado Sólon, fez as leis da democracia. Antes disso a Grécia estava em plena desordem, com o povo escravizado a senhores. Sólon endireitou tudo; e como era poeta, deixou o justíssimo elogio de sua própria obra nuns versos que todas as crianças gregas sabiam de cor.

- Como eram?

- "Aos que sofriam o jugo da escravidão e tremiam diante dum senhor, eu dei a independência. E tomo o testemunho dos deuses ao afirmar que a terra da Grécia, da qual arranquei os grilhões, hoje é livre." Isso quer dizer que as leis de Sólon deram aos gregos a verdadeira liberdade, a maior que um

povo ainda gozou. Conseqüência: tudo se desenvolveu de modo felicíssimo.

- Por quê?

- Porque para o homem o clima "certo" é um só: o da liberdade. Só nesse clima o homem se sente feliz e prospera harmoniosamente. Quando muda o clima e a liberdade desaparece, vem a tristeza, a aflição, o desespero e a decadência. Como dou a vocês a máxima liberdade, todos vivem no maior contentamento, a inventar e realizar tremendas aventuras.

Mas se eu fosse uma avó má, das que amarram os

netos com os cordéis do "não pode" - não pode isto, não pode aquilo, sem dar as razões do "não pode" - vocês viveriam tristes e amarelos, ou jururus, que é como ficam as criaturas sem liberdade de movimentos e sem o direito de dizer o que sentem e pensam. A Grécia, meus filhos, foi o Sítio do Picapau Amarelo da antigüidade, foi a terra da Imaginação às soltas. Por isso floresceu como um pé de ipê. A arquitetura e a escultura chegaram

a um ponto que até hoje nos espanta. O pensamento enriqueceu-se das mais belas idéias que o mundo conhece - e deu flores raríssimas, como a sabedoria de Sócrates e Platão...

- Que coisa gostosa viver na Grécia daquele tempo! - exclamou Pedrinho, com um suspiro de nostalgia.

- Sim, meus filhos. A vida lá era um prazer - era o prazer dessa mesma liberdade que vocês gozam no sítio. O prazer de sonhar e criar a verdade e a beleza. Nunca houve no mundo tão intensa produção de beleza como na Grécia - e o que ainda há de beleza no mundo moderno é pálida herança da vida de lá.

- Viva o Sítio do Picapau Amarelo da antigüidade! -berrou Emília - e as ondas do mar, como um eco repetiram: Viva! Viva!...



III - Desembarque na Grécia de Péricles

O "Beija-flor das Ondas" já havia penetrado em mares gregos. Pelo binóculo Emília pôde ver a linha

das costas.

- Terra! Terra! Estamos chegando... Uma hora depois o iate entrava no Porto do Pireu e descia a âncora. Os meninos olharam. Um porto como todos os portos. Moderno. Carregadores, automóveis, fardos e caixões, guinchos de máquinas, tudo muito desenxabido. Não interessou.

- Nem vale a pena descer, vovó - disse Pedrinho. – O verdadeiro é darmos daqui mesmo o mergulho no século de Péricles.

Todos concordaram e, fechando os olhos, fizeram tchibum! Foram sair lá adiante, em plena Grécia de Péricles. Tudo mudou como por encanto. O porto ainda era o mesmo, mas estava coalhado de navios muito diferentes dos de hoje. Nada de chaminés fumacentas; só mastros, com muito cordame e velas branquinhas.

Dona Benta desceu ao cais com os netos, a Emília e o Visconde fardado de comandante; e a primeira coisa que notou foi a moda da gente do porto. Tudo 'diferente das modas modernas. Nada de calças e paletós para os homens, e blusas e saias para as mulheres. Os homens vestiam uma túnica de nome chiton.

- Será daí que veio o nome de chitão? - perguntou a Emília.

- Não é "chiton" com som de "x" e acento no "on", Emília. É "quíton". O "ch" no grego tem o som do nosso "q". Esse chiton ou túnica, que você está vendo, constitui uma peça do vestuário dos dois sexos. Roupa debaixo. Por cima vem esse manto, que eles chamam peplo.

Os meninos viram que de fato todos os homens e mulheres traziam por cima do chiton o tal peplo, que não passava dum pedaço de pano quadrado, elegantemente preso ao corpo com alfinetes ou broches.

Emília observou o peplo dum homem que estava parado de prosa com outro, e viu que era de lã.

- Notem que há peplos de lã, algodão e seda - disse Dona Benta - e não só brancos, mas de todas as cores. Aquele ali, de formato um pouco diferente, chama-se clâmide. É o usado pelos elegantes.

As mulheres vestiam uma túnica sem mangas sobre outra peça de vestuário de nome chitonion, que corresponde à camisa das mulheres modernas. E para saírem à rua punham o himation que era o nome

do peplu feminino.

- Oh - exclamou Narizinho - alguns são lindamente bordados. Olhem aquela moça ali...

La passando uma linda jovem com um himation primorosamente bordado a seda. Não usava meias, e nos pés trazia elegantes sandálias.

- E olhe o calçado dos homens - disse Pedrinho. – São borzeguins amarrados com fios.

O movimento urbano não lembrava o das grandes cidades modernas. Nada do tumulto que vemos nesses horrores a que chamamos "ruas centrais". Quase toda gente a pé, caminhando em sossego. De quando em quando, uma liteira trazida por escravos.

- Que diferença, vovó! - disse Pedrinho. - Lá nas cidades modernas a gente anda com o coração nas mãos, porque esbarra num, recebe um tranco de outro; e se vamos atravessar uma rua, dez automóveis fedorentos precipitam-se para nos esmagar. Aqui este sossego. Que maravilha! Agora compreendo por que esta gente pensou tantas coisas bonitas - é que não vivia atropelada, como nós, pelas horríveis máquinas que o demônio do progresso inventou.

Narizinho pensava a mesma coisa.

- Esta nossa vinda ao Pireu, vovó, me recorda uma impressão do Rio. Quando a gente sai daquela inferneira da Avenida Rio Branco e penetra na calma e velha Rua do Ouvidor, parece que muda o mundo - porque ali não há máquinas. Pode-se andar livremente pelo asfalto sem a tortura dos automóveis e ônibus infernizantes e até se ouve o rumor dos passos no chão, um tchá, tchá, tchá arrastadinho, que é uma delícia. Que pena o tal progresso do mundo...

Dona Benta concordou que o progresso mecânico só servia para amargurar a existência dos homens.

As ruas, feitas originariamente para os pedestres, foram invadidas pelas máquinas de correr e de empestar o ar com o fedor da gasolina – máquinas tremendamente destruidoras, que fazem mais vítimas num ano do que as fizeram na Grécia Antiga todos os Minotauros e Quimeras.

- Só nos Estados Unidos morrem por ano oito mil crianças esmagadas pelos automóveis.

- Oito mil, vovó? - espantou-se a menina.

- Sim, minha filha. Imagine quanto sofrimento criado por essas hecatombes de tantos milheiros de Narizinhos e Pedrinhos. Com duas vovós, para cada um, temos dezesseis mil vovós que anualmente perderam os netos, devorados pelos minotauros mecânicos...

- Mas então, vovó, o progresso mecânico é um erro - observou Pedrinho.

- Talvez seja, mas não podemos fugir dele porque é também uma fatalidade. Com as suas invenções constantes, o progresso nos empurra para a frente - para delícias e também para mais tumulto, mais correria, mais pressa, mais insegurança, mais inquietude, mais guerra, mais horror. Essa é a razão da loucura estar tomando conta dos homens. Comparem a expressão sossegada destes gregos com a dos homens que vimos nas grandes capitais modernas, de cara amarrada, toda rugas, muitas vezes falando sozinhos.

- Sim, vovó, todos aqui me parecem olímpicos.

- É que todos estão livres do atropelo e cultivam uma sábia ginástica, de modo que adquirem esse corpo cheio de força e beleza que vocês estão vendo. Até as roupas que eles usam deixam os modernos envergonhados.

- Os homens modernos - disse Emília - vestem-se de canudos de cores tristes. Dois canudos para as pernas - as calças. Dois canudos para os braços - o paletó. E há o colete e a mania dos bolsos.

Naquele sujeito que estive lá no sítio contei dezesseis bolsos. Cada bolso para uma coisa. Carregam um bazar consigo: tesourinha, canivete, lenço, carteira, porta-níqueis, relógio, piteira de filtro, algodão para piteira, cigarros, óculos, fósforos ou acendedor de gasolina, caneta-tinteiro, lápis, selos, caderno de endereços, alfinetes, papéis, listinhas de jogo do bicho etc. Os homens modernos são verdadeiras bestas de carga. Já aqui, nada disso. Estes gregos não carregam nada – só trazem para a rua a sua beleza, o seu sossego e a sua serenidade, coisas que não precisam de bolsos. Agora é que estou compreendendo como é grotesco o vestuário moderno...

- Você tocou num ponto interessante, minha filha. Na verdade, só nesta Grécia as criaturas humanas acertaram com a arte de vestir. Usam roupas que não ofendem as formas do corpo humano, que não

deformam grotescamente as linhas do nosso corpo. Quando fazemos desfilar as modas masculinas e femininas que vão desta Grécia até nós modernos, ficamos assombrados da imbecilidade e mau gosto dos que se afastaram dos gregos. As modas medievais, as modas da Espanha, da Inglaterra do tempo da Rainha Isabel, as modas do tempo dos Luíses em França e as nossas grotescas modas modernas são coisas que nos fazem pensar pensamentos tristes, porque provam como vamos perdendo o senso da beleza. A feiúra "moderna" é um caso sério...

- Se é! - exclamou Emília. - Naquela festa do casamento da Candoca eu me regalei de rir com a tal feiúra moderna. Aqueles homens de casaca!... Uma vestimenta preta como carvão, curtinha na frente e com dois rabos atrás... Quando eles andam, os dois rabos vão abanando... Dois rabos! Os chimpanzés bisavôs dos homens modernos tinham um rabo só - os seus netos modernos inventaram mais um.. Rabos de pano preto, que feiúra! E quando saem para a rua, põem na cabeça uns canudos de chaminé chamados cartolas - e mostram-se orgulhosíssimos com os rabos atrás e o pedaço de chaminé na cabeça, o mesmo orgulho dos selvagens africanos que se enfeitam de penas de rabos de avestruz, só que um rabo de pena é muito mais decente que um rabo de pano preto. A senhora tem razão: a feiúra do vestuário moderno é um caso sério...

E a falarem na feiúra dos rabos modernos, Dona Benta e os meninos entraram por uma rua de maior movimento, onde sem querer deram na vista dos passantes. Diversos curiosos rodearam-nos. Aquela velha vestida dum modo exótico, de saia e paletó de quartinho, acompanhada de crianças esquisitas, causou-lhes espécie. Estavam acostumados a ver estranhas criaturas vindas da Ásia, mas aquelas constituíam novidades. Perguntaram-lhe donde vinham.

- Estamos chegando do Picapau Amarelo - respondeu Dona Benta.

A resposta deixou os gregos na mesma. Ninguém desconfiava onde pudesse ser o tal "país" do Picapau Amarelo. Dona Benta ponderou que se fosse explicar tudo direitinho, ficaria ali muito tempo. Teria de fazer um verdadeiro curso de história; contar todo o desenvolvimento do mundo desde o ano 438 antes de Cristo, que era aquele, até 1939 depois de Cristo, que fora o da sua partida

do sítio; e narrar a descoberta da América pelo Senhor Cristóvão Colombo; e a do Brasil pelo Senhor Cabral; e esclarecê-los sobre todas as invenções realizadas, desde a da pólvora até a da televisão - e explicar o automóvel, o cinema, o rádio, o telefone, o fósforo, o açúcar, as geladeiras, a correria moderna, a aflição dos povos, a guerra da Espanha e da China, os aviões que lançam bombas nos inocentes, os submarinos que afundam navios de passageiros - tudo, tudo, tudo. E tudo inútil, porque aqueles gregos não compreenderiam nada de nada.

Em vista disso, Dona Benta limitou-se a dizer:

- Somos de fora, dum país distante, e queremos fazer uma visitinha ao Senhor Péricles. Poderão dizer-nos onde ele mora?

- Mora em Atenas, a 40 estádios daqui.

- Quanto é isso, vovó? - cochichou Pedrinho.

- O estádio, meu filho, é uma medida de distância dos gregos, correspondente a 200 metros. Ora, se Atenas está a 40 estádios do Pireu, temos de caminhar a pé oito quilômetros, porque não estou vendo aqui nenhum veículo que nos conduza.

Mas os "picapaus" eram rijos na marcha, de modo que em pouco mais de uma hora entraram em Atenas, onde novamente indagaram de Péricles.

Um passante informou:

- A senhora segue por aqui, e a meio estádio adiante vira à esquerda e passa pelo Agora. Lá pergunta de novo. Fica perto.

Dona Benta agradeceu a informação e pôs-se em marcha com o bandinho. Seguiu por aqui, virou à esquerda lá adiante, chegou ao Agora.

- E agora? - disse Pedrinho.

- Agora temos de perguntar de novo, meu filho. Isto por aqui é o Agora, a sala de visitas da cidade, onde os gregos se reúnem para debater os negócios públicos e particulares.

Os meninos olharam. Era uma praça cheia de edifícios públicos, templos, casas de negócio. O

coração cívico da cidade.

- Ótima coisa - disse Pedrinho. - É pena as cidades modernas não terem conservado este sistema de ágoras. Aqui está tudo que é comum a todos; o resto da cidade é particular. Até lojas - vejam...

Sim, era ali também o centro comercial, com as tendas de tecidos, vasos, gêneros de alimentação e todas as mais coisas que se vendem. As compras eram feitas pelos escravos; os cidadãos atenienses nunca perdiam tempo com isso. A vida deles era conversar, discutir filosofia, dizer mal de Péricles; gozar o presente, em suma. Também era no Agora que se realizavam certas votações.

- Muito bem - disse Dona Benta, depois de visto o Agora.

- Temos agora de saber onde fica a residência do Senhor Péricles - e pediu informação a um grego de bela presença que vinha passando.

- Vou justamente para lá, minha senhora - respondeu ele.

- Tenha a bondade de acompanhar-me.

- Como são polidos! - observou Narizinho. - Deve ser um gosto viver nesta cidade.

Dona Benta seguiu ao lado do gentil ateniense, com os meninos atrás. Emília disfarçadamente apalpou-lhe a barra da clâmide, para ver de que fazenda era.

- Também de lã - cochichou para Narizinho, piscando.

Dona Benta ia ferrada na prosa.

- Pois é. Chegamos hoje dum país remotíssimo e fazemos questão de conhecer o grande Péricles. Sua fama é a dum homem de méritos excepcionais.

- Sou suspeito para falar - disse o grego - porque o tenho na conta do meu maior amigo; mas de coração subscrevo suas palavras, minha senhora. Péricles é um homem perfeito.

- É amigo dele? Que bom...

- Sim, e graças a Péricles estou dirigindo a construção do templo de Palas Atena e de todos os mais monumentos da cidade.

Dona Benta quase desmaiou ao ouvir essas palavras.

Deteve-se, atônita, e disse, com os olhos fitos no grego:

- Será possível, meu Deus? Será possível que eu esteja diante de Fídias, o maior escultor de todos os tempos?

O grego sorriu.

- Não sei, minha senhora, se está diante do maior escultor de todos os tempos; mas diante de Fídias está, porque Fídias sou eu.

O assombro da boa velha não tinha limites. Olhava e reolhava para o famoso grego como se quisesse devorá-lo.

Depois chamou os netos.

- Pedrinho, Narizinho, venham cá! Quero que vocês façam uma coisa que nenhuma criança moderna ainda fez: que conheçam Fídias, o maior escultor de todos os tempos. Ele está agora dirigindo a construção do Partenão, ou o templo de Palas Atena, que é, como já expliquei, a grande obra-prima da arquitetura grega.

Os meninos plantaram-se diante de Fídias e regalaram-se de vê-lo. O escultor fez uma festinha no queixo de Narizinho - e teve de fazer outra no de Emília, que muito lambetamente foi logo espichando o seu.

Fídias estranhou o Visconde.

- Quem é este ente, minha senhora? Nada mais difícil do que explicar a um Fídias quem era o Visconde de Sabugosa, de modo que para sair-se da dificuldade Dona Benta limitou-se a dizer que era também seu neto - um neto vegetal. Fídias não entendeu. Apenas disse, com os olhos postos no "sabinho":

- Extraordinário! Dos confins da Ásia aparecem-nos aqui, às vezes, uns tipos bastante curiosos no físico e nos trajes - mas como este senhor ainda não vi nenhum.

- Ele é sabugo! - berrou Emília.

O grego ficou na mesma, porque naquele tempo ninguém sabia de sabugos. O milho só se espalhou

pelo mundo depois da descoberta da América, da qual é originário.

Dona Benta explicou isso ao grego, e ainda estava a falar das várias espécies de milho existentes, inclusive o de pipoca e o que dá o bom fubá mimoso, quando chegaram diante duma bela residência.

Fídias parou.

- É aqui, minha senhora - disse ele. - Vou avisar o meu amigo. Tenha a bondade de esperar um minutinho. Infelizmente, a dona da casa não está. Aspásia fez viagem. Só volta amanhã.

Lá dentro Fídias encontrou Péricles no seu gabinete de trabalho.

- Então? - disse este, erguendo-se. - Já decidi sobre aquela prega do peplo de Atena?

- Depois falaremos disso. Vais agora atender a uns visitantes que me parecem absolutamente extraordinários - uma velhota com umas crianças. São metecos (ESTRANGEIROS) Encontrei-as no Agora, de boca aberta para tudo; e como me perguntassem de tua casa, respondi-lhes que me seguissem. Vim conversando com a velha. Interessantíssima! Parece doida. Só diz coisas absurdas, loucas - mas duma loucura perfeitamente raciocinante. Vale a pena atendê-la.

Péricles foi em pessoa receber Dona Benta. Fê-la entrar com os netos para um agradável pátio de mármore, com bancos também de mármore e uma fonte no centro, de água muito límpida a cair por uma boca de leão dentro dum tanque retangular. Formosas estátuas viam-se por ali, e vasos, e pinturas murais.

Ao avistar-se com o grande homem que dera o nome ao século, Dona Benta sentiu as pernas moles. Que sonho!

Ela, a humilde Dona Benta Encerrabodes de Oliveira, lá do Sítio do Picapau Amarelo, ali - ali no ano 438 A. E, naquele pátio de mármore, diante do maior estadista da antigüidade!... Felizmente o hábito de viver no mundo das maravilhas tinha-a deixado muito segura de si. Do contrário, nem ânimo de falar teria. Mas falou - e muito bem.

- Senhor Péricles - disse Dona Benta com a maior calma - grande estranheza vos deve causar a presença em vossa casa duma pobre velhinha seguida de seus netos, e pela prosa que já tive com o

Senhor Fídias vejo que é difícil para criaturas modernas, como nós, fazerem-se entendidas de um grego da Idade de Ouro. Porque eu sou moderníssima, Senhor Péricles, sou do ano de 1939 da Era Cristã, e venho dum continente que só daqui a 1930 anos será descoberto pelo navegador genovês Cristóvão Colombo...



IV - Em casa de Péricles

Ao ouvir tais palavras, Péricles olhou para Fídias com ar de quem não estava entendendo coisa nenhuma. Era Cristã? Novo continente? Cristóvão Colombo? A resposta do escultor ao olhar de Péricles foi um sorriso que Dona Benta compreendeu: estavam a julgada de miolo mole. E tentou explicar:

- Sim, Senhor Péricles, reconheço que estamos numa situação bem estranha. Aqui tudo é presente; é o ano 438 antes de Cristo; mas é o "seu" presente, Senhor Péricles, não o meu. O meu presente é o ano de 1939 depois de Cristo, e sou dum país que para os gregos de hoje só daqui a dezenove séculos começará a existir – o Brasil.

Péricles sorriu e disse:

- Sua cronologia não está certa, minha senhora. O ano que corre não é nenhum 438 antes de Cristo - sim o 3.º da 85.a Olimpíada. Contamos o tempo pelas Olimpíadas, sabe o que são?

- Sim, são os jogos atléticos que, de quatro em quatro anos, se realizam na cidade de Olímpia.

Péricles não se admirou de Dona Benta saber aquilo, porque era coisa que ninguém ignorava; mas arregalou os olhos ao ouvi-la dizer que essa contagem do tempo iria ser substituída no futuro por outra, em que o ano 1.º seria o da morte de Cristo.

- Quem é esse Cristo? Algum novo Milon de Crotona? (O mais famoso atleta grego, seis vezes vencedor nos Jogos Olímpicos e sete vezes nos Jogos Píticos. Certa ocasião deu a volta ao estádio com um touro ao ombro, e ao chegar ao fim matou-o com um soco e comeu-o inteirinho durante o dia. Célebre não só pela sua desmesurada força física como pela inteligência e cultura. Foi um dos

grandes matemáticos da escola de Pitágoras.)

- Não, Senhor Péricles. Cristo foi o homem que veio pregar a idéia nova de que a nossa alma é imortal e nossa vida na terra não passa dum momento. Foi o filho de Deus.

Os deuses gregos eram os do Olimpo, humanos demais e duma vida muito cheia de escândalos, de modo que os homens de alta inteligência, como Péricles, interiormente se riam deles, considerando-os simples criações da imaginação do povo. Ao ouvir Dona Benta falar em Deus e filho de Deus, Péricles sorriu. Imaginou estar diante de uma velha mística que sonhava um novo deus - e mudou de assunto.

- E que a traz por aqui, minha senhora?

- O desejo de conhecer um momentinho da idade do Ouro da Grécia, justamente a que coincide com o governo do Senhor Péricles. Toda esta sua Atenas de hoje vai desaparecer, destruída pelas guerras de invasão. O maravilhoso Partenão, que o Senhor Fídias está construindo, será cruelmente maltratado. Um dos vossos sucessores na chefia do partido popular, Senhor Péricles, será o primeiro profanador desse templo, daqui a 140 anos. Laquerés, chamar-se-á ele.

Péricles sorriu para Fídias, que se conservava muito atento. Dona Benta continuou:

- Para acudir às despesas militares, Laquerés tirará

todo o ouro que ornamenta a estátua de Atena. Mas a cidade de Atenas será sitiada por Demétrio Poliorcete, um dos generais que sucederão a Alexandre o Grande – e será tomada. Laquerés fugirá. Demétrio instalar-se-á no Partenão e transformará o santuário da deusa em teatro das suas orgias...

A segurança com que a velhinha anunciava tais coisas provocou um certo mal-estar nos dois gregos.

Dona Benta prosseguiu:

- A estátua de marfim e ouro de Palas Atena desaparecerá aos pedaços, perder-se-á para sempre.

Durará menos de século e meio a vossa obra-prima, Senhor Fídias, mas a fama dessa escultura ficará eterna.

- E depois desse começo de destruição, minha senhora? - indagou Péricles.

- O Paternão será no século 7.º da era de Cristo transformado na Igreja de Santa Sofia - respondeu Dona Benta. - Sofrerá deformações horrendas. A arte desse tempo já não será mais esta puríssima arte de hoje, sim o barbarismo bizantino. Se pudésseis ver como ficará o vosso primoroso templo, certo que choraríeis de desespero e vergonha, meus senhores. E a desgraça não parará aí. Atenas cairá nas mãos dos turcos, que por sua vez transformarão a Igreja de Santa Sofia em mesquita muçulmana. Os ornamentos de mármore, essas maravilhas de hoje, serão arrancadas, destruídas... No ano de 1867 Atenas será bloqueada pelos venezianos, e bombardeada. Uma bomba cairá no Partenão, pondo fogo à pólvora que os turcos depositarão lá. A frisa de oito colunas do pórtico norte e mais seis colunas do pórtico sul desabarão. O chefe dos venezianos vencedores prosseguirá na obra da pólvora; arrancará da frontaria os cavalos e o carro de Atenas, e tão desastadamente que os reduzirá a farelo. Logo depois um nobre inglês, Lorde Elgin, retirará sessenta e tantos metros de esculturas da frisa e quase todas as estátuas dos frontões, bem como as métopes e as venderá ao governo inglês, por 35.000 libras esterlinas. O Museu Britânico, em Londres, passará daí por diante a ser o possuidor desses fragmentos imortais...

Aquelas palavras surpreenderam enormemente aos dois gregos; breve, porém, o cepticismo lhes voltou, e foi sorrindo que Péricles disse:

- Nunca imaginei encontrar uma vidente da sua força, minha senhora. As pitonisas que temos usam a linguagem vaga, nunca descem a pormenores de tanta precisão, nem citam nomes e datas.

- Não sou vidente, meu senhor - disse a boa velha. – Os videntes vêem o que está por vir; mas eu acabo de chegar do futuro, isto é, do que para os senhores vai ser o futuro e é o presente para mim. Os fatos que anunciei, e os senhores tomaram como previsão do futuro, são para mim velhíssimas coisas já realizadas, porque estão localizadas entre o "meu" presente e o presente dos senhores. Não estou visualizando o futuro – estou recordando o passado...

Era impossível aos dois gregos a aceitação de semelhante teoria; e, pois, continuaram na sua atitude de cepticismo, embora no íntimo fortemente abalados.

- Já que a senhora "sabe" o futuro - disse Péricles, conte-nos qual vai ser o resultado da guerra do Peloponeso.

Dona Benta respondeu sem vacilação:

- Durará vinte e sete anos e será o fim do período áureo da Grécia. Sereis acusado de promotor dessa luta desastrosíssima, Senhor Péricles, mas a posteridade vos fará justiça, lançando-a à conta da velha rivalidade entre Atenas e Esparta. A guerra tinha de vir, como o pinto tem de sair da casca depois de finda a incubação do ovo. E a Grécia, combalida pelo esforço, não resistirá aos golpes de Alexandre da Macedônia – será escravizada...

- E qual o meu fim, minha senhora? - perguntou ainda Péricles.

- O grande Péricles manter-se-á no governo até o fim de seus dias, e morrerá vítima da grande peste que assolará Atenas. Sua morte será no ano 429 - daqui a 9 anos... e marcará também o começo da morte desta Atenas gloriosíssima. A cidade subsistirá por séculos e séculos, mas tão transformada em seu povo e em tudo, que se Péricles pudesse ver com os seus próprios olhos o que os meus viram hoje de manhã ao chegarmos ao Porto do Pireu, não reconheceria na Atenas de 1939 esta maravilhosa Atenas em que estamos.

- ?

- Sim, porque nós demos um mergulho. Quando o iate ancorou no Pireu, Pedrinho e Narizinho desinteressaram-se imediatamente da Atenas moderna entrevista de bordo; e com o célebre tchihum! mergulharam nesta sua Atenas, Senhor Péricles, que a mim sempre me seduziu do modo mais singular.

- Mas... qual a verdadeira razão desse tchihum!, minha senhora? - balbuciou Péricles.

Dona Benta teve de contar toda a história do Picapau Amarelo, a mudança para lá dos personagens da Fábula e a grande festa do casamento de Branca de Neve, interrompida pela invasão dos monstros. (O PICAPAU AMARELO)

- E nesse desastre, Senhor Péricles, tivemos a má sorte de perder a nossa querida cozinheira

Nastácia. Os meninos supõem que ela tenha sido aprisionada por algum daqueles monstros e trazida para aqui...

- Para aqui? - espantou-se o grego.

- Não propriamente para aqui, Senhor Péricles, mas para a Grécia ainda mais antiga do tempo miceniano - a Grécia da era dos fabulosos heróis de Tebas.

- Mas se esses monstros; como a senhora disse, estavam no tal Picapau Amarelo, como pensa encontrá-los num passado que até para nós, os gregos de hoje, já é tão remoto?

- Ah, meu senhor, a invasão dos monstros destruiu a nossa obra de mudança para o Picapau Amarelo de todo o mundo da Fábula. Sumiram-se de lá aqueles príncipes, princesas e heróis - Codadade, Branca de Neve, Peter Pan, Capinha Vermelha, Aladino, Belerofonte e até o nosso bom amigo D. Quixote, com o seu leal escudeiro Sancho. As terras que comprei aos fazendeiros vizinhos para acomodação dos personagens da Fábula, e que num instante se encheram de castelos e palácios maravilhosos, reduziram-se de novo ao que eram antes - murraria nua, com muito sapé, barba de bode e formigueiros de saúva.

- E para onde foram tais personagens?

- Para as suas antigas moradas, evidentemente. Uns voltaram para os livros; outros, para o Oriente; outros, para a Grécia Antiga, donde tinham vindo.

- Quais eram esses?

- Inúmeros! Tive a honra, Senhor Péricles, de hospedar em minha casa ao herói Belerofonte e mais ao Pégaso - e também estive em meu terreiro a triste Quimera de três cabeças. Mas nas novas terras adquiridas ficaram morando os demais, e foi lá, no palácio do Príncipe Codadade, que se realizou a tal festa interrompida pela invasão dos monstros. Que cena! Estou a vê-la... Um bando enorme de centauros, faunos, sátiros, grifos, hipogrifos, hidras, esfinges, minotauros, assaltou o palácio numa galopada louca. Fugi para o sítio com meus netos, mas a pobre tia Nastácia se perdeu no tumulto. Resolvemos então empreender esta viagem à Grécia em procura da nossa boa cozinheira. Há de estar

nas unhas dum daqueles monstros. Partimos no iate "Beija-flor das Ondas", a antiga "Hiena dos Mares" do célebre Capitão Gancho - e de caminho paramos aqui para conhecer a Atenas do período áureo. Eis tudo...

Por mais incompreensível que fosse a história da velhinha, suas palavras causaram profunda impressão nos dois gregos. Péricles voltou-se para Fídias:

- Meu amigo, sou forçado a confessar que nem em sonho jamais me defrontei com situação semelhante. O que esta vidente diz não forma sentido, mas impressiona-me, atordoia-me. Por quê? Haverá algum fundo de verdade em suas revelações?

Fídias também estava abalado. Tudo quanto ouvira era absurdíssimo - mas novo e impressionante, dessas coisas que nos empastelam as idéias e nos deixam de olhos muito abertos, parados...

- E estas crianças? São seus netos? - perguntou o estadista grego, para mudar de assunto.

- Sim. Esta aqui é a Narizinho; e este, o Pedrinho, filho da Antonica. E esta é a Emília, Marquesa de Rabicó - uma boneca de pano que tia Nastácia fez e misteriosamente foi mudando até virar no que é hoje: gatinha de verdade.

Péricles olhou para Fídias. A linguagem da velha teimava em ser tão estranha quão ininteligível.

- E esse outro? - disse, apontando para o Visconde.

- Ah, este é o Visconde de Sabugosa, um sábio. Está agora no comando do "Beija-flor das Ondas", o navio que nos trouxe do Picapau ao Pireu - e contou a história inteira do sabuguinho científico.

Péricles não podia entender coisa nenhuma de coisa nenhuma, nem sequer o que fosse "sabugo", já que o milho era planta ignorada dos gregos.

- Suas palavras, minha senhora - disse ele - formam sentido, mas as coisas que elas expressam não formam sentido nenhum. Sou um homem de bastante experiência, mas sinceramente confesso que nunca me encontrei num embaraço como o de hoje. Fico sem saber o que pensar, e muito duvidoso da minha inteligência...

- E é natural, Senhor Péricles - respondeu Dona Benta. - Se as nossas posições se invertessem, eu

estaria ainda mais tonta que o senhor. Isto é um caso de choque entre o Futuro e o Passado...



V - Discussões em Atenas

Enquanto se desenvolvia a conversa de Dona Benta com os dois gregos, os meninos examinavam as estátuas, os móveis, as pinturas das paredes.

- Coitados! - exclamou Narizinho. - Estão completamente tontos. Não entendem nada do que vovó diz.

- Pois eu estou entendendo tudo nesta casa, e estou até adivinhando que ali dentro é o lugar dos comes - cochichou Emília, apontando para uma sala vizinha. - Vamos espiar?

Espiaram pela porta. Sala das refeições, sim. Uma escrava punha à mesa o almoço de Péricles - pão, queijo, mel, vinho, uvas e figos - daqueles maduríssimos que fazem vir água à boca.

Narizinho e Pedrinho lamberam os beiços. A servente sorriu e aproximou-se com três figos na mão, um para cada um.

- Quem no mundo vai acreditar - disse Narizinho, abrindo o seu - que já comemos figos na casa de Péricles? E que bom está! Um melado...

A escrava não entendeu - nem podia entender, mas levou-os para dentro, a mostrar a casa. Móveis lindos, mas discretos. Tudo muito elegante e sóbrio. Pedrinho achou graça nas lâmpadas de azeite.

- Isto é o tal candeeiro que vovó conta que havia na casa do pai dela. Aqui a gente põe o azeite; aqui é a mecha. Engraçado, não?

- Não é assim também na terra onde vocês moram? - perguntou a escrava.

- Foi assim - respondeu Pedrinho. - Hoje temos a eletricidade - a luz elétrica.

- É algum azeite especial? Pedrinho deu uma risada gostosa e bobeou-a:

- Sim, é um azeite feito de vibrações do éter.

A pobre escrava ficou na mesma.

Narizinho estranhou muito o sistema de mesas dali.

Baixinhas, tendo em redor, em vez de cadeiras, coxins.

Os gregos comiam reclinados em coxins.

- Só que não vejo talheres. Que é dos talheres, escrava? - perguntou Emília.

A escrava não entendeu - nem podia entender, porque naquele tempo todos comiam com as mãos.

Ao saber disso, a ex-boneca berrou:

- Ché! Quando vem à mesa um peru assado, como se arranjam?

A escrava não sabia nada sobre o peru, que Pedrinho lembrou ser originário da América do Norte, e, portanto, desconhecido dos gregos.

- Mas pavões há por aqui - disse Narizinho, vendo uma pena de pavão espetada na parede.

- Sim - disse a escrava - e lindos. Querem ver? E levou-os a visitar a meia dúzia de lindos pavões do aviário de Péricles.

Lá no pátio o grande heleno continuava de prosa com a velha. Discutiam política.

- Vencemos a aristocracia, minha senhora - dizia ele. - Hoje a Grécia é positivamente governada pelo povo. Sólon revelou gênio ao conceber a nossa forma de governo. Não há imposição dum homem. O governante é escolhido pelo povo. Eu, por exemplo, executo o que o povo deseja - e por isso me reelegem.

- O senhor é um caso excepcional - argumentou Dona Benta - diz que segue os desejos do povo, mas na realidade a sua inteligência e os seus excelentes discursos é que fazem o povo desejar isto ou aquilo. Quem realmente governa é o senhor, não o povo.

- Vejo que a senhora possui um alto descortino psicológico - disse Péricles sorrindo. - O povo tem muito das crianças. Quer ser conduzido - mas com

aparências de que é ele quem de fato conduz e manda. O meu sistema, entretanto, é nada querer em contrário aos interesses do povo. Sou o intérprete desses interesses - e o esclarecedor da cidade.

Esta minha idéia de fazer de Atenas uma obra-prima de arte é hoje a idéia de todos os atenienses.

Consegui passá-la de meu cérebro para o de todos - e sinto grande satisfação ao ver o orgulho dos

atenienses quando os visitantes se deslumbram com a nossa cidade.

- Noto um erro nas suas palavras quando se refere a "povo", Senhor Péricles. Não é o povo quem governa Atenas, sim a pequena classe dos cidadãos. Povo é a população inteira e aqui há 400 mil escravos que não têm o direito de voto. Isto é injusto e será fatal à Grécia.

Péricles muito se admirou daquele modo de ver.

- Mas eles são escravos, minha senhora! Escravo é escravo.

- Engano seu, Senhor Péricles. Pelo fato de ser escravo, um homem não deixa de ser homem; e uma sociedade que divide os homens em livres e escravos, está condenada a desaparecer.

Essa idéia fez o grego sorrir.

- Acha então que pode haver uma sociedade sem escravos e senhores? Quem fará os trabalhos pesados?

- Uma sociedade justa não pode ter escravos, Senhor Péricles, e nela todos os trabalhos serão feitos por homens livres. Assim é lá no mundo moderno donde vim. Bem sei que aqui todos pensam como o senhor, e até o grande filósofo Aristóteles, que para os gregos de hoje ainda vai nascer daqui a 54 anos, dirá na abertura de seu tratado sobre a Política, estas palavras absurdas:

"Os homens dividem-se naturalmente em escravos e senhores." Está errado. Artificialmente é que é assim; naturalmente, não. Já no meu país também tivemos escravos, até o ano de 1888 que foi quando a Princesa Isabel, a Redentora, promulgou a Lei 13 de Maio, também chamada Lei Áurea. Foi o fim da escravidão no Brasil.

Péricles abriu a boca. Ele julgava perfeita a forma social de Atenas e aquela misteriosa criatura tinha o topete de dizer que não...

Dona Benta mudou de assunto.

- Pois, Senhor Péricles, saiba que o problema de governar os povos talvez não seja resolvido nunca.

Na era em que vivo, a 2377 anos daqui, o problema continua cada vez mais ameaçador. Fazem-se experiências de toda sorte. Uns povos se inclinam para a democracia, que é como chamam esta forma

grega de governar; outros estão sob as unhas da ditadura; outros tentam um comunismo que nada tem com o que Platão sonhou.

- Que Platão?

- Um grande filósofo que ainda está no calcanhar da avó e irá nascer justamente no ano da sua morte, Senhor Péricles, em 429 A. E. Esse filósofo sonhou uma forma de governo adiantada demais para criaturas tão imperfeitas como os homens, mas mesmo assim os modernos do meu tempo tentam pô-la em prática. Outros povos experimentam uma coisa chamada "totalitarismo", em que o Estado é tudo e nós, as pessoas, menos que moscas. Neste regime o indivíduo não passa de grão de areia do Estado.

- Mas não há Estado, minha senhora! - disse Péricles. Isso é uma idéia abstrata. O que há são criaturas humanas com interesses em conflito; a política não passa da arte de harmonizar esses interesses individuais com um máximo de benefício geral. O meu governo não é mais que isso.

- O sonho é esse, Senhor Péricles, mas a realidade para a qual caminhamos afastar-se-á muito dessa sensatíssima concepção. A pobre humanidade, depois de tremendas lutas para escapar à escravização aos reis, caiu na escravização, pior ainda, ao Estado - à palavra Estado.

- Quer dizer que no futuro os reis de carne e osso serão substituídos por um "som" - o som "Estado?"

- Sim, e isso virá fazer mais mal ao mundo do que todos os velhos reis reunidos, somados e multiplicados uns pelos outros. Esta forma democrática de Atenas tropicará no meio do caminho. Será destruída pela palavra "Estado", que crescerá e dominará tudo até chegar à forma "totalitária" em que o som "Estado" é o total, e nós, os indivíduos, simples pulgas.

Péricles ficou meditativo. Aquela revelação vinha contrariar as suas idéias sobre a continuidade do progresso humano.

- Então... então a prova provada de que uma forma de governo é boa não tem valor nenhum? O progresso não é uma consolidação de conquista?

- Nem na arte é assim, Senhor Péricles. Ao ver aqui em sua casa estas maravilhas da escultura grega, sinto pontadas no fígado.

- Por que, minha senhora?

- Porque o futuro vai afastar-se disto...

- Como? Não admite então que nestas estátuas há o máximo de beleza que os escultores já conseguiram?

- Admito, sim - mas "sei" que no futuro isto será motejado, e esta beleza substituída por outra, isto é, pelo horrendo grotesco que para os meus modernos constituirá a última palavra da beleza. Como prova do que estou dizendo vou mostrar um papel que por acaso tenho aqui na bolsa - e Dona Benta tirou da bolsa uma página de "arte moderna", onde havia a reprodução dumas esculturas e pinturas cubistas e futuristas.

Péricles olhou para aquilo com espanto, e mostrou-o a Fídias.

- Mas é simplesmente grotesco, minha senhora! – disse depois. - Estas esculturas lembram-me obras rudimentares dos bárbaros da Ásia e das regiões núbias abaixo do Egito...

- Pois não são. São as maravilhas que embasacam os povos mais cultos do meu tempo - a 2377 anos daqui...

Os dois gregos ficaram literalmente tontos, sem saber o que pensar. As revelações da estranha velhota vinham opor-se a todas as suas idéias sobre a marcha indefinida do progresso humano.

Totalitarismo, cubismo, futurismo... Pobre humanidade!



VI - Fídias nocaute

O escultor grego, depois de dar um profundo suspiro, não teve ânimo de ouvir mais. Deixou Dona Benta engalfinhada com Péricles sobre um ponto da política de Atenas e foi conversar com os meninos lá no pátio dos pavões.

- Conhecem estas aves? - perguntou-lhes ao vê-los tão interessados na roda que os pavões abriam.

- Muito. Temos por lá quanta ave existe - pavões como estes, papagaios, periquitos, curiós, perus - respondeu Emília. - A única novidade que Narizinho encontra em Atenas é o sossego, diz ela.

- Está então gostando de Atenas? - perguntou o grego à menina.

- Muito. Por mim, mudava-me para cá só pelo gosto de comer estes figos. Um mel!

- Atenas é uma cidade realmente gostosa - disse

Pedrinho. - Só isso da gente poder brincar nas ruas sem o menor perigo, quanto não vale?

- Lá na sua terra não é assim?

- Nem queira saber! As nossas ruas são sinônimos de inferno. Uma barulheira horrível de automóveis que não respeitam cara. Atravessar uma rua é um problema.

- Automóveis? Que é isso?

- Ah, são uns carros de ferro que andam sem cavalos, isto é, têm os cavalos dentro, H. P. ou Horse-Power, em inglês.

Fídias não entendia nada de nada.

- E que é que puxa esses carros?

- Não são puxados, são empurrados pelo motor que há interiormente.

- Como? Explique-me o mistério. Que motor é esse?

- Motor é uma máquina que usa as explosões da gasolina para produzir cavalos de força.

Fídias franziu a testa. Máquina? Explosões? Gasolina? Cavalos de força? Não entendia nada...

- Você, menino, fala uma linguagem que me é inteiramente nova. Não entendo palavra do que me diz.

Emília deu uma risada gostosa.

- Engraçado! Vivemos no nosso mundo moderno a falar da inteligência grega e no entanto os gregos não entendem nem o que qualquer negrinho lá do sítio entende...

- Isso nada tem que ver com a inteligência – observou Narizinho. - É que a vida mudou muito por causa das invenções, e um homem daqui está claro

que não pode entender a linguagem da vida moderna. Agora é que estou vendo como as invenções mudaram o mundo. À menor coisa que a gente diga, eles abrem a boca.

- Realmente - disse Fídias - a linguagem que vocês usam me deixa tonto.

Pedrinho riu-se.

- Ah, se o senhor aparecesse no nosso mundo, por um só dia que fosse... Que tontura, hein Narizinho?

Ele num cinema, num avião...

- Nem precisava isso - respondeu a menina. - Ele num trem ou no bonde...

- Que trem ou que bonde, Narizinho! - berrou Emília. - Ele diante dum homem fumando. Bastava isso.

Sabe o que é um cigarro, senhor "marmorista?"

O escultor fez cara de ponto de interrogação.

- Pois é um foguinho, uma brasa que os homens chupam. Sai uma fumaça...

- Fumaça?

- Sim. O cigarro é um rolinho de papel com fumo dentro...

- Papel?

- Ou palha de milho... Papel é uma espécie de papiro feito em fábricas. Os homens enrolam o fumo picado e acendem o roletinho com um tição, ou com fósforo, ou com o acendedor...

- Fumo? Fósforo? Acendedor?...

- Ou isqueiro. Na roça a caipirada só usa isqueiro - mais barato. Acendem. Fica uma brasinha na ponta. E chupam a fumaça que sai, e soltam essa fumaça para o ar - assim! - e Emília imitou o gesto do fumante que solta uma baforada.

Fídias estava cada vez mais bobo.

- E para que isso? - perguntou.

- À toa - respondeu a Emília. - Por gosto. Dizem que é gostoso - mas eu acho fedorentamente horrível. O fumo tem uma tal nicotina que é venenosa. Dizem que uma só gota na língua dum cachorro mata o cachorro.

- Quer dizer então que eles chupam a fumaça dum veneno?

- Tal e qual.

- E não morrem envenenados?

- Muitos até engordam. Os médicos dizem que a nicotina é um grande veneno, mas os fumantes respondem "Qual o que!" Lá no sítio há o tio Barnabé, um negro de mais de noventa anos, que não tira o cachimbo da boca. Os médicos dizem que se ele não fumasse estaria já com cem anos.

- Cachimbo? - repetiu Fídias.

- Sim, é um cigarro de barro em vez de papel – continuou Emília. - Um potinho de barro na ponta dum canudo – o canudo de pito. Tio Barnabé bota fumo picado no potinho e uma brasa em cima e chupa aquela fumaça fedorentíssima...

Fídias começou a suar, e mais ainda quando Narizinho lhe perguntou: - E o rádio, então? Sabe o que é?

- ?

- Um sistema da gente falar aqui e ser ouvida no fim do mundo no mesmíssimo instante. E o cinema? E as fitas do Walt Disney? Nem queira saber, Senhor Fídias! "Branca de Neve e os Sete Anões" foi um assombro. Vi quatro vezes. A Emília ficou apaixonada pelo Dunga...

- Dunga? Disney? Fitas?...

Os meninos riam-se do atrapalhamento do grande homem.

Por fim a ex-boneca achou que nem valia a pena conversar.

- Estamos perdendo o tempo, Narizinho. O "marmorista" só sabe abrir a boca e arregalar os olhos.

Não tem a menor idéia do mundo em que vivemos - e afastou-se do grupo para ver se filava mais um figo.

Narizinho e Pedrinho tentaram explicar ao escultor muita coisa moderna; por fim desistiram. Ele sabia menos que um aluno de qualquer grupo escolar. Ignorava as coisas mais simples, como a redondeza da terra, o tamanho do sol.

- De que tamanho o senhor pensa que é o sol? – perguntou a menina.

Fídias suava, suava.

- Tivemos aqui um filósofo - disse ele - que afirmou ser o sol do tamanho do Peloponeso - e por

causa dessa asneira foi expulso da cidade.

- Pois mandem chamar esse homem e expulsem aos que o expulsaram, porque o sol é 334.500 vezes maior que a terra inteira, a qual é milhões e milhões de vezes maior que essa pulga do Peloponeso.

Fídias sorriu da ousada afirmação. Crianças, crianças...

- E como é a forma da terra, Senhor Fídias? – perguntou Pedrinho.

- A terra é côncava e montanhosa, e está sustentada nos ombros do gigantesco Atlante, segundo uns, ou sobre colunas, segundo outros. Na Índia cometem o erro de admitir que o mundo repousa sobre elefantes.

Os meninos deram uma gargalhada gostosa.

- A terra é redonda, Senhor Fídias, e gira solta no espaço em redor do sol. Está mais que provado.

- Provado?

- Sim. A viagem de circunavegação de Fernão de Magalhães provou pela primeira vez a redondeza da terra. Hoje até é bobagem falar nisso. Quem duvidar, que suba a um avião e dê a volta; é coisa de três dias. Voando, ou navegando sempre em linha reta, a gente chega ao mesmo ponto de onde partiu.

Fídias estava literalmente apatetado.

- E que é fogo? - perguntou Pedrinho.

- É um dos quatro elementos que formam o mundo.

- Elemento, nada! O fogo é o resultado da combustão do oxigênio. E a água?

- Outro elemento.

- Elemento nada! A água é composta de elementos, isso sim. E de que elementos se compõe a água, vamos ver?

Fídias nem entendeu a pergunta.

- É composta de hidrogênio e oxigênio. A fórmula química da água é H_2O , aprenda. E o ar?

Elemento? Olha a mania dos elementos!... O ar é uma mistura de gases - azoto, oxigênio e umas iscas de hélio, neônio, xenônio e outros gasezinhos vagabundos. E o que é... o que é...

- O que é um figo? - disse Emília que vinha entrando a comer o segundo figo filado.

- Uma fruta - respondeu Fídias.

- Fruta o seu nariz - disse a diabinha. - O figo é uma flor que abre para dentro. A parte que a gente come são os estames. - E voltando-se para a menina:

- Olhe, Narizinho, se nós ficássemos aqui e abrísssemos uma escola para ensinar mil coisas a esta gente, que tacada, hein? São atrasadíssimos...



VII - Visita às obras do Partenão

Depois do almoço, na sala que as crianças já conheciam, Péricles convidou Dona Benta para um pulo ao Partenão, cujas obras estavam quase no fim. A inauguração ia ser naquele ano.

Foram todos, Péricles adiante, a tratar com Fídias de assuntos graves e a boa velhinha atrás, com as crianças.

Narizinho falava em voz cochichada para que os dois gregos não ouvissem.

- São atrasadíssimos, vovó! Num instante deixamos "ele" nocaute - e indicou Fídias com o beijo. -

Nem a forma e os movimentos da terra sabia, calcule...

- Não é assim, minha filha - respondeu Dona Benta. - Os gregos de hoje sabem o que podem saber; claro que não podem saber o que os homens só vão descobrir séculos depois. Apesar disso, a primeira idéia da terra girar em redor do sol nasceu nesta Grécia.

- Como, vovó? Pois se eu estou dizendo que ele não sabe...

- Fídias poderá não saber, nem Péricles, mas quem primeiro lançou a hipótese dos movimentos da terra foi Aristarco, um grego de Samos. Numa obra sobre astronomia, esse Aristarco observou que "o sol é imóvel e a terra gira em redor dele numa curva elíptica, e é além disso, dotada dum movimento de rotação em torno de seu próprio eixo." Afirmou mas não provou; só séculos depois, numa obra publicada em 1543, é que Nicolau Copérnico iria demonstrar isso. Os gregos adivinhavam as coisas.

Diante do Partenão todos pararam, Dona Benta sem fôlego por ter subido a pé uns cem metros da

casa de Péricles até o alto da Acrópole. Acrópole era o nome da colina de pedra sobre a qual se erguia o templo. Dois homens lá estavam aguardando Péricles, o qual, voltando-se para Dona Benta, disse:

- Permita-me que apresente Ictinos e Calícrates, os arquitetos do monumento. Fídias é o superintendente geral. Graças aos três, Atenas pode orgulhar-se deste primor de harmonia e graça que pretendemos inaugurar este ano. Veja. Observe o equilíbrio do conjunto. Não há a menor dissonância em suas linhas.

Dona Benta ergueu os olhos e viu. Viu o que nenhuma criatura moderna jamais viu. Viu o Partenão fresquinho ainda, com andaimes internos, cisco e lascas de mármore pelo chão. Viu e extasiou-se, porque era uma senhora de apurada educação artística.

- Belo, realmente! murmurou depois de alguns instantes de contemplação. - Partenão que eu conhecia em desenhos, isto é, as ruínas do Partenão que chegaram ao meu tempo, mal deixam entrever o que isto na realidade é. Belo, belo, sim...

Enquanto a boa velhinha abria a boca, Ictinos, Calícrates e Péricles afastavam-se e penetravam no templo, a discutirem pormenores do assentamento da estátua da deusa Palas Atena. Fídias ficou de prosa com a visitante.

- O futuro - disse Dona Benta - vai considerar estes mármores a maior obra-prima de todos os tempos, e os séculos venerarão o nome dos seus criadores. A própria fama de Péricles caberá em boa parte à circunstância de ter sido o promotor desta obra.

Fídias, que não sabia que o Partenão fosse tão importante assim, ficou admirado daquelas palavras e começou a falar da oposição de muitos atenienses.

- Apesar do que a senhora diz, quanta luta para chegarmos a este ponto! O povo é incontentável. Por muito que Péricles se esforce, a campanha contra ele não arrefece. A inveja lança mão de todos os meios para ofendê-lo, e não podendo alcançar a pessoa de Péricles, atira-se contra os seus melhores amigos. Eu, que sou um deles, sinto contra mim uma surda corrente subterrânea. Damon, o mestre de

Péricles, foi exilado. Anaxágoras, outro grande amigo e mestre de Péricles, foi denunciado como ímpio - e muito custou obter a sua absolvição. Mesmo assim a luta prosseguiu até forçá-lo a sair de Atenas.

- Anaxágoras, sim... - murmurou Dona Benta, recordando-se das profundas idéias desse filósofo sobre o universo.

Fídias prosseguiu:

- Há ainda o eterno caso de Aspásia. Como a senhora talvez saiba, Péricles divorciou-se da primeira mulher e muito teve de lutar para o segundo casamento. O amor ligou-o a Aspásia desde o primeiro dia, mas as leis de Atenas opunham-se a que um ateniense se casasse com uma miletiana - e Aspásia era de Mileto. Por fim os obstáculos foram removidos e o casamento se fez - mas a mesquinha de seus inimigos não dorme. O implacável Aristófanes persegue-lhe a esposa com infames ironias em suas comédias. Chegaram até ao ponto de conduzirem Aspásia aos tribunais sob acusação de impiedade. Isso deu um trabalhão a Péricles, que teve de defendê-la pessoalmente com todas as forças do seu gênio e do seu coração. Nesse dia até chorou - e foram essas lágrimas que a salvaram.. As crianças haviam penetrado no templo, onde remexiam tudo. Emília botava no bolso pedacinhos de mármore destinados ao seu célebre museu. Dando com uma escada tosca que servia aos pedreiros ocupados no teto, ela berrou:

- Toca a espiar lá em cima, gentarada!...

Subiram todos, e descortinaram o panorama inteiro de Atenas. Emília chegou a ver lá longe, a oito quilômetros de distância, o Porto do Pireu, com o "Beija-flor das Ondas" a destacar-se da maneira mais estranha entre as trirremes da esquadra grega. Umhas quatrocentas havia lá, segundo o cálculo da diabinha.

- A cidade não é grande em comparação com as modernas - observou Pedrinho. - Uns quinhentos mil habitantes, no máximo.

- Mas é linda! Veja quantas brancuras - disse Narizinho. - Deve ser mármore. Quantos monumentos,

hein?

- O mármore aqui é pedra à-toa - lembrou Pedrinho. – Já li que há um tal de Pentélico. Hei de saber do escultor onde fica a pedreira.

- Do que mais gosto é de não ver chaminés de fábricas, nem uma! Que limpeza! Que ar claro e gostoso!

Péricles, que voltara sozinho do interior do templo, começou a explicar a Dona Benta as alegorias do frontão oriental.

- Temos ali - disse ele, apontando com o dedo – a representação do nascimento de Palas Atena, obra de Fídias. Veja que primor.

Dona Benta parecia deslumbrada.

- Maravilha! - exclamou. - Que dó não ter tal obra chegado aos tempos modernos! Estou notando uma coisa: a leve curvatura de todas as linhas retas, ou que deviam ser retas. Estas colunas convergem imperceptivelmente como se fossem reunir-se nas nuvens, e também noto leve curva nas arquitraves, no frontão, em tudo...

- Foi uma das audácias- de Fídias, minha senhora, e parece-me que acertou. Dessa leve curva emana uma leveza que não encontro em nenhum outro monumento.

Péricles sentia-se feliz diante da profunda compreensão da misteriosa velhinha. Até as quase imperceptíveis curvas de Fídias ela apanhara. E passou a explicar o alegórico do frontão.

- Fídias transpôs para o mármore uns versos de Homero que todos os atenienses sabem de cor - disse ele – e recitou: "Começo cantando Palas Atena, a deusa augusta, fértil em sábios conselhos, nobilíssima virgem de coração inflexível, guardiã das cidades, a forte diva que o prudente Zeus fez brotar de sua cabeça, toda revestida de cintilantes armas de ouro. Ao verem-na surgir, brandindo a lança aguda, os imortais pasmaram; o Olimpo estarreceu diante de sua força; a Terra soltou grandes gritos; os mares tumultuaram as ondas; e o filho de Hiperion susteve as rédeas de seus fogosos corcéis até que Palas Atena depusesse' as armas. Zeus irradiava de orgulho." Eis, minha senhora, os

versos que Fídias pôs no mármore.

Dona Benta absorvia-se nas esculturas.

- Sim, vejo ali os corcéis do carro do sol estacados pelo empuxão das rédeas. E vejo a radiância de Zeus. E vejo Palas Atena, sua filha cerebral, depondo as armas para o sossego da Terra...

Péricles explicava, explicava.

- Quando o sol se ergue cada manhã, seus primeiros raios batem neste frontão. A cabeça dos cavalos estremece, e como que eles anunciam com relinchos o nascer do dia. O titã que os conduz retesa-se no empuxão das bridas. Quanta beleza nestes mármore!...

Dona Benta parecia transfigurada. Emudecera.

- E ali naquele ângulo - continuou Péricles - note como os corcéis da Noite surgem suavemente do velhíssimo Oceano. O grande Teseu os sustem...

Dona Benta volveu os olhos para o ponto indicado; Péricles continuou:

- E temos ali Deméter e Perséfone, sua inseparável filha. Note a graça com que Perséfone se apoia ao ombro materno. Ao lado está a inquieta e violenta íris que anunciou ao mundo o nascimento de Atena. E há, ainda, aquela Vitória alada. E há o grupo das Três Parcas, que acho uma extraordinária manifestação do gênio de Fídias.

- Sim - murmurou Dona Benta - vejo ali as três parcas - Cloto, a fiandeira de vidas; Laquesis, a cortadeira do fio da vida; Átropos, a implacável medidora do cumprimento dos fios...

Péricles não deixou de admirar-se do conhecimento da visitante.

- Elas representam Moira, o destino - disse ele. - Estão sentadas e severamente vestidas. A mais moça reclinava-se sobre os joelhos da irmã - e é a sorrir que corta o fio da vida dos mortais...

- Realmente! - murmurou a boa velhinha. - Fídias deu ao grande mito das Três Parcas a melhor das representações.

E como essas figuras de mármore alvíssimo se destacam sobre o fundo vermelho!... Nós lá no mundo moderno sempre imaginamos a escultura grega uniformemente branca - mas aqui observo um sábio

uso das cores. Já notei na frisa que as métopes são vermelhas e os tríglifos são azuis.

Depois de bem examinarem aquele frontão, passaram-se para o lado oposto, onde se via a luta entre Poséidon e Palas Atena a propósito da Ática. Num irresistível ímpeto de dominação, Palas Atena estarrecia com a sua presença os cavalos de Poséidon, o deus dos oceanos.

Atrás de Atena figuravam as cecrópidas Aglaura e Herse, e também o Ilisso - um dos rios que passam por Atenas. E atrás de Poséidon figuravam Tétis, a deusa do mar; Anfitrite, esposa de Poséidon; e a formosa Latona com suas filhas Ártemis e Afrodite. Dona Benta notou que o tridente de Poséidon e o escudo de Atena eram de metal.

- Bronze? - perguntou.

- Sim - respondeu Péricles - o bronze é o melhor companheiro do mármore nas esculturas. Foi Alcamenes o autor deste frontão. Considero-o o melhor discípulo de Fídias.

- Não há dúvida que são dois gênios - disse Dona Benta.

- A posteridade os consagrará - sobretudo ao último. A situação de Fídias na história das artes vai ser a de primus inter pares e seu nome será mais popular e citado no futuro do que o é hoje.

Péricles sorriu com amargor.

- Hoje, minha senhora, o pobre Fídias é atacado e difamado - sobretudo por causa da amizade que nos une. Algumas de suas ousadias estéticas me causam apreensão. No escudo da estátua de Atena, que iremos ver, ele representou-se a si próprio e a mim em duas figuras centrais. Muito receio que o bom povo de Atenas se aproveite disso para uma nova acusação de impiedade.

Dona Benta sabia que ia ser assim, e que por causa daquela inocente bobagenzinha o maior escultor grego morreria na prisão. Mas calou-se. Não teve ânimo de o dizer a Péricles.

Antes de penetrar no templo passaram a examinar as frisas - que eram uma longa alternância de métopes e tríglifos, uma fita de esculturas fragmentadas mas ligadas pelo assunto.

- Quantas métopes, Senhor Péricles?

- Noventa e duas.

Dona Benta estranhou a altura do altorelevo.

- Sim - explicou Péricles - vai até palmo e meio, para que as métopes fiquem harmonizadas com as saliências das cornijas e capiteis. Fídias possui o instinto das proporções justas. Este monumento não passa disto: justeza de proporções.

- E quem esculpiu as métopes?

- Os discípulos de Fídias, segundo seus desenhos. Note o ar de família dessas esculturas. Tudo é água da mesma fonte. Aqui temos o começo da procissão das Panatenéias.

Dona Benta arregalou os olhos.

- Oh, a grande festa à deusa Atenal Sei, sei...

Não havia o que a diaba não soubesse.

- É a mais imponente das nossas festas - e se a senhora permanecer alguns dias em Atenas poderá assistir a uma. Está a chegar.

- Panatenéia: a cerimônia em que os atenienses mudam o peplo da padroeira - lembrou Dona Benta.

- Isso mesmo. Mas note com que finura, com que equilíbrio, os nossos escultores representaram a procissão do peplo. A cena começa aqui e vai se desdobrando até o fim. Abre com os preparativos para a procissão. Estes cavaleiros, montados em belos corcéis da Tessália, apressam-se em seguir os que já partiram. Aquele ali mostra-se ansioso .por que lhe tragam o cavalo. Aquele outro enverga a túnica; aquele outro ata o calçado. Interessante o movimento de impaciência dos cavalos a sacudirem a crina...

- Os cavalos identificam-se com os nossos sentimentos, tanto na guerra como na paz - observou Dona Benta. – Até com os burros é assim, Senhor Péricles. Tenho lá no sítio o Conselheiro. Pois há de crer que esse burro está tão identificado com os meninos como se fosse um membro da família?

Péricles não entendeu e continuou a falar nas esculturas.

- Observe a arte com que os nossos artistas "resumiram" a impaciência dos corcéis - disse ele. -

Sente-se que há no ar moscas importunas.

- Mutucas...

- Só lá na outra extremidade da frisa é que aparecem os deuses, ladeando a entrada do templo. A procissão vai-lhes ao encontro.

Dona Benta não tirava os olhos dos cavalos.

- Quem há de encantar-se com isto é meu neto. Pela-se por cavalos! Mas que fim levou Pedrinho - e os outros? Sumiram-se...

As crianças vinham descendo a escada dos pedreiros e breve apareceram fora do templo.

- Corram aqui! - gritou-lhes Dona Benta. Estão perdendo uma coisa única no mundo - a frisa do Partenão explicada pelo Senhor Péricles.

Os meninos aproximaram-se.

- Que tal acha estes cavalos, Pedrinho? - perguntou Dona Benta. - São da Tessália.

O menino examinou-os com ares de entendido.

- Bons, sim, vovó. São "mangas-largas" legítimos – só que têm o focinho muito fino. Os cavalos que eu conheço não são assim.

- Nem os daqui - disse Péricles. - Os escultores não reproduzem a natureza tal como é. Modificam-na num certo sentido, com uma certa intenção. Arte é isso.

- Mas então o belo não é o natural "escarrado", vovó? - perguntou o menino.

- Não, meu filho. Se fosse, os melhores museus do mundo seriam as escarradeiras, e a maior das artes seria a fotográfica, porque a fotografia reproduz exatamente a natureza. A arte é uma estilização, isto é, uma falsificação da natureza num certo sentido, como acaba de dizer o Senhor Péricles. Você bem sabe que não é nas fotografias que encontramos o belo - é nos desenhos que modificam o real segundo o gosto do desenhista.

Fídias, que também se havia aproximado, estranhou aquela palavra "fotografia" e perguntou o que era. Dona Benta foi obrigada a desenvolver um verdadeiro curso a respeito da invenção de Niepce e Daguerre, e muito naturalmente também falou do cinema, ou a fotografia que reproduz o movimento.

Essa revelação interessou profundamente os dois gregos, embora lhes parecesse a coisa mais absurda do mundo.

- Será possível, minha senhora, que se possa fixar mecanicamente as imagens e reproduzir o movimento de um cavalo a correr, de um homem a andar?

- Possibilíssimo; tão possível que já foi realizado. Considero a invenção da fotografia a melhor que os homens fizeram, porque é a mais pacífica - uma pura invenção da paz. Isso porque há as invenções de guerra, isto é, mais empregadas na guerra do que na paz, como a aviação ou a pólvora.

- Que é pólvora? - quis saber Fídias. Mas Dona Benta não teve ânimo de responder. Teria de iniciar novo curso, e naquela hora o que interessava eram as figuras da frisa.

- E ali? - perguntou, apontando para as métopes seguintes, fingindo não ter ouvido a pergunta do escultor.

- Ali - respondeu Fídias - são os carros que precedem os cavaleiros. Note que são conduzidos por mulheres.

- Que mulheres?

- Figuras simbólicas. Vitórias. Atrás de cada vitória pusemos um guerreiro de pé. Adiante dos carros temos aquele coro de moços e velhos, explicou Fídias caminhando mais uns passos. Estão tocando flautas e liras.

Emília, que os acompanhava muito alerta, meteu o bedelho.

- Lira não se toca - tange-se. - Eles estão tangendo a lira. Tocar, Dona Benta diz que é só para sino ou galinha.

O grego não ouviu.

- E adiante - continuou ele - vemos os ascóforos, ou portadores de odres de couro - são os estrangeiros domiciliados em Atenas.

Emília fez nova graça.

- Se D. Quixote aparecesse, espetava com a lança todos esses odres de vinho.

Dona Benta espantou-a dali.



VIII - A estátua de Palas Atena

Péricles, que se afastara por uns instantes, voltou e retomou a palavra explicando todo o desenvolvimento da extensa frisa até chegar à procissão das virgens atenienses, portadoras de vasos.

E quanta coisa mais naquela frisa! Havia o grupo dos magistrados de Atenas; o dos pontífices etc.

Vinham, por fim, os portadores do novo peplo oferecido à deusa.

Dona Benta admirou grandemente aqueles primores, dos quais a posteridade só iria conhecer fragmentos.

- Tudo isto vai ter vida muito breve - murmurou com tristeza. - Lá no meu tempo, que é a 2.377 anos de hoje, destes mármores só restará o que foi recolhido ao Museu Britânico, em Londres.

- Londres?

- Sim, a capital da Inglaterra.

- Inglaterra?

- Sim, um país que ainda vai nascer e formará o maior império moderno. O Museu Britânico abrigará estes mármores, ou a parte destes mármores que escapará ao martelo do fanatismo barbaresco. O mundo é um perene fazer e desfazer, Senhor Péricles. Aqui nesta Acrópole, o meu século só encontrará ruínas - colunas e lajes roídas pela erosão...

A "vidência" da velhinha possuía algo de impressionante.

Os dois gregos sentiram um aperto na alma.

- Bem - disse Péricles - podemos agora ir ver o Partenão por dentro - e convidou Dona Benta a segui-lo.

Entraram no templo. Ainda havia por lá andaimes e operários entretidos nas decorações. Dona Benta chamou para perto de si os meninos e explicou:

- Aqui é a "pronaos", isto é, a parte que vem antes da "naos". "Naos" é como os gregos chamam à

nave de seus templos, duas palavras que também significam navio. Estas colunas são dóricas, reparem - o estilo mais severo de todos. Notem que saem do chão como troncos de palmeiras, sem que se apoiem em bases, ou plintos... Isto faz que o Partenão nos dê a impressão duma coisa naturalmente brotada do solo; se as colunas se apoiassem em plintos a impressão seria outra - seria de uma coisa colocada sobre o solo.

Os meninos ficaram cientes - e o grupo transpôs o portal que se abria para a "naos", ou o santuário da deusa.

Dona Benta parou, estarecida. Dez majestosas colunas erguiam-se de cada lado, cercando, como sentinelas, a maravilhosa Palas Atena, a mais rica obra-prima da escultura grega. Uma estátua de doze metros de altura sobre um pedestal de três, toda de marfim e ouro. A padroeira de Atenas lá estava em atitude erecta, na sua túnica talar, isto é, que descia até aos pés e sobrava - túnica de pregueamento muito bem estudado e toda de ouro. As partes nuas eram de marfim - os braços, os ombros e o severo rosto olímpico. A morna tonalidade do marfim translúcido dava a sensação da carne.

- Que maravilha! - exclamou Dona Benta deslumbrada. - Tudo ouro, marfim, pedras preciosas e arte - a mais requintada das artes... E pensarmos que este prodígio não chegará aos tempos modernos - será em caminho destruído pela bárbara rudeza dos fanáticos... Martelos e picaretas desfarão tudo isto, de modo que a posteridade só conhecerá esta maravilhosa Palas Atena através das descrições. A obra de Fídias será vítima do muito ouro nela empregado...

Péricles, que a ouvia, deu uma informação curiosa.

- Só no vestuário empatamos 400 talentos de ouro.

- Quanto significa isso em moeda moderna, vovó? - quis saber Pedrinho.

- O talento é a medida do ouro e da prata destes povos. Tem variado de valor com o tempo e o lugar.

Aqui, hoje, o talento ático vale 297 libras esterlinas.

- Cáspite! - exclamou Narizinho - e fez a conta de cabeça. - Quatrocentos talentos de 297 libras dão

118.800 libras - ou seja, 11.880 contos de réis na moeda do Brasil.

Vestido mais caro, nunca houve no mundo.

- E as pedrarias? - observou Dona Benta.

- E o marfim? E o trabalho do artista?

- Repare nos olhos - disse Péricles. São feitos de duas enormes opalas cuja transparência copia o tom dos olhos humanos. Muito nos custou descobrir esse par de gemas...

Com efeito, os olhos de Atena davam a ilusão de vivos.

Dona Benta continuava em êxtase.

- Sinto-me como que diante duma constelação que reduz as obras de arte a simples estrelas. Que riqueza! Que maravilha!...

Ao pé do escudo de Atena havia uma serpente de bronze enroscada no cabo da lança. Pedrinho, que já estivera com Fídias no interior do templo e se informara daquele detalhe, resolveu dar um "tombo" em Dona Benta.

- Vovó sabe tudo - disse ele - mas aposto que não sabe o nome desta serpente.

Dona Benta declarou que de fato não sabia.

- Pois é o Erectônio - disse o menino todo lampeiro – um filho de Hefesto e Átis, que ora é representado assim, sob forma de serpente, ora meio serpente, meio homem. Foi o criador da festa Panatenéia e tinha no corpo duas gotas de sangue da Górgona, uma que matava, outra que fazia viver. Pelo menos foi isso que o Senhor Fídias nos contou. Desta vez vovó ficou nocaute - concluiu ele, piscando para Narizinho.

- E com o maior prazer, meu filho. Não há avó que não se delicie com os nocautes que leva dos netos – respondeu Dona Benta, sorrindo para Péricles.

O estadista grego fez várias observações sobre a inteligência daquelas crianças, e teve de ouvir da boa avó algumas passagens da vida deles lá no sítio.

- Imagine agora, Senhor Péricles, quando voltarem daqui! Os quinaus que vão dar em todos os

"adultos" que tiverem o topete de falar em coisas gregas...

Em seguida Péricles explicou a significação das esculturas em alto-relevo do pedestal.

- Temos aqui uma série de combates, porque foi em consequência destas lutas que Palas Atena emergiu do crânio de Zeus. Nesta face a senhora vê a terrível refrega entre os deuses e os gigantes; nesta outra, o combate das amazonas; e nesta outra, a luta dos Lápitas, com os centauros.

Pedrinho, que andava com os instintos belicosos muito assanhados, quis saber que luta fora essa.

Fídias explicou.

- Os Lápitas eram um antiquíssimo povo da Tessália, cujo rei, Píroto, ao casar-se com Deidamia, caiu na asneira de convidar para a festa os Centauros, os quais, embebedando-se, tentaram raptar a noiva e as mais belas convidadas. Veio a medonha luta. Afinal, os perturbadores da festa foram vencidos e expulsos pelos Lápitas, ajudados pelo heróico Teseu. Eis a história.

- Muito bem - disse Pedrinho. - Na nossa "penetração no fundo da Grécia, havemos de visitar e apresentar cumprimentos a esses Lápitas.

A palavra "penetração" causou espécie aos dois gregos.

- Ah, meus senhores - disse Dona Benta - estes meninos são do chifre furado. Coisa nenhuma os contenta. Vão continuar pela Grécia adentro essa viagem - esta "penetração" no passado. Eu ia com eles, mas já estou de idéias mudadas. Prefiro ficar por aqui com a minha neta Narizinho, enquanto os outros fazem o tal mergulho.

- Sério, vovó?

- Sério, meu filho. Terei mais gosto em passar algum tempo nesta cidade de Péricles, estudando costumes e conversando com vultos eminentes, do que andar à aventura com os monstros da Fábula. Deixo isso para vocês, que estão no período heróico da existência.

- E esta! - exclamou Pedrinho, voltando-se para a Emília e o Visconde. - Temos que afundar na velha Hélade sozinhos...

- E que tem isso? - animou Emília. - Você bem sabe que nas ocasiões difíceis Dona Benta não vale

nada, até atrapalha. Ela que fique coçando estas artes de Atenas. Eu quero façanhas. Sou quixótica...

O Visconde, que nunca fora grande amigo de aventuras, gemeu desculpinhas para não ir.

- Porque, afinal de contas, disse ele, o "Beija-flor" não pode ser largado sem comando no porto.

- Olha o pulha! - exclamou Pedrinho. - Está com o célebre medo, é isso. Não se incomode com o iate.

Rabicó está lá. Vovó o promove a comandante e pronto. Você não escapa, não, Visconde! Há de ir conosco para ver a Hidra de Lerna, e os Centauros, e as Górgonas...

O sabuguinho científico suspirou resignadamente.

Péricles e Fídias não entenderam grande coisa daquela prosa, nem o suspiro do Visconde. Dona Benta teve de explicar, e falou das funções do velho fidalgo nas eternas aventuras dos meninos.

- Como é o único que é consertável - disse ela - os meninos sempre recorrem ao Visconde nas ocasiões de maior perigo.

- Por quê?

- Porque se ele perecer, tia Nastácia faz outro. Esse corpinho que os senhores estão vendo já é o terceiro ou quarto...

Os dois gregos entreolharam-se. Não entendiam coisa nenhuma.

O exame da estátua da deusa continuou.

- Note que Atena traz ao ombro e ao peito a égide - disse Fídias.

- Sim, a égide - repetiu Dona Benta - recordando-se desse termo. Primitivamente queria dizer a pele de cabra que os guerreiros punham ao ombro e ao peito como resguardo. A égide dos deuses era feita da pele da cabra Amaltéia que havia aleitado Zeus. Na égide de Atena o escultor colocara a cabeça da Medusa.

Depois de demorados comentários sobre a égide, os colares, os brincos e a túnica, todos se retiraram da "naos", para irem ver a outra parte do templo que tinha entrada pelos fundos. Nessa parte havia dois recintos - um mais estreito, de nome Epistódomo, e outro mais amplo, de nome Partenão.

- Partenão? Então Partenão é o nome especial disto aqui? - admirou-se Dona Benta.

- Sim - respondeu Fídias. - A parte central, onde está a deusa, é o Hecatômpedos; esta aqui é o Partenão – nome que já anda a denominar o templo inteiro.

- E para que servem estes recintos?

- Para depósito dos tesouros, das oferendas feitas à deusa.

- É a sacristia! - berrou Emília.

Os dois recintos ainda estavam sem função, vazios, com operários trabalhando em remates.

Dona Benta continuou nas suas expansões:

- Que pena, meu Deus! Que pena os modernos só conhecerem as ruínas deste primor! A estupidez humana! O fanatismo religioso! Quantas e quantas maravilhas, únicas no mundo, não foram boçalmente destruídas por esses dois cascos de cavalo...

Péricles contou a história do velho templo que existia naquele ponto e de como veio a idéia de levantar o atual, maior e infinitamente mais rico.

- Atenas entrou numa era de grande prosperidade – disse ele - e quer agradecer a proteção da deusa com uma obra de valor excepcional. Estamos a fazer isto sem olhar a trabalho e despesas. Estamos a fazer o máximo. Que melhor emprego poderíamos dar ao tesouro de Delos?

Na luta com a Pérsia, as repúblicas gregas haviam dado a Atenas o comando supremo. Para isso entregaram-lhe um grande tesouro comum, correspondente a dois e meio milhões de libras esterlinas de hoje. Mas Atenas saiu vitoriosa da luta sem ter necessidade de bulir no tesouro - e Péricles, muito sabiamente, o estava empregando no embelezamento da cidade.

- Ah - exclamou Dona Benta - se todos os tesouros de guerra, isto é, os destinados a destruir, fossem, como o de Delos, empregados em construir! Em que assombro não estaria transformado o mundo moderno...

Péricles olhou para o sol.

- Quase onze horas. Tenho de ir-me para casa.

Aquele "onze horas" pareceu esquisitíssimo a Pedrinho, pois o seu relógio de pulseira marcava

quatro menos dez.

- Onze horas, nada! - disse ele. - Quatro menos dez, isso sim.

Péricles levou-o a uma clepsidra que havia ao lado do templo e apontou para o quadrante. A clepsidra marcava onze horas menos dez minutos.

- Não estou entendendo - disse Pedrinho. - O meu relógio marca pouco menos de quatro - e é um relojinho que não nega fogo.

Travou-se a discussão sobre o assunto, até que descobriram a causa do desencontro. Os gregos contavam as horas a partir do nascer do sol, de modo que o meio-dia moderno era para eles a sétima hora, não a décima segunda, como para nós de hoje. Assim sendo, as onze horas marcadas pela clepsidra do Partenão correspondiam às quatro do relógio de Pedrinho.

Aquele relojinho tornou-se um acontecimento. Péricles e Fídias examinaram-no com a maior atenção.

Dona Benta explicou.

- É a nossa máquina moderna de marcar as horas. Há lá dentro um sistema de rodinhas e peças combinadas, postas em movimento por uma certa mola de aço em espiral. Aqui temos o mostrador, que corresponde ao quadrante da clepsidra.

O pequeno aparelho causou o maior assombro aos dois homens que, por mais que se esforçassem, não conseguiam entendê-lo. Dona Benta souou para dar uma idéia do maquinismo.

Chegou por fim o momento de separarem-se.

- Pois, minha senhora - disse Péricles - muito gosto me deu a sua resolução de ficar em Atenas enquanto os meninos dão lá o tal "mergulho no passado", que não sei o que seja. E faço questão de tê-la como minha hóspede.

- Não sei como agradecer tamanha honra, Senhor Péricles. Não conheço aqui ninguém, nem sei de hotéis. Minha intenção era ficar a bordo do "Beija-flor"; mas já que me oferece hospedagem, aceito. Ficarei em Atenas com a minha neta, enquanto os outros fazem a "penetração". Tenho agora de ir ao iate para uns arranjos. Mais tarde aparecerei em sua casa...

- Ótimo - disse Péricles. - Espera-la-emos para o jantar. Quero que conheça alguns dos meus amigos.

- Adeus, Senhor Péricles! Adeus, Senhor Fídias! – disse Dona Benta afastando-se.

E lá se foi para o "Beija-flor das Ondas", com a criançada a correr na frente.



IX - O pó número dois

Lá no Pireu o "Beija-flor das Ondas" estava rodeado de pequenas embarcações repletas de curiosos.

Os gregos não cessavam de admirar o estranhíssimo iate que misteriosamente aparecera no porto.

Embora fosse barco de proporções muito modestas, parecia um colosso comparado às trirremes gregas e mais embarcações mercantes ali ancoradas.

Quando o bandinho de Dona Benta chegou ao cais, nenhum dos cinco pôde conter o riso. Sentado à proa do iate estava o Excelentíssimo Senhor Marquês de Rabicó, de boné de Imediato na cabeça e binóculo em punho. De vez em quando olhava ao longe, displicentemente.

- O malandro! - exclamou Pedrinho. - Vejam a importância dele, a bancar o almirante para todos estes basbaques...

A multidão dos curiosos não entendia nada de nada. Não entendia o iate e ainda menos aquele porquinho de boné, tão senhor de si, lá na proa.

As trirremes gregas chamaram a atenção do menino.

- Repare, vovó, que elegantes e leves são.

- Na realidade, meu filho, estas embarcações primam pela leveza. Basta dizer que já têm sido transportadas por terra dum ponto do mar a outro. Medem mais ou menos quarenta metros de comprimento e cinco de largura, e são levadas por duzentos remadores dispostos em três filas, uma por cima da outra. Daí o nome de trirremes ou barcos de três ordens de remos. Há ainda as birremes, com duas ordens de remos. São embarcações que calam muito pouco...

- Pouco? - berrou Emília. - Calam-se até demais. Estão caladíssimas, não ouço o menor som vindo delas.

- Em linguagem náutica, Emília, calar quer dizer outra coisa; quer dizer "afundar nágua". Como são muito leves, as trirremes só afundam, ou só calam, um metro, mais ou menos. O nosso iate cala três metros.

- E a velocidade? - perguntou Pedrinho. - Quantas milhas fazem por hora?

- A história conta dum trajeto de 150 léguas em três dias feito pela trirreme de Teopompo, um corsário de Milet que Lisandro despachou para levar a notícia duma vitória. Cento e cinquenta léguas são 900 quilômetros, o que dá 300 quilômetros por dia, ou 12 e meio por hora, isto é, quase 7 milhas.

- Mas isso é marcha de lesma, vovó - caçoou o menino.

- Não, meu filho. Para um barco de remo é velocidade ótima. Daí os triunfos dos gregos no mar. Na célebre batalha de Salamina, travada com a frota de Xerxes, rei da Pérsia, no ano 480 A. E...

- Sei, sei! - interrompeu Pedrinho. - Em Salamina, Temístocles derrotou a esquadra persa. E por falar: se essa batalha foi em 480 A. C, ou a só quarenta e dois anos de hoje, ainda devem existir por aqui alguns veteranos de Salamina.

- Possibilíssimo. Qualquer desses marujos sessentões aqui no cais pode muito bem ter sido um guerreiro daquela época.

Pedrinho prestou bastante atenção num deles, para decorar-lhe a cara. "Quando voltar ao sítio posso afirmar que contemplei com meus olhos um veterano de Salamina."

Ao vê-los aparecer no navio, Rabicó perdeu imediatamente a importância.

- Que há de novo por aqui? - perguntou Pedrinho.

- Nada, tudo em ordem, respondeu o "Imediato." Só essa multidão de patetas que rodeiam o "Beija-flor". Estão assombradíssimos. Nunca viram colosso maior.

Dona Benta e Narizinho foram arrumar as malas enquanto Pedrinho e os outros discutiam pormenores da "penetração."

- Eu levo a minha maleta - disse Emília.

- E eu, só o bodoque - disse Pedrinho. - Quanto menos carregarmos, melhor.

O Visconde não levava coisa nenhuma, porque jamais possuiu qualquer coisa além da célebre cartolinha.

Agora, porém, estava de boné de capitão. Isso o atrapalhou. Que levar a cartola ou o boné? Emília resolveu o caso.

- Leve a cartolinha. O boné pertence ao guarda-roupa de bordo.

O Visconde não discutiu; botou a cartolinha na cabeça e pronto.

Dirigiram-se ao camarote de Dona Benta.

- Já estamos preparados para o mergulho, vovó! - disse o menino.

Dona Benta correu os olhos pelos três. Viu-os em ordem.

- Pois está bem - declarou. - Podem partir. Mas, olhe, Senhor Pedrinho, muita cautela, hein? Não se esqueça de que já perdemos tia Nastácia.

- Provisoriamente, vovó! - completou o menino. - Juro que hei de trazê-la viva ou morta.

- Morta não quero. Enterrem-na por lá mesmo. E vocês também não me voltem mortos. Quero-os bem vivinhos e perfeitos. A viagem é das mais perigosas. Em todo caso, como até na lua já estiveram, tenho confiança em que ainda desta vez tudo correrá bem.

- Fique sossegada, vovó. Apesar daquilo lá ser um viveiro de hidras e heróis tebanos, eu aposto em mim mesmo. Hei de ir, ver e vencer - e trazer tia Nastácia, ainda que seja de rastos. A senhora não me conhece, vovó...

Dona Benta riu-se de tanta bravura.

Tudo pronto, Pedrinho tirou do bolso um canudo de taquara com um pó dentro - um pó diferente do antigo pirlimpimpim, chamado "pó número 2." Despejou um montinho na palma da mão e dividiu-o em três pitadas - uma para Emília, outra para o Visconde, a última para si.

- Temos que aspirá-lo ao mesmo tempo, quando eu disser "Três." Vamos! Um... dois... e...

- Espere! - berrou Emília. - Ia me esquecendo duma coisa - e tirando do bolso um pequeno embrulho,

entregou-o a Dona Benta: "Faça o favor de entregar este presentinho à escrava."

- Que escrava, Emília?

- A que nos deu aqueles figos. Pronto, Pedrinho! Podemos partir.

Pedrinho contou novamente - Um... dois... e TRÊS!

As pitadinhas de pó foram aspiradas a um tempo, sem perda de uma só isca - e como por encanto os três pequenos heróis desapareceram do iate.

Dona Benta sentiu a célebre pontada no coração.

- Ai, ai! Já estou arrependida de haver dado o meu consentimento. É capaz de acontecer qualquer coisa a Pedrinho...

- Claro que vai acontecer muita coisa, vovó - disse a menina. - Mas que tem isso? Acontece e desacontece, como sempre. Eles sabem sair-se dos maiores apuros. Não se aflija à toa.

Dona Benta continuou a suspirar; dez minutos depois, entrando, já se esquecera daquilo. A boa velhinha era bem como tia Nastácia dizia: "Sinhá até parece mais criança que as crianças, credo!"

Bom. Restava agora ir para a residência de Péricles.

- E estamos na horinha, vovó. Lembre-se que ele nos espera para o jantar.

Dona Benta, que andara demais naquele dia, queixou-se de cansaço.

- Como há de ser para chegarmos até lá, minha filha? Meus pés já não agüentam.

- Não há táxis?...

- O veículo de Atenas é a liteira, mas são todas particulares. Não me consta que existam liteiras-táxi...

- Vamos descer, vovó. Lá embaixo resolveremos.

Desceram, com as malas no lombo de Rabicó.

Assim que puseram o pé no cais, um homem de corpo alentado aproximou-se respeitosamente.

- Minha senhora, o Estratego manda pôr à vossa disposição a sua liteira - disse ele apontando para uma liteira estacionada ali perto, ladeada de cinco latagões. Eram escravos de Péricles.

Dona Benta respirou. "Ora graças!" e encaminhou-se para o veículo.

Narizinho, porém, revoltou-se. Não podia admitir que seres humanos fossem usados como bestas de transporte.

- Não tenho coragem de entrar nisso, vovó! Desaforo. Gente como nós a nos carregar. Nunca! E ainda chamam a isto democracia...

- Menina, cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso. Entre. Vá protestando, mas entre...

Narizinho entrou, a resmungar.

Dona Benta foi se reclinando na liteira ao modo da época. Lindo veículo, muito sóbrio, sem os exageros do luxo inútil. Em todas as coisas os gregos revelavam o seu fino senso da justa medida.

- Estratego, vovó? Que história de Estratego é essa, que o liteiro disse?

- É o posto de Péricles no governo.

- Ele não é rei, então?

- É e não é. Não é, porque legalmente não há mais reis em Atenas; e é, porque realmente quem manda é ele. O nome de seu posto, entretanto, é "Estratego", uma espécie de general que também cuida dos negócios administrativos. Em Atenas existem ainda nove Arcontes, magistrados que substituíram o rei, embora não herdem o posto, nem sejam eleitos.

- Então como é?...

- São escolhidos pela Sorte, minha filha, um sistema que acho menos perigoso que o da eleição. Os arcontes fazem como os reis da Inglaterra: reinam, mas não governam. Quem realmente governa são os Estrategos, equivalentes aos modernos Ministros de Estado. Péricles corresponde a um Primeiro-Ministro da Inglaterra.

O balanço da liteira era suave. "A gente até descansa nestes veículos - são camas que se movem" – observou Dona Benta.

- São mas é um grandíssimo desaforo - disse a menina. - Na primeira ocasião hei de reclamar do Senhor Péricles contra semelhante abuso. Gente como nós a carregar marmanjos! Onde já se viu isto?

As ruas de Atenas, embora bastante movimentadas, não tinham o atropelo das ruas modernas. A maioria dos pedestres era composta de escravos. Os cidadãos saíam quase sempre em suas liteiras.

- Como há escravos por aqui! - admirou-se Narizinho.

- Muitos, minha filha. Cerca de 400 mil.

- E cidadãos?

- Uns 30 mil no máximo.

A distância entre o porto e a residência de Péricles foi vencida em pouco mais de uma hora, sem nenhum cansaço para as "transportadas." A canseira na Grécia não cabia aos cidadãos.

Ao atravessarem o Agora viram um homem a discorrer num grupo de moços. "Será Sócrates?" - pensou consigo Dona Benta.

Dali à residência do Estratego era um pulo.

- Que beleza, Atenas, vovó! Estátuas por toda parte, monumentos...

- Nunca houve no mundo, minha filha, um centro mais cheio de arte - e que arte! A de Fídias e seus grandes discípulos... O simples fato de ser Fídias o diretor-geral da construção de Atenas, quanto não representa? Que cidade no mundo já teve maior honra?

A liteira parou diante da casa de Péricles. Dona Benta, velhinha no cerne, pulou como se tivesse vinte anos. O mordomo Evângelo veio recebê-la e foi avisar o patrão, o qual apareceu e disse:

- Atenas inteira só fala no estranho navio ancorado no Pireu e na maravilhosa vidente que nos dá a honra de sua visita.

- Mas eu não sou vidente, Senhor Estratego. Já expliquei...

Péricles sorriu.

- Há explicações duma inutilidade absoluta. Para nós a senhora é vidente porque vê ou sabe o que não vemos nem sabemos.

- E Dona Aspásia? Já veio?

- Sim, chegou hoje, e está a arder de curiosidade.

Péricles atravessou o pátio de braço dado a Dona Benta e de mão na mão de Narizinho. Dirigiu-se à sala de jantar, repleta de convidados.

- Meus amigos -- disse ele, entrando - tenho a honra de apresentar-vos Dona Benta Encerrabodes de Oliveira, do Picapau Amarelo, e sua gentil neta Narizinho...

Um "oh" grego escapou de todas as bocas.



X - Nos campos da Tessália

A ação do pó aspirado pelos três "penetradores" era muito semelhante à do clorofórmio. Eles perdiam a consciência e só acordavam quando atingiam o "tempo" a visitar. Naquele dia, o tempo em que desejavam acordar era o século XV antes de Cristo, justamente o em que se realizavam as famosas façanhas de Hércules.

O primeiro a despertar foi Pedrinho. Olhou. Tudo em redor lhe pareceu atrapalhado, girando - mas tudo se foi assentando, parando de girar, até que ele pôde ver onde se achava: um campo com montanhas azuis ao longe.

Pedrinho examinou o capim: era diferente do de lá do sítio. O mato, os arbustos também eram diferentes. E aquelas manchas brancas no pasto? Firmou a vista. "Ah, carneiros, sim..."

A seu lado ainda jaziam no sono Emília e o Visconde. Só acordaram minutos depois.

O menino apontou para os carneiros.

- Onde há rebanho há pastor - disse ele - Temos de procurar o pastor daquele rebanho.

Levantaram-se os três e foram, e a duzentos metros dali descobriram o pastor sentado numa pedra tocando flauta.

Assim que os viu, largou a flauta e arregalou os olhos, espantadíssimo.

- Somos amigos! - gritou Pedrinho de longe.

Era bem jovem esse pastor, aí duns vinte anos no máximo.

Cabelos em caracóis, belo de rosto e de corpo, vestido rusticamente como todos os pastores dos

poemas. Mas continuava de olhos arregalados, sem saber o que pensar.

Aquelas três figurinhas surgidas diante dele em trajes tão exóticos estavam a atrapalhar-lhe as idéias.

- Somos amigos - repetiu Pedrinho, achegando-se e

sentando-se. - Viemos de muitíssimo longe para uma visita a estas plagas e a estes tempos. Meu nome

é Pedro Encerrabodes de Oliveira. Esta aqui é a Emília, Marquesa de Rabicó - e aquele ali, de

cartolinha, é o Visconde de Sabugosa, um "sabinho."

O pastor nada dizia. Continuava no ar, tonto.

- Talvez seja surdo, Pedrinho - lembrou Emília. - Berre mais alto.

Não era surdez, não; era espanto de achar-se na frente de criaturas incompreensíveis. Afinal, vendo-

as desarmadas e com aspecto de boa paz, o pastor foi voltando a si e falou:

- Mas... quem são? Donde vêm?

- Já expliquei. Viemos do Picapau Amarelo. Somos exploradores do tempo graças a um pó mágico

que nos leva a qualquer século que queiramos visitar. Que terras são estas aqui, que montanha é

aquela acolá, quem é o rei deste país? Vamos fale.

O pastorzinho ainda gaguejou um pouco; por fim falou, contou que aquilo por ali era a Tessália, e a

montanha azul era o Olimpo.

- O Olimpo? O Monte Olimpo onde moram os deuses?

- Sim...

Os três "penetradores" arregalaram os olhos para a montanha azul.

- Que maravilha! -- exclamou Pedrinho. - E que sorte a nossa! Acordamos exatamente onde

queríamos acordar. Sabe, pastor, que a nossa intenção é, antes de mais nada, subirmos àquela

montanha para uma visita à morada dos deuses?

O pastor fez cara de idiota.

- Sim - confirmou Emília. - Vamos subir ao Olimpo para ver os deuses e esclarecer um ponto que nos

está preocupando muito, que é saber a verdade a respeito do tal néctar e da tal ambrosia. O néctar eu

imagino o que seja - mais ou menos um mel. Já da ambrosia não faço a menor idéia. Queremos ver, cheirar, provar essas maravilhosas substâncias.

O pastor deu uma risada gostosa.

- Que absurdo! Nunca, nunca, jamais, em tempo algum, houve mortal que subisse ao Olimpo e conhecesse a bebida e a comida dos deuses. Os raios de Zeus fulminariam instantaneamente o doido que em tal pensasse.

- Pois não somos doidos e pensamos nisso – declarou Emília - e havemos de subir ao Olimpo e regalar-nos com o néctar e a ambrosia. Temos feito tanta coisa prodigiosa, que isso de subir ao Olimpo é o que lá no sítio chamamos "café pequeno."

- Mas é loucura! - gritou o pastor, apavorado.

Emília deu uma risada.

- Você não nos conhece, menino! Somos do arco-da-velha. Até ali o Senhor Visconde, que é um sabugo, já está célebre.

O Visconde suspirou.

- É verdade. Tenho realizado grandes prodígios, como este, por exemplo, de andar pelo mundo com a canastrinha da Senhora Marquesa às costas, ai, ai...

Emília explicou:

- Ele é um sábio, e os sábios só gostam de carregar coisas na cabeça. São assim porque as coisas que a gente carrega na cabeça não pesam. É a preguiça. Mas nestas expedições eu gosto de ter comigo certos "apreparos", que nos momentos de apuros nos são preciosos e por isso viajo com a minha canastrinha - e quem tem de carregá-la é ele, porque é o mais fraco de todos, é a lei do mundo é o forte despertar para a esquerda, isto é, abusar do fraco. E a culpa, senhor pastor, é do Visconde mesmo, que nos andou ensinando as teorias dum Darwin, que disse que a vida é um combate que aos fracos abate e aos fortes e aos bravos só pode exaltar...

- Pare, Emília! - gritou Pedrinho. - Parece que o pó embebedou você. Isso não é Darwin, é um verso

do poeta Gonçalves Dias. Pare de falar.

Emília parou, não em obediência ao grito, mas porque saíra a correr atrás dum cordeirinho desgarrado do rebanho.

- De quem são estes animais? - perguntou o menino.

- De meu pai, que é azeitoneiro no burgo próximo.

- Enlatador de azeitonas?

A palavra "enlatador" não foi compreendida pelo pastorzinho.

- Meu pai cultiva oliveiras - disse ele.

- Que interessante! - exclamou Pedrinho. - O nome de minha família é Oliveira, o mesmo nome da árvore que produz a azeitona e que com tanta abundância aparece aqui. Mas lá em nossa terra só existem azeitonas em latas.

- Latas? - repetiu o pastor.

Foi difícil ao menino explicar a significação de lata, pois naquele tempo as vasilhas eram quase que exclusivamente feitas de barro. Vasilhas de folha não existiam. A diferença de mentalidade entre ele e o pastor era tão grande, que a menor coisa reclamava explicações complementares - e inúteis, porque o pastor ficava na mesma.

Emília voltou, arrastando o cordeirinho pela orelha.

- Malvada! Largue-o. Não vê como a ovelha-mãe está berrando aflita?

- Balindo - corrigiu Emília. - Quem berra sou eu. - Disse e sentou-se com o cordeirinho ao colo.

- E por falar - murmurou Pedrinho dirigindo-se ao pastor - não viu por aqui uma preta velha, de lenço vermelho na cabeça? A razão da nossa viagem é justamente procurá-la - e contou toda a história da festa no palácio do Príncipe Codadade, o assalto dos monstros da Fábula e por fim o desaparecimento da tia.

- Sumiu-se, a pobre, no grande tumulto que houve. Mas temos esperança de que esteja viva, apenas aprisionada por algum desses monstros. Como é pretíssima e como os monstros gregos estão

acostumados a só comer gente branca, talvez que...

- Que jeito tem essa criatura? - perguntou o pastor.

- Uma beijuda - respondeu Emília - com reumatismo na perna esquerda, nó na tripa, analfabeta, mil receitas de doces na cabeça, pé chato, gengiva cor de tomate, assassina de frangos, patos e perus, boleira aqui na pontinha, pipoqueira, cocadeira...

- Pare, Emília! - gritou Pedrinho. - Estou vendo que o pó desandou você duma vez.

Foi inútil o berro. Emília estava mesmo desandada e continuou:

- Uma negra pitadeira dum pito muito preto e fedorento. Não sabe o que é pito? Ai, meu Deus do céu! Estes gregos não sabem nada de nada. Mas beijo o senhor sabe o que é, não? Pois basta isso. Não viu uma velha cor de carvão, de lenço vermelho de ramagens na cabeça e um par de beijos deste tamanho na boca? Se viu, é ela.

O pastor não vira ninguém assim.

- Pois atrás dela andamos - continuou Emília - porque é a Palas Atena lá da cozinha do Picapau Amarelo. Não erra no tempero. Quem come os quitutes de tia Nastácia lambe os beijos e repete a dose. D. Quixote até engordou vários quilos. Pedrinho jurou encontrá-la e levá-la de volta ao Picapau, nem que seja arrastada pelos cabelos.

- Não repare, pastor - disse o menino. - Emília é como certos despertadores que às vezes desandam.

O pastor ficou na mesma, porque não sabia o que era despertador.

Continuaram na prosa por longo tempo, até que o sol começou a esconder-se atrás das montanhas azuis. A fome veio.

- Não haverá por aqui alguma coisa de mastigar?

A resposta do pastor foi abrir uma sacola e tirar um pedaço de pão e outro de queijo. Cortou várias fatias e distribuiu-as. Hum! Que gostoso! O queijo era forte, ardido - queijo de leite de ovelha; mas a fome fez que Pedrinho o achasse a delícia das delícias.

- E a dormida, pastor? Onde se dorme aqui?

- Tenho lá a minha cabana junto ao curral - disse ele, apontando para uma cabaninha que se via dali.

- E podemos nos recolher, são horas.

Os três "penetradores" ajudaram-no a "tanger" o rebanho para o curral e depois correram para a cabaninha rústica, onde não viram móveis - só pelegos a um canto. O pastor tirou do monte três peles, dando uma a cada um.

- São as camas. Durmam e tenham bons sonhos.

Deitaram-se todos na lã macia - e minutos depois roncavam.

Pedrinho jamais esqueceu do sono dormido na cabana daquele pastor da Tessália, no século XV antes de Cristo. Foi - dizia ele sempre - "o mais belo dos meus sonhos."



XI - O sonho de Pedrinho

Pedrinho sonhou. Sonhou que estava sentado numa pedra, com os olhos nos carneiros do rebanho.

Súbito, foram se sumindo os carneiros e apareceu uma estrada que ia perder-se nas montanhas azuis.

Um vulto vinha vindo pela estrada. Um homem... Um velho de andar trôpego...

O velho chegou e sentou-se na pedra.

- É daqui? - perguntou-lhe Pedrinho.

- Sou de todos os lugares e de todos os tempos. Sou a História.

Pedrinho encarou-o, surpreso. O velho não era mais o velho, sim uma deidade semelhante a certa figura feminina que ele vira no Partenão, com a cara de musa.

- Como se chama isto por aqui, senhora musa?

- O nome das terras variam com o tempo. Hoje é a Tessália.

Pedrinho correu os olhos em volta, para decorar a Tessália. Um cavaleiro ao longe chamou-lhe a atenção, fazendo-o lembrar-se dos cavalos da frisa do Partenão.

- Será que os cavalos daqui têm o focinho fino como os de Fídias?

- O cavalo é o mais antigo dos companheiros do homem - murmurou a musa. - Já os havia na Tessália

quando os Pelasgos apareceram.

Não era resposta às palavras do menino. A musa falava para si mesma, como a recordar-se.

- Quatro mil anos! - murmurou em seguida. - Há quatro mil anos que apareceu por aqui a horda dos nômades vindos da Ásia...

Pedrinho pensou consigo que nômades queria dizer "criaturas que não esquentam lugar" - ciganos.

- Eram os Pelasgos - prosseguiu a musa. - Mas o nômade só é nômade enquanto procura; quando acha, fixa-se. Gostaram os Pelasgos destas regiões e fixaram-se - e sua permanência iria marcar-se de modo indelével nos monumentos que eles ergueram. Foram os construtores das "muralhas ciclópicas", isto é, feitas de pedras tamanhas que só homens agigantados poderiam movê-las. Mas a terra é mesa indiferente sobre a qual rolam as ondas humanas. A onda pelágica veio, espalhou-se e afinal quebrou-se em espuma. Uma onda mais forte a recobriu - a dos Helenos.

Um estranho brilho cintilou nos olhos de Pedrinho.

Helenos! Hélade! Que lindo...

- Vinham do Cáucaso - prosseguiu a musa - e ao falar nesse nome o seu rosto assumiu um ar de tragédia. - O Cáucaso...A sinistra montanha onde Zeus acorrentou o titã amigo dos homens.

- Prometeu! - exclamou Pedrinho.

- Sim... Os helenos traziam no sangue o eco da dor do titã encadeado e permanentemente bicado pela águia divina. Prometeu roubara o fogo do céu para dá-lo aos homens. Esse fogo nas mãos dos homens significaria a libertação, dominação das forças da natureza - Civilização. O titã o sabia e proclamava entre urros de dor, como diz o grande Esquilo: "Cairás, Zeus, do teu trono dos céus. O tridente de Poséidon será quebrado. Os homens farão do fogo arma de maior potência que o raio celeste. Vós todos, ó deuses do Olimpo, morrereis!"

Pedrinho recordou-se do que, nos "Serões", Dona Benta dissera sobre o fogo, esse pai das indústrias e artes (SERÕES DE D. BENTA). Com as indústrias e as artes nascera a libertação do homem e desaparecera o terror inspirado pelos ferozes deuses antigos.

A musa continuou:

- Eram cruéis e vingativos os velhos deuses. Forçavam os homens à mais rastejante adoração. Os céus viviam toldados pelo fumo dos sacrifícios. A cólera divina só se aplacava com a visão do sangue das vítimas e com o cheiro da carne queimada. A grande preocupação da triste humanidade era uma só: aplacar a cólera divina. Foi a rebeldia de Prometeu que a libertou da sanha do Olimpo...

- Os Helenos...

- Sim - desceram da montanha os Helenos e derramaram-se por sobre os Pelasgos - como onda que cobre onda. E como onda nova que era, absorveu, assimilou, escravizou a onda velha, e por fim explodiu na mais opulenta floração humana.

Os homens do Cáucaso, ensinados por Prometeu, vinham livres do "terror teogônico" da Ásia e África, como livre desse terror para sempre fora a alma do titã. Uma palavra explica os Helenos: liberdade. Liberdade de pensar, de criar - de viver, em suma. "Homens somos, e à nossa imagem e semelhança faremos os deuses do Olimpo."

- Beleza! - exclamou Pedrinho.

- E assim foi. Os velhos deuses pelásgicos eram brutos como as pedras com que esse povo construía os seus monumentos. Os homens novos tomaram tais.

- Aí está uma coisa que eu não sabia: que os deuses helenos foram os mesmos deuses pelásgicos.

- Sim. Zeus, Poséidon, Hera, Atena, Deméter e Hefesto foram os rudes blocos de "rocha divina" que os helenos transformaram em deuses feitos à imagem e semelhança de si próprios. De igual maneira Fídias tirou das pedreiras do Pentélico as estátuas que tanto te seduziram, meu menino. As torvas divindades pelásgicas acabaram transfeitas em poesia pura.

- Que beleza! - exclamou de novo Pedrinho.

- Mas os Helenos tiveram a desdita de se desdobrarem em quatro ramos, ou tribos, com muitos pontos em comum e também muita diferenciação de língua, costumes e política. Isso os matou. Em meus sonhos de musa perco-me às vezes a imaginar o destino que teria o mundo se o feixe helênico

se mantivesse coeso. Desgraçadamente cindiu-se em quatro varas - os Aqueanos, os Eólios, os Dóricos e os Jônicos. A divisão gera o ciúme. O ciúme gera a guerra - e na Guerra do Peloponeso os quatro ramos helênicos mutuamente se destruíram. E os bárbaros vieram - e facilmente afogaram a primeira, a grande, a maior eclosão de beleza e pensamento que ainda iluminou o mundo...

Pedrinho suspirou.

- Eis, meu menino - concluiu a musa - o que foi, em suas origens, essa Grécia de lenda que te chamou a estas paragens.

Ao recolher-se na noite anterior, Pedrinho havia formulado mentalmente aquela interrogação: "Como teria surgido esta Grécia?" A musa, no sonho, viera dar-lhe a resposta.

- Mas não há povo que não receba influência - prosseguiu a musa. Os helenos não fogem à guerra.

Do Egito vem Cécrope, que planta a civilização da Ática e funda Atenas. Da Fenícia vem Cadmo, que funda Tebas e introduz o alfabeto. Da Frígia vem Pélops, que dá o nome ao Peloponeso. São ôndulas de civilizações estranhas a interferirem na onda helênica - mas que em vez de a subverterem acabaram assimiladas e aproveitadas como fino material de construção. E desse modo começou o período a que a Posteridade chamaria - a Idade Heróica da Grécia. Nela estamos, meu menino...

Embora a linguagem da musa fosse das mais elevadas, e imprópria para menores da idade de Pedrinho, tudo compreendeu ele perfeitamente. Seu espírito era vivo como o dum heleno da idade de ouro. E Pedrinho exultou, porque estava justamente onde queria - em plena Grécia Heróica, ou melhor, na Hélade Heróica, visto como a palavra Grécia só muito mais tarde iria aparecer. O pastor com quem conversara no dia anterior não era ainda um grego, sim um puro heleno.

- E que há, musa, de mais importante para ver-se na Grécia Heróica?

- Não tem fim o número de acontecimentos de monta que as lendas fixaram. Lembrarei os Trabalhos de Hércules, ou Hércules. Lembrarei a instituição dos Jogos Olímpicos, essa novidade à qual o mundo deve o culto da beleza plástica. E a expedição dos Argonautas, início dum devassamento dos oceanos que culminou na descoberta de Colombo. E o reinado do Rei Minos da Ilha de Creta. E as

façanhas de Teseu, o herói que enfeixou todos os burgos da Ática numa cidade só...

- E matou o Minotauro!

- Sim... E lembrarei também a Guerra dos Sete Chefes contra Tebas. E o reinado de Atreu em Argos.

E a Guerra de Tróia, que enche a Ilíada do grande Homero. E o estabelecimento das colônias gregas da Ásia Menor. E a supressão dos reis da Ática para preparo da democracia. Neste ponto a Lenda pára e a História começa...

- Conheço Atenas - disse Pedrinho - Lá estive com vovó em casa do Senhor Péricles.

- Esse homem de gênio marca o zênite da civilização grega - observou a musa - Com a sua morte, por ocasião da peste de Atenas, começará a agonia da grande Grécia.

- Que dó!...

- Mas não morrerão nunca as formosas criações do espírito helênico. No sangue dos homens brilhará sempre a luz das idéias que a Raça Esplêndida soube gerar.

Pedrinho recordou-se das palavras de Dona Benta sobre a penetração do pensamento grego até em terras só conhecidas muitos séculos depois do desaparecimento da Grécia. O discurso do promotor no casamento da filha do juiz. (O PICAPAU AMARELO) O nome e a classificação científica do Quindim...

A musa parou de falar. Foi-se esvaindo em fumo - e o velho reapareceu sentado na pedra. Ninguém se admira do que acontece nos sonhos. O menino não se admirou da mudança. Pôs-se muito naturalmente a conversar com o velho.

- Já sei onde estou, meu caro; só não sei que momento é este. Conte-me o que está acontecendo por aqui, as novidades do dia.

- Lá no burgo em que moro o povo discute muito uma propalada expedição de Hércules contra uma hidra - respondeu o heleno.

- Sei! - gritou Pedrinho entusiasmado. - Esse Hércules é o homem de mais força do mundo, e será eternamente conhecido com o nome de Hércules. Onde está a Hidra?

- Nos pântanos da Argólida, onde as Danaídas lançaram as cabeças de seus maridos. Lá nasceu o hediondo monstro que anda a destruir os rebanhos das redondezas. Só Hércules poderá vencê-lo.
- Quantas cabeças tem esse monstro? Sete ou nove?
- Não sei ao justo. Há até quem fale em cinquenta. São cabeças que depois de cortadas renascem - e dizem que uma delas é imortal.

Pedrinho estava radiante. Ia ter ensejo de assistir à formidável luta do homem de mais força do mundo, o grande Hércules! E tal foi o seu entusiasmo que despertou também entusiasmo nos outros.

- Emília, Visconde, levantem-se! Temos que ir já para Lerna, a tempo de ver com os nossos olhos a grande luta de Hércules com a Hidra.

Emília sentou-se no pelego. a esfregar os olhos.

- Não quero! - berrou. - Primeiro, o Olimpo! Tenho de ver como é a história do néctar e da ambrosia!
- Gulosa e mandona! - exclamou Pedrinho. - Pensa que está no sítio? Cá na Grécia quem manda sou eu - e eu quero, ouviu? Quero correr já para a Argólida.

Emília abespinhou-se todinha.

- Alto lá com esse negócio de "quero." Se estamos na Grécia, o que vale é o voto. Temos de botar o caso em votação - e olhou para o Visconde, que estava bocejando; olhou-o com olhos magnetizadores que pareciam os da Medusa, e disse. "Qual o seu voto, Visconde? Lerna ou OLIMPO?"

O Visconde nem sabia do que se tratava, mas leu tão grande nos olhos de Emília a palavra Olimpo que repetiu, tontinho, tontinho - Olimpo.

Emília sorriu, vitoriosa.

- Está vendo? A assembléia decidiu que vamos primeiro ao Olimpo.
- Falta um voto! - gritou Pedrinho, lembrando-se do velho. - Mas... que é do velho?!...
- Que velho?
- O que estava conversando comigo e contou da próxima façanha de Hércules. Onde está ele?

Procura, que procura, nada. O velho desaparecera.

- Ah! - gemeu Pedrinho num desconsolo. - Foi sonho...



XII - Em marcha para o Olimpo

A madrugada vinha rompendo. Os três "penetradores" levantaram-se dos pelegos e olharam em redor.

Que é do pastorzinho? Já estava por fora.

- Bom dia, pastor! Gosta de madrugar, hein?

O pastorzinho sorriu, e contou que todas as manhãs se levantava muito cedo para assistir ao nascimento do sol.

O sol naquele tempo não era simplesmente o sol, e sim o deus Hélios.

- A divina Aurora de dedos cor-de-rosa abandona todas as manhãs o leito de Hélios para trazer ao mundo a luz que a Noite recolheu na véspera. Ei-la, que chega em seu carro deslumbrante! - foi o que disse o pastor, com o dedo a apontar o céu.

Emília achou aquilo uma beleza, mas o Visconde fez ar de quem diz: "Passo." Era um cientista, e os cientistas pensam do sol de maneira muito diferente dos poetas. Acham que o sol é um astro como todos os outros, e que a luz é uma vibração dum tal éter que eles ignoram o que seja. Mas Emília barrou a preleção astronômica que o Visconde ia começando a impingir.

- Cale-se! - disse ela. - O que vejo lá em cima é a Aurora mesmo, com os seus dedinhos cor-de-rosa, a guiar o carro de fogo. Muito mais bonito assim.

O pastor e os três "picapaus" assistiram ao nascer do sol como se estivessem num teatro vendo a fita de Branca de Neve - e Pedrinho declarou nunca ter presenciado cena de maior beleza.

- Parece incrível que só agora eu haja descoberto como é lindo o nascer do sol, uma coisa de todos os dias mas que bate quanta fita há no mundo. Que assombro!...

Emília também se extasiava.

- Olha aquelas nuvens de gaze, lá... Vão se estirando como um fichu de musselina, mudando de forma e cor, passando dos tonzinhos ralos para os vermelhos vivos do fogo. Só mesmo uma alma de sabugo

não admira este espetáculo...

Era indireta para o pobre Visconde, o qual fungou, muito desapontado.

Finda a festa do nascimento do sol, os meninos aceitaram a refeição que o pastor lhes ofereceu. Leite

- leite só, tirado por eles mesmos das ovelhas com cria.

- Que regalo! - exclamou Pedrinho lambendo os beiços. - Que leite divino! Lá nas nossas cidades a

refeição da manhã é sempre aquela pretura de café, tomado na mesa, sem este frescor do ar livre a

nos envolver com os seus oxigênios picantes - e respirou a largos haustos o ar da manhã como se

estivesse respirando a maior das novidades.

- Lá estão à nossa espera as montanhas do Olimpo...

O pastor riu-se da "ingenuidade."

- Continua com a idéia de subir ao Olimpo? - perguntou.

- Claro! - respondeu Emília. - Não foi para outra coisa que chegamos até aqui.

- Que absurdo! - Mortal nenhum ainda conseguiu penetrar no Olimpo. Zeus fulmina com seus raios

quem se atreve a pensar nisso.

Emília teve dó do heleno.

- Bem se vê que não nos conhece, pastorzinho! Não somos criaturas iguais às comuns. Somos do

Picapau Amarelo, entende?

Está claro que o pastor não entendeu.

- Até pela Via-Láctea já andamos - continuou Emília. - Até nos anéis do planeta Saturno estivemos

brincando de escorregar (VIAGEM AO CÉU).

O pastor abriu a boca. A linguagem da estranha criaturinha era inteiramente nova para ele. Emília

riu-se.

- Sua cara está que nem a do "marmorista" Fídias quando lhe contei aquela história do cigarro...

Depois de mais uns minutos de prosa, os três "picapaus" se despediram do jovem pastor e tomaram a

direção das montanhas azuis. O Visconde com a maleta da Emília às costas, seguiu resmungando.

Para que queria ela a maleta lá no Olimpo?

- Adeus, adeus, amigo pastor, - gritava Pedrinho, de longe. - Na volta viremos dormir mais uma noite aqui nesta casa.

Foram andando, andando. No fim da planície começaram a galgar as encostas da montanha azul, que de perto não era azul coisa nenhuma, sim verde como todas as montanhas.

- Estou vendo que o tal azul é a maior das petas - observou Emília. - Quando a gente se aproxima ele foge.

O Visconde deu a sua opinião de sábio.

- O azul das montanhas e do céu não passa da cor do ar visto em quantidade. Só percebemos essa cor quando há uma grande quantidade de ar, como a da camada atmosférica.

Emília chamou a atenção de Pedrinho para um ponto.

- Já reparou - disse ela - como a ciência fica uma coisa sem graça aqui na Grécia? Tudo cá é poesia - e a ciência é prosa.

Foram andando, andando, sempre a subirem as encostas.

Passaram por um grupo de oliveiras silvestres, carregadas de azeitonas. Pedrinho mordeu uma e cuspiu.

Horrível! Só prestam depois de curtidas. Emília apenas murmurou de si para si: "Interessante, isto de azeitonas em árvore! Sempre imaginei que nasciam dentro de latas."

Foram subindo, subindo. Lá bem no alto detiveram-se. A natureza começava a mudar.

- E creio que estamos chegando - observou Emília. -

Notem o esquisito da vegetação. Parecem olímpicas. A morada dos deuses deve ser atrás daquele bosque maravilhoso que começa a aparecer lá em cima.

Acertou. Justamente atrás do bosque maravilhoso erguia-se a mansão dos deuses e eram eles - eles, os três "picapauzinhos" do Picapau Amarelo - as primeiras criaturas humanas que chegavam até lá!...

Pedrinho ficou sério.

- Temos de pensar. O pastor insistiu muito nos tais raios com que Zeus fulmina os invasores do Olimpo. Temos de pensar muito bem, senão...

Puseram-se a debater o jeito de invadir o Olimpo sem serem vistos e fulminados. Cada um teve sua idéia. A melhor, como sempre, foi a da Emília.

- Podemos nos disfarçar em arbustos. Amarramos folhagens em redor do corpo, como aquele "Bicho-Folhagem" da história de tia Nastácia, e vamos avançando devagarinho. Juro que os deuses nada percebem.

Pedrinho aprovou a idéia, e cortando uma porção de galhos bem folhudos atou-os com cipozinhos à cintura do Visconde e da Emília - e depois em si mesmo. A maleta às costas do Visconde atrapalhava a operação. Pedrinho danou.

- Esta sua mania de andar sempre com bagagem nos atrapalha, Emília. Você e eu estamos bem disfarçados. Viramos uns perfeitos arbustos. Mas o pobre do Visconde ficou um arbusto esquisito, de maleta de fora, como um corcunda.

- Não faz mal - disse Emília. - Ele fica sendo o Rigoletto da Floresta.

Rigoletto é o corcunda de uma das mais célebres óperas de Verdi, aquela que tem o pedacinho do "La donna é mobile"...

Os três arbustos foram se movendo com a maior lentidão.

Ainda que os imortais possuíssem binóculos melhores que o de Dona Benta, era-lhes impossível perceber qualquer coisa. E foi desse modo que os "picapaus" chegaram à beira da mansão dos deuses, feita de nuvens, num ponto de onde podiam espiar à vontade.

E espiaram! E viram o que nenhum ser humano ainda havia visto! Viram o imponente Zeus em seu trono de ouro, a conversar com as demais divindades do Olimpo.

- Que esplendor de homem! - cochichou Emília dentro das folhas. - Parece mesmo o Teófilo Gautier que Dona Benta nos mostrou em retrato.

- O que acho formidável é o cabelo e a barba - sussurrou Pedrinho. - Encaracolados. A verdadeira

ondulação permanente é essa, porque é eterna. Agora estou compreendendo o que vovó disse da "beleza olímpica." É isso - essa serenidade de quem não vê nada acima de si.

- Repare na águia que ele tem à direita - disse Emília muito baixinho. - É a tal que comia os fígados de Prometeu. E à esquerda há um feixe de raios em forma de ziguezagues.

Os deuses do Olimpo estavam a discutir coisas da terra - justamente o caso de Hércules, um dos mais complicados.

Hércules, filho de Zeus e duma mortal de nome Alcmena, sempre fora muito protegido de Zeus, e muito perseguido pela deusa Hera, ou Juno, esposa de Zeus.

Juno, ciumentíssima e vingativa, não perdoava o filho de Alcmena. Logo que soube de seu nascimento, lançou contra ele duas horríveis serpentes.

Os monstros penetraram no palácio de Alcmena e insinuaram-se no quarto onde estava o berço de Hércules.

Um irmãozinho de Hércules, de nome íficles, viu-os e gritou. Alcmena acudiu, assustada, e com a maior das surpresas encontrou o pequenino Hércules segurando as duas serpentes pelo pescoço, uma em cada mão – a asfixiá-las!...

Tão assombrada ficou diante do estranho acontecimento, que correu à casa do famoso adivinho Tirésias. Queria saber o futuro daquela criança. Tirésias pensou, pensou, e disse: "O menino vai ser um herói invencível, que destruirá os mais horrendos monstros e derrubará os mais fortes guerreiros" - e muitas outras coisas disse, que com o tempo todas se confirmaram.

Hércules foi crescendo em idade e vigor, até que um belo dia deu começo à sua prodigiosa carreira de herói – mas nunca deixou de ser atrapalhado pela vingança de Juno.

Não houve peça que a deusa não lhe pregasse. Um dos seus ardis foi colocá-lo na dependência de Euristeu, um rei que a obedecia cegamente, e Juno sugeriu a Euristeu impor a Hércules uns tantos trabalhos acima de todas as possibilidades humanas. Veio daí o plano dos "Doze Trabalhos de Hércules", isto é, doze façanhas verdadeiramente impossíveis. Fatalmente sucumbiria o homem que

tentasse realizá-las.

O primeiro trabalho de Hércules foi a luta contra o terrívelíssimo Leão da Neméia, monstro fabuloso que supunham caído da lua. Mas era um leão invulnerável. O herói o percebeu imediatamente, quando viu que suas flechas nem lhe arranhavam o couro. Mas não desanimou. Abandona o arco e agride o leão com a sua poderosa maça, e tantos golpes lhe pespega no crânio que o monstro recua, foge, esconde-se num antro. Hércules entra no antro, fecha-o com um grande penedo e atraca-se com o leão em luta corpo a corpo. E acabou asfixiando-o em seus braços! A pele desse leão iria, por toda a vida, ser a égide do herói.

Esse primeiro trabalho produziu grande surpresa na Hélade. Por muito tempo em todos os burgos não se falou de outra coisa. Vinha daí o enorme interesse dos helenos pelo segundo trabalho de Hércules, já anunciado - a sua luta contra a Hidra.

Os deuses do Olimpo estavam justamente a debater o assunto no momento em que os "três arbustos" começaram a espiar.

Juno parecia cheia de esperanças. Não ignorava que as mordeduras da Hidra eram venenosíssimas, de modo que o menor ferimento em Hércules ser-lhe-ia fatal. Ora, tendo a Hidra muitas cabeças, pelo menos de uma arranhadura não se livraria o herói - e era o bastante. A vingativa deusa sorria de íntima satisfação.

Zeus, entretanto, zelava pelo filho de Alcmena. Adivinhando o pensamento de Juno, chamou o deus Hermes, ou Mercúrio, que era o mensageiro do Olimpo.

- Hermes - disse-lhe em voz baixa - corra a Delfos e avise à Pítia que numa planta do Oriente está o remédio contra as mordeduras da Hidra. Se Hércules for ferido, fatalmente consultará a Pítia, que é a adivinha do Oráculo de Delfos.

Juno pôs-se a cismar. Que ordens teria seu esposo dado ao mensageiro do Olimpo?

Os "três arbustos" acompanhavam a cena com a maior atenção. Outra deusa apareceu, que foi imediatamente reconhecida por Pedrinho.

- Palas Atena, ou Minerva! - sussurrou ele. - A tal que brotou da cabeça de Zeus armada de escudo e lança.

A esplendorosa deusa trocou breves palavras com seu pai.

Juno mordeu os lábios. Percebeu que Minerva também favorecia o herói. O Olimpo estava dividido em dois partidos, um que apoiava Zeus, outro que apoiava Juno.

Naquelas intrigas olímpicas Zeus acabava sempre triunfando, mas tinha de empregar muita astúcia.

Se ele era o mais poderoso, os outros também dispunham de grande poder.

Juno disfarçadamente retirou-se. Foi conspirar em outro grupo.

- Que malvada! - murmurou Emília. - Não desiste...

Mais um deus surgiu - belo, extraordinariamente belo.

- Apolo, juro! - exclamou Pedrinho, lembrando-se duma estátua de Apolo que ele vira em casa de Péricles. - Esse é o mais sábio de todos. Repare, Emília, como Zeus se mostra satisfeito com o que está ouvindo. Apolo é um danado para prever o futuro.

- E aquela? - perguntou Emília. Vinha entrando uma deusa de formas enérgicas, com um arco na mão e carcaz de setas a tiracolo. Um galgo a seguia.

- Artemis, ou Diana, a caçadora - disse Pedrinho. - Uma danada para perseguir animais ou gente.

Vovó contou a trágica história das Nióbidas, filhas daquela desgraçada Niobe, princesa da Lídia.

Niobe, orgulhosíssima dos doze filhos que tinha, cometeu, certa vez, a imprudência de gabar-se da sua superioridade sobre a deusa Latona, que só tivera dois filhos, Apolo e Diana. Latona, irritada, mandou que Apolo e Diana lhe matassem os doze filhos. Apolo flechou os rapazes e Diana flechou as meninas. Tão grande foi a dor de Niobe, que Zeus, compadecido, a transformou em pedra.

Emília indignou-se.

- Quem os vê tão belos não imagina a dureza de seus corações! Vão matando os pobres mortais como quem mata pulgas, sem a menor cerimônia. Creio que já vi um grupo de mármore representando a cena.

- Viu, sim, lá no sítio. Vovó nos mostrou uma gravura em que Niobe está num desespero de louca.

Esperem... Olhem quem vindo lá. Poséidon, também conhecido como Netuno. Que tipo exótico...

Netuno entrou majestosamente, a bater no chão com a ponta do tridente. Não revelava a beleza dos outros; parecia um monstro do mar sob forma humana. Pedrinho disse:

- Foi um dos que mais ajudaram Zeus na luta contra os titãs, e contam que também teve a idéia do cavalo de Tróia e construiu as muralhas dessa cidade.

Com aquele garfo de três dentes é que ele espeta os tubarões.

Netuno não conversou com Zeus sobre o caso de Hércules. Coisa da terra. O deus do mar só se interessava pelos assuntos do mar.

Depois que Netuno saiu, entrou um deus coxo.

- Héfesto, ou Vulcano. Pedrinho disse: - O caso deste filho de Juno é interessante. Nasceu tão feio, o coitado, que sua mãe, furiosa, o arremessou do Olimpo à Ilha de Lemnos.

- E ele quebrou a perna...

- Exatamente. Quebrou a perna, ficou manco para sempre, e não quis saber de voltar ao Olimpo.

Estabeleceu-se na terra como ferreiro, abrindo uma enorme forja no Monte Etna. O vulcão que há lá é a chaminé.

- Mas que faz aqui, então?

- O forjador dos raios de Zeus é ele. Aposto que vem trazer raios novos.

O menino acertou. Vulcano dirigiu-se ao feixe de raios que Zeus tinha à sua esquerda e substituiu os estragados por novos.

O Visconde riu-se lá dentro da sua folharada.

- Isso é raio de teatro! - murmurou ele. - O que chamamos raio não passa de faíscas elétricas.

- Elétricas ou não, quem fabrica os raios é este deus manquitola - protestou Emília. - Olhem... olhem quem vem vindo na direção dele... A mãe de Cupido...

Vênus, a maravilhosa esposa de Vulcano, acabava de entrar, seguida do pequeno Eros - o mesmo

Cupidinho que já conversara com Emília (O PICAPAU AMARELO).

- O nome dela aqui é Afrodite - explicou Pedrinho. – Em Atenas vi inúmeras imagens de ouro desta deusa, grandes e pequeninas. É a mais estimada no Olimpo e a que mais lida com as criaturas da terra. Intrometidíssima. Mete o bedelho em todos os negócios do coração.

A deslumbrante deusa trocou duas palavras com Vulcano; em seguida foi contar a Zeus as últimas travessuras do menino de asas, ao qual o deus dos deuses fez uma festinha no rosto.

Os "arbustos" estavam a regalar-se com a cena quando tiveram a atenção atraída por um rapagote de grande beleza, mas que não dava a idéia de um deus. E não era.

Era Ganimedes, o menino que Zeus raptou da terra para transformá-lo em garção do Olimpo. Entrou com uma bandeja de ouro na qual se viam várias ânforas e taças.

- Chegou a hora! O garção do Olimpo vai oferecer uma taça de néctar a Zeus.

Ao ouvir a palavra néctar, Emília ficou assanhadíssima, chegando a botar a cabeça fora da galharada.

Pedrinho teve de pregar-lhe um beliscão.

- O néctar! O néctar! - repetia a diabinha. - Olhem o regalo de Zeus! Que delícia não deve ser o tal néctar...

Depois de servir a divina bebida, Ganimedes apresentou os pratos de ouro com ambrosia.

Segundo assanhamento da Emília e segundo beliscão de Pedrinho. Ela queria por força correr até lá, ver, pegar, cheirar - devorar o alimento dos deuses.

Concluída a sua olímpica refeição, o deus dos deuses mandou que Ganimedes servisse aos demais.

Imediatamente Eros espichou a mãozinha e "pescou" uma dedada de ambrosia - e Emília, lá dentro da sua túnica de folhas, lambeu os beiços. Seus olhos seguiam Ganimedes.

- Quero ver para onde ele vai depois de servir a todos.

Ganimedes serviu a todos e retirou-se para certo ponto do Olimpo, onde uma nuvenzinha cor de madrepérola servia de copa.

- É lá a copa do Olimpo - sussurrou Emília. - É lá que guardam as ânforas de néctar e os pratos de

ambrosia - e começou a arquitetar um plano. Assim que viesse a noite e os deuses ferrassem no sono, os três se aproximariam da nuvenzinha-copa e mandariam o Visconde furtar um pouco de néctar e de ambrosia.

O Visconde suspirou. Ele, sempre ele. Só se lembravam dele nos lances perigosos, ai, ai...

A impaciência de Emília aumentava, e por proposta sua foram se afastando dali a fim de escolherem posição mais estratégica.

O novo ponto em que se colocaram revelou-se ótimo.

Permitia-lhes ver todo o interior da copa e localizar o deslumbrante móvel, todo de ouro, em que Ganimedes guardava as divinas substâncias.

- É a geladeira do Olimpo - disse Emília - e o garção esqueceu-se de fechar a porta. Que bom...

Ah, como estava custando a anoitecer! A ex-boneca sapateava de impaciência. Punha os olhinhos no sol e dizia: "Mais depressa, Hélios. Deite-se hoje mais cedo."

O sol, afinal, deitou-se na sua cama do horizonte. A Noite foi desenrolando por sobre o mundo as suas peças de crepe. Os deuses recolheram-se cada qual à sua nuvem.

Entrou a reinar um silêncio verdadeiramente olímpico.

- É hora - murmurou Emília - e deu as últimas instruções ao Visconde, o qual as ouviu com o suspiro de sempre.

"Agora desça a mala" - e depois que o Visconde arriou a mala, Emília abriu e tirou de dentro um vidro e um pires.

- Para que isso? - perguntou Pedrinho.

- É boa! Para pegar o néctar e a ambrosia.

- Ah, linda...

- Claro. Costumo prever tudo. Se não fosse a minha idéia de trazer esse vasilhame, como iríamos nos arranjar agora? Quando penso num caso, penso direito, penso até o fim, sem esquecer coisíssima nenhuma. Tome, Visconde, este vidro e este pires; encha o vidro de néctar e ponha no pires um bom

pedaço de ambrosia - um bom pedaço, veja lá! Faça isso e volte correndo, porque se o garção o pilha, faz como Juno fez para o Vulcaninho - arroja-o sobre a Ilha de Lemnos.

O Visconde tomou o vidro e o pires e lá se foi, pé ante pé, para a nuvem-copa. Diante da geladeira executou as ordens recebidas - néctar no vidrinho e um bom pedaço de ambrosia no pires. E, olhando para todos os lados voltou, no maior dos ressabiamentos.

Mal se reuniu aos companheiros, Emília quase lhe arrancou das mãos as duas preciosidades. Cheirou o vidrinho e provou o conteúdo na ponta do dedo.

- Ah, era o que eu pensava! Mel dos deuses - mas um mel mil vezes mais gostoso que o das abelhas. Não enjoa, não é doce demais. Prove, Pedrinho. Veja que suco...

Pedrinho provou o néctar e estalou a língua.

- Maravilhoso, Emília! Vale a pena ser deus só para chuchurrear este assombro de gostosura - e provou de novo, e daria conta do vidro inteiro, se Emília lho não arrancasse das mãos. "Isto vai para Narizinho. Vejamos agora a ambrosia."

Tomou o pires, cheirou o alimento dos deuses, provou-o com a ponta da língua e fez cara de quem procura lembrar-se duma semelhança. Por fim exclamou:

- Curau de milho verde, Pedrinho! Curau do bom – mas muito melhor do que o de tia Nastácia. Prove...

Pedrinho tirou uma dedada e levou-a à boca. Seus olhos se arregalaram.

- Sim, curau, não há dúvida. Mas que curau, Emília!

Gostosíssimo - e tirou outra dedada.

Emília puxou o pires para continuar no exame do creme divino. Pensou:

- Se é da família dos curaus, não vale a pena levar, porque azeda. Que pena! Narizinho vai morrer de desgosto...

E como não valia a pena levar porque azedava, resolveram comer toda a ambrosia ali mesmo. O Visconde lambeu o pires.

Emília estava ainda a comentar o "gosto da gostosura", quando sua atenção foi despertada por um barulhinho.

Alguém que se dirigia para a copa. Os "três arbustos" encolheram-se dentro da folhagem.

- Quem será que vem vindo? - pensaram os três.

Era um menino de asas. Era o travesso filho de Vênus, que se levantara da cama para vir furtar ambrosia.

Chegou, abriu a geladeira e regalou-se. Em seguida escapou na pontinha dos pés.

- Que galanteza! - sussurrou Emília.

- Tal qual Florzinha das Alturas.(MEMÓRIAS DA EMÍLIA) Depois que Eros desapareceu, o silêncio tomou de novo conta de tudo.

- Muito bem - disse Pedrinho. - Acho que é hora de batermos em retirada. Já vimos o que queríamos ver e a prudência manda não abusar muito. Toca a recuar!

Os "três arbustos" foram recuando, recuando; mas como os deuses estivessem no melhor dos sonhos, já não havia necessidade de grandes cautelas. A cem passos de distância Pedrinho parou.

- Podemos dispensar esta galharada - e os três arbustos foram desmanchados.

- E agora - concluiu ele - é abrimos no pé até à casa do pastor.

Assim fizeram. Desceram a montanha no galope.

Estava uma noite de lua, só com as maiores estrelas no céu. O luar permitia-lhes ver o caminho tão bem quanto de dia.

Foram degradingolando morro abaixo. Ao chegarem à planície, um coricocó coricocou ao longe.

- O galo do pastor! - disse Pedrinho.

- Estamos chegados.



XIII - Em procura de Hércules

O pastor já estava desperto quando os três heróis lhe bateram a porta. Ergueu-se, assustado. "Quem

será?" Correu a abrir.

- Viva! - exclamou Pedrinho. - Desta vez quem madrugou fomos nós.

O pastorzinho, surpreso, pediu explicações, e ao ouvir a história da subida ao Olimpo, sorriu. Tomou o caso como invenção das crianças.

- Não quer acreditar? - disse Emília, tirando da maleta o vidrinho de néctar. - Olhe para isto, cheire, prove...

O pastor olhou, cheirou, provou e ficou na mesma.

- Parece mel, mas um mel diferente de todos que tenho visto.

- Mel o seu nariz! Fique sabendo que é o legítimo néctar dos deuses. Entramos no Olimpo, sim, e vimos tudo, e furtamos esta amostra de néctar e ainda um bom pedaço de ambrosia, que comemos regaladamente. Tal qual curau, uma coisa feita de milho verde, que você não conhece porque nem sabe o que é milho.

O espanto do pastor continuava. Parecia-lhe absurdo aquilo; mas tinha de ceder diante da prova provada. Um mel como o do vidrinho não era positivamente deste mundo, só podia ser coisa do mundo dos deuses. Além dessa prova concreta, os três heróis apresentavam outras, de ordem descritiva. O que disseram do Olimpo, os detalhes que deram de tudo lá em cima e sobretudo a reprodução da conversa dos deuses a propósito de Hércules, constituíam fatos surpreendentes, dos que nenhuma criança pode inventar. E o assombro do jovem pastor foi enorme.

- Será possível? Será possível?... Os heróis gozavam o seu espanto.

- E agora - disse Pedrinho - vamos para a tal terra onde existe o pântano da Hidra. Havemos de assistir de começo a fim ao segundo trabalho de Hércules.

O pastorzinho ficou sem saber o que pensar. Parecia-lhe um sonho aquilo. Estava tonto - gago - bobo...

- Muito bem - disse o menino. - Antes de mais nada, temos de remeter uma comunicação à vovó contando o que se passou. Visconde, arrume o rádio!

O Visconde de Sabugosa, que era realmente um cientista, andou uns tempos lá no Picapau Amarelo estudando rádio, e tanto lidou que conseguiu introduzir nele um melhoramento prodigioso. O rádio que o mundo conhecia limitava-se a transmitir sons dum ponto da terra a outro, isto é, só atuava no espaço. O Visconde achou pouco. Achou que o rádio devia também transmitir sons no tempo, isto é, dum momento do tempo a outro. E tanto fez, tanto mexeu, que realizou a grande invenção.

Construiu um aparelhinho muito simples, que pegava o som dum dado momento do tempo e o transmitia a outro momento do tempo, ainda que a separação fosse de séculos. De modo que Pedrinho podia do tempo em que se achava (século XV antes de Cristo) expedir mensagens para o século em que se achava Dona Benta (século IV antes de Cristo). O aparelho emissor, pequeníssimo, viera armado dentro da cartola do Visconde; o aparelho receptor ficara numa das cabinas do iate. Para chegar ao "Beija-flor das Ondas", a mensagem de Pedrinho teria, portanto, de varar uma camada de dez séculos de tempo.

- Vamos, Senhor Visconde! - disse o menino. – Prepare depressa o aparelho.

O Visconde tirou da cabeça a cartola e colocou-a no chão, de boca para cima. Depois sacou do bolso um rolinho de fios e fez as ligações. O pastor olhava, olhava, sem entender coisa nenhuma. Tudo pronto, Pedrinho curvou-se para a cartola e recitou a sua mensagem para Dona Benta, como se estivesse falando ao microfone.

- O.K.! - exclamou ao terminar. - Rabicó já deve ter apanhado a mensagem, e a mandará à vovó por um daqueles basbaques do Pireu. Podemos seguir viagem.

Para um heleno daquele período, tudo no mundo eram mistérios e mágicas, de modo que o nosso pastorzinho aceitou aquilo como tal - com a diferença apenas de ser mágica de cuja existência ele nem sequer tinha noção.

Emília resolveu tomá-lo à conta.

- Meu caro, somos dum tempo em que as mágicas atingiram o apogeu. Moramos no Picapau Amarelo, a coisa mais mágica que existe no mundo. Tudo lá é mágica. A gente abre uma caixinha, tira um

pauzinho cabeçudo e risca - e aparece o fogo! Chamamos a isto a Mágica do Fósforo. Linda, não?...

Outra: a gente aperta um botão na parede e em vários pontos da casa surge uma luz mil vezes mais forte que a dos candeeiros daqui. Lindíssima, não?... Outra: a gente está com a mão suja; esfrega um tal sabão e a sujeira se dissolve. Utilíssima, não?... Outra: a gente abre a chave do aquecedor e um jorro de água quente começa a cair na banheira. Deliciosa, não?... Outra: a gente pega um pauzinho chamado lápis e escreve num papel; se saiu errado, a gente pega uma coisa chamada borracha e esfrega - e o erro desaparece...

A enumeração das mágicas do Picapau Amarelo deixou o jovem heleno totalmente tonto. Eram na verdade prodigiosas e acima de seu entendimento.

- Esse Picapau - disse ele - deve ser presidido por algum feiticeiro de espantosa força. A mágica do fósforo, por exemplo, só me parece possível a quem possua faculdades absolutamente 'extraordinárias.

Emília deu uma risada gostosa.

- Que engano! É a mais fácil de todas. Qualquer pessoa que compre uma caixa de fósforos pode fazer sessenta vezes a grande mágica. Cada caixinha tem sessenta pauzinhos de cabeça/

- Mas de onde vem o fogo que aparece?

- Da cabeça dos pauzinhos. Em vez de pensamentos, os tais pauzinhos têm fogo na cabeça - fogo recolhido. Mas eles não gostam de cafuné, isto é, não gostam que lhes cocem a cabeça. Nós, então, de maus, coçamos-lhes a cabeça, isto é, esfregamo-las numa lixa cor de chocolate que há nas caixinhas - e o desespero dos pobres fósforos é tamanho que explode no fogo...

O pastorzinho ficou a meditar sobre aquilo; e por muito tempo ainda depois da partida dos três heróis, era aquilo que pensava em seus momentos de cisma. "Coçam-lhes a cabeça e elas rebentam em fogo! Que maravilha não deve ser!"

Pedrinho apressou os preparativos. Como a Argólida ficasse muito longe, iria recorrer a pitadinhas do velho pó de pirlimpimpim, o qual sei via para a locomoção no espaço, isto é, dum ponto da terra

a outro. O pó número 2, que haviam aspirado no iate, era para a locomoção no tempo, isto é, dum século a outro.

Aceitaram ainda uma vez o leite de ovelha que o pastor lhes ofereceu - menos Emília, que o recusou dizendo: "Tenho medo que esse leite brigue cá dentro com a ambrosia." Por fim, despediram-se.

- Adeus, gentil pastor! - disse o menino. - Não nos esqueceremos nunca da sua amável hospitalidade.

Emília disse:

- Um dia, se houver jeito, mandarei a você uma caixa de fósforos.

O Visconde ergueu aos ombros a maleta e com um suspiro lá se foi. O pastorzinho ficou à porta da cabana, a segui-los com os olhos. Tinha as idéias completamente atrapalhadas.

- Que mistério será este, ó grande Atena!... - murmurou, apalpando uma imagenzinha da deusa que trazia ao pescoço; mas a deusa nada lhe disse, porque também não estava entendendo coisa nenhuma.

A cem passos de distância, Pedrinho parou para distribuir o pó. Não o havia feito na cabana do pastor por um excesso de precaução. "A gente nunca sabe com quem lida. É preciso que ninguém aqui descubra a existência destes pós. Se me forem roubados, teremos de ficar na Hélade por toda a vida."

Aspiraram o pó de pirlimpimpim e pronto: Argólida!

Correram os olhos em torno. A paisagem mudara. Eram outras as montanhas ao longe, e outra a vegetação.

Pedrinho notou que as ervas da zona assemelhavam-se às que denunciavam a proximidade das terras pantanosas. Solo turfoso, preto.

- Isto já deve ser a beiradinha do pântano de Lema.

Olhou. Realmente um pântano estendia-se à direita, até alcançar uns feios penhascos, semelhantes a ruínas dum monte.

- Está me cheirando que a Hidra mora naqueles penhascos - disse ele. - Todos os penhascos deste tipo têm cavernas. Vamos ver.

Foram. Deram volta pela beira do pântano, de modo a atingirem a pedranceira pela parte de trás.

- Bom, aqui temos de fazer alto para um reconhecimento. Suba ao topo do penhasco, Visconde, e observe o que puder.

Bastante perigoso galgar o íngreme daquelas pedras, razão pela qual Pedrinho recorria ao Visconde.

Ah, o triste destino das criaturas "consertáveis!" O Visconde suspirou, arriou a maleta e lá se foi, que nem aranha, pelas pedras acima. No ponto mais alto parou. Correu os olhos em torno. Súbito, recuou, tropeçou, perdeu o equilíbrio e veio rolando pela pedranceira abaixo como um corpo morto que cai.

- Acuda! - gritou Emília, correndo a salvá-lo.

Pedrinho também correu, e encontrou o Visconde entalado numa touça de espinheiro. Muito lhes custou arrancarem-no de lá; mas arrancaram-no, com a cartola amarrotada, uma perna ferida, um espinho espetado na ponta do nariz.

- Pobre do meu Visconde! - ia repetindo Emília, enquanto sacava o espinho, endireitava-lhe a cartola, alisava-lhe as palhas do pescoço. - Que foi que o assustou tanto?

O pobre sabuguinho científico mal podia falar. Estava arquejante. Deram-lhe água e uns tapas para avivá-lo.

Foi voltando a si, até que por fim falou.

- Ela!... - exclamou, com os olhos arregalados.

- Ela quem, bobinho?

- A Hidra!

Ao ouvir essa palavra, Pedrinho sentiu um sorvete na espinha. Inquestionavelmente ele se achava na hora mais crítica de sua vida de aventureiro. A Hidra era o mais temeroso monstro ainda aparecido no mundo; e se desconfiasse da presença deles ali, fatalmente os devoraria com a maior facilidade.

Apesar de valente, Pedrinho tremeu de medo. Sacudiu o Visconde.

- A Hidra!... Vi-a lá embaixo... O corpo no pântano... as sete cabeças de fora. Perto dela, muitos cadáveres humanos...

- Mas a Hidra enxergou você?

- Creio que não. Parece que está dormindo.

Uf! A informação aliviou Pedrinho. Está de papo cheio - refletiu êle - está digerindo. Isso a deixa sonolenta."

- E que mais viu? Fale!...

- Vi o pântano, que se estende até longe. Perto da Hidra há uma entrada de gruta, com montes de ossos pelo chão. Nada mais vi. Tropecei, desmoronei...

Pedrinho pôs-se a refletir, e por fim concluiu que o melhor era treparem ao topo do penhasco e ficarem quietinhos lá em cima. Muito mais segurança no alto da pedranceira do que ali. Emília foi da mesma opinião.

- Pois toca a subir - resolveu Pedrinho.

E subiram os três, com grandes dificuldades, até ao topo de onde o sabuguinho despencara. E chegados lá olharam para o fundão e viram a Hidra.

- Como é horrenda! - sussurrou o menino com cara de horror, em voz quase de si para si, tal era o medo de que o monstro o ouvisse. Será que Hércules vai vencê-la?

Emília contou as cabeças.

- Duas e duas quatro, e três sete. Sete cabeças, sim. Dizem que uma delas é imortal. Para mim, é a terceira à esquerda.

A Hidra estava cochilando com seis cabeças; só uma se conservava alerta, num movimento de vaivém - vai para a esquerda, vem para a direita, mas sem nunca erguer os olhos para cima.

- Creio que acertamos - disse Pedrinho. - Ela só olha para os lados.

E como era assim, acomodaram-se num desvão da rocha, muito encolhidinhos, à espera do grande herói exterminador de monstros. De vez em quando um deles se erguia para sondar os horizontes.

Nada! Nem sinal de Hércules.

- E se ele demora dois ou três dias? Como nos arranjaremos em matéria de bóia? - pensou Pedrinho.

Mas não foi assim. Minutos depois os penetrantes olhos da Emília notaram qualquer coisa lá muito longe.

- Esperem... Estou vendo... Estou vendo um grupo que se dirige para cá... Há de ser Hércules...

Emília errou. Não era o herói ainda; sim, um bando de centauros no galope.



XIV - Dona Benta e Sócrates

A entrada de Dona Benta e Narizinho na sala de jantar de Péricles constituiu, sem dúvida nenhuma, o maior acontecimento da cidade de Atenas no ano 438 A. E. Desde a véspera que ninguém conversava outra coisa que não fosse a misteriosa aparição do "Beija-flor das Ondas" no Pireu, ou a primeira visita que a velhinha fizera ao Estratego. "É uma prodigiosa vidente", comentavam todos.

"Lê o futuro como se estivesse lendo um pergaminho." A notícia correu de boca em boca, de modo que ao saberem do jantar em casa de Péricles não houve quem não disputasse um convite.

Péricles, entretanto, homem de grande comedimento, só reuniu uma dúzia de íntimos. Isso determinou reunião defronte de sua casa. Dezenas de pessoas ali permaneceram durante a festa, espiando disfarçadamente, para "pescar" o que podiam.

Assim que a velhinha entrou, os convidados rodearam-na como se rodeassem um ser caído da lua. Examinaram-na com a maior curiosidade, trocando entre si impressões cochichadas - sobretudo as damas que, não contentes de vê-la e ouvi-la, ainda lhe apalpavam a fazenda do vestido.

Dona Benta havia posto o seu célebre vestido de gorgorão amarelo do tempo do imperador, que só tirava da arca nas ocasiões de grande gala. Saia rodada, com babados que desciam até ao chão.

Botinas de pelica. Corpete justo na cintura, com gola de renda. Leque de cetim e vareta de madrepérola, com uma pintura a guache representando um minueto do tempo de Luís XV.

Narizinho vestia um saiote de xadrez vermelho e um gracioso bolerinho de veludo preto. Cabelos amarrados com fita cor-de-rosa. Sapatinhos de bico chato; meia de fio da Escócia; uma pulseira de galalite e um colarzinho fantasiado - tudo muito vulgar e prosaico para os modernos, mas

tremendamente novo e sensacional para as damas do século de Péricles.

As perguntas de Aspásia e suas companheiras não tinham fim, sobre o gorgorão amarelo, sobre as botinas de pelica, sobre a gola de renda, sobre um velho broche de camafeu que Dona Benta herdara de sua avó Pulquéria Encerrabodes, bem como as meias de Narizinho, o colar de miçanga e a pulseira de galalite. "Onde há disto?" A pulseirinha foi uma sensação, por tratar-se de substância sintética, totalmente desconhecida naqueles tempos. Cleone, uma das amigas de Aspásia, chegou a propor a troca da "maravilha." por uma estatueta de Artemis, de dois palmos de altura, feita de ouro maciço pelo escultor Miron. Narizinho ia aceitando o negócio - mas Dona Benta achou que era "exploração indigna duma Encerrabodes trocar uma pulseira de seis mil réis por uma obra-prima dos maiores artistas do mundo."

- Mas explique-nos tudo - dizia Aspásia. - Onde é sua terra? Como pôde chegar até aqui? Herodoto, que escreveu sobre tantos países, não fala de nenhum de onde a senhora possa ter vindo.

A menção do nome de Herodoto veio assanhar Dona Benta.

- Conhece-o, Senhora Aspásia?

- Como não? Lá está ele - e apontou para um homem duns quarenta e poucos anos, que conversava com um moço de nariz muito feio.

Nos seus serões no sítio, Dona Benta lera e relera com grande interesse uma tradução das "Histórias de Herodoto", de modo que não tirava os olhos do grande historiador, cognominado o "Pai da História."

- Vai ter um grande nome no futuro, esse homem... - murmurou ela.

- Já tem nome hoje - disse Aspásia. - Herodoto, que é um dos nossos melhores amigos, apareceu cá em Atenas depois de muitos anos de excursões pelo Egito, pela Líbia, Fenícia, Pérsia, Traria, Macedônia, Cítia e nossas colônias da Ásia. Tudo viu e observou com grande penetração - e aqui em Atenas nos comunicou as suas notas de viagem. Péricles, encantado, aconselhou-o a dá-las a público. Isto há uns oito anos, mais ou menos. Herodoto leu suas histórias no Odeon. Foi tamanho o

entusiasmo dos ouvintes, que logo depois, por proposta de Péricles, a Assembléia Ateniense votou-lhe um prêmio de 10 talentos.

Narizinho, que tudo ouvia com a maior atenção, fez a conta de cabeça. Dez talentos a 297 libras cada um, são 2.970 libras - ou sejam, 297 contos de réis. "Sim, senhor!" - pensou ela. "Estes gregos sabem dar valor ao talento!"

- E aquele moço de nariz feio que está a conversar com o historiador? - quis saber Dona Benta. - Suponho que já o vi no Agora, numa roda de amigos.

- Aquele? É um moço que esteve na guerra e hoje anda a ganhar fama de bom argumentador. Sócrates. Dona Benta quase caiu no chão. Suas pernas bambearam. Sócrates! O grande Sócrates, cujo nome iria atravessar os séculos, ali diante dela, tão feio em moço como seria na velhice...

Aspásia estranhou aquele interesse, pois Sócrates não passava dum ateniense como inúmeros outros, bom soldado nas guerras, bom conversador, bom argumentador e muito amigo de discussões - mas só. Por que razão a velhinha espantava-se tanto? Interpelou-a.

- Ah, minha senhora - respondeu Dona Benta - o nome de Sócrates vai ser um dos mais altos da humanidade e dos mais honrados no futuro. Quanto mais séculos se passarem, mais se falará de suas virtudes e de sua filosofia. Daqui a 2.377 anos seu nome estará bem maior do que hoje...

Aspásia refranziu a testa.

- Como? Que história de 2.377 anos é essa?

- Sim, falo do tempo em que vivo, lá no mundo moderno. Porque eu sou do ano 1939 da Era Cristã - uma nova era que vai começar daqui a 438 anos. Sou portanto, de um futuro que fica a 2.377 anos deste ano em que Atenas está.

Poucas mulheres antigas revelaram a inteligência, a largueza de vistas e a compreensão da segunda esposa de Péricles, mas mesmo assim as palavras de Dona Benta deixaram-na atrapalhadíssima.

Sempre de testa franzida, Aspásia levou uns segundos para alcançar a significação do que a velhinha dizia. Finalmente sorriu.

- Por Afrodite! Com que então a senhora não se contenta de ver o futuro - também vem do futuro...?

Dona Benta, que já notara o difícil de fazer os atenienses compreenderem o seu estranho caso, respondeu:

- Minha senhora, ando embaraçadíssima. Tudo quanto eu digo vos parece absurdo, fantástico, coisa de demente. Mas já que me interpela, responderei. Venho dum tempo muito longe deste, e venho dum continente que para os gregos de hoje só será descoberto daqui a 1.930 anos pelo navegante genovês Colombo - mas que para mim já está descoberto há 447 anos...

A explicação desenhou novas rugas na testa de Aspásia e na de todos os presentes. Era absurda, incompreensível...

- Mas de que país a senhora é?

- Vovó é do Brasil - respondeu Narizinho - uma terra descoberta em 1500 pelo almirante português Pedro Álvares Cabral.

A resposta da menina complicou ainda mais o embrulho.

Continente novo? Navegante genovês? Colombo? Pedro Álvares Cabral? Tudo nomes e expressões absolutamente sem sentido. E como as caras permanecessem as mesmas,

Dona Benta resumiu:

- Coisas a virem, meus senhores, coisas a virem...

O "resumo" não melhorou o embrulho. Coisas a virem, como? Está claro que há sempre coisas a virem, já que o tempo é uma continuidade. Do mesmo modo que admitimos o passado, temos que admitir o futuro, ou o tempo a vir. Mas se eram "coisas a vir", isto é, não existentes ainda, como então a velhinha afirmava com tamanha segurança que chegara de lá? Como pode alguém chegar dum tempo que ainda não existe?

- Não existe para os senhores - insistiu Dona Benta. - Para mim existe.

Sócrates, que se havia aproximado, meteu o bedelho na conversa.

- Perdão, minha senhora - disse ele - mas o que na realidade chamamos tempo é só o presente. A

realidade-tempo é essa – o presente. Passado e futuro são representações do nosso espírito; porque o que passou já passou, e portanto não existe; e o que está para vir ainda não veio, e portanto igualmente não existe. A senhora não pode ter chegado do futuro, isto é, do que ainda não existe.

Dona Benta sentiu as pernas moles e a boca seca.

Sócrates diante dela, a argumentar com ela, a humilde velhinha do Picapau Amarelo! Que prodígio dos prodígios!

Mesmo assim atreveu-se a dizer:

- Meu senhor, logicamente tudo é assim como vossas palavras dizem, e no entanto a verdade é bem outra, porque realmente eu vivo a 2.377 anos daqui no Sítio do Picapau Amarelo - e de lá vim, recuando no tempo e no espaço.

Aquela afirmativa desnorteou o filósofo de nariz feio.

Por mais hábil que fosse na técnica de argumentar. Sócrates compreendeu que era impossível discutir com quem dá respostas como aquela, absurdamente disparatadas - e afastou-se, a sorrir, voltando para a companhia de Herodoto. "Evidentemente, meu amigo, a velhinha está fora do juízo. Diz coisas sem o menor nexo lógico."

- Foi a primeira impressão de Péricles - disse Herodoto - mas Péricles já mudou de parecer. Acha que a velhinha não é nenhuma tonta, e que o caso não pode ser resolvido apenas com a lógica. Anda nisto um grande mistério, meu caro.

Sócrates deu de ombros.

- Tudo pode ser - murmurou. - De mim confesso que nada entendo.

Péricles, que havia saído da sala para atender a um negócio, voltou acompanhado dum conviva retardatário.

- Permita-me, Senhora Encerrabodes, que lhe apresente um dos nossos grandes escultores - Policleto.

Falar a Dona Benta em Policleto era o mesmo que falar no tio Barnabé, no Elias Turco ou outro qualquer conhecidíssimo personagem do Picapau Amarelo. A velhinha sabia toda a história desse

grande escultor grego, não só a que vinha desde o seu nascimento em Argos até àquele momento, como ainda a que iria dali até sua morte no ano 403 A. E. Policleto estava então com 42 anos e em pleno fulgor do seu gênio.

- Muito honrada me sinto, meu senhor, de ser apresentada ao grande artista de tantos primores, e sobretudo do Diadúmeno e do Cânon...

Policleto julgou que ela o estivesse confundindo com algum outro e respondeu a sorrir:

- Sua erudição a traiu, minha boa senhora. Entre meus trabalhos não há nenhum Diadúmeno.

- Sei disso - replicou Dona Benta - mas vai haver. O senhor vai esculpir um jovem efebo na atitude de atar na testa uma faixa: o Diadúmeno. E depois de escrever um pequeno tratado sobre as proporções, esculpirá uma formosa estátua de adolescente, em que as boas proporções do corpo humano serão fixadas de modo definitivo e à qual dará o nome de Cânon...

Aconteceu com Policleto o mesmo que com Sócrates: embatucou. A resposta da velhinha deixara-o tonto.

- Meu caro amigo - foi ele cochichar a Péricles - o que a "vidente" acaba de dizer parece-me o assombro dos assombros, pois de há muito que ando a parafusar na idéia de compor um tratado sobre as proporções, e de esculpir uma estátua que fixe no mármore as medidas ideais do corpo humano.

Mas se tenho essa idéia, jamais a comuniquei a ninguém - e a velhinha adivinhou-a e acaba de expô-la com clareza solar. Por Apolo! A coisa é absolutamente extraordinária...

Evângelo, o mordomo, acenou da porta com qualquer coisa na mão. Péricles fez-lhe sinal que entrasse. "Um marujo do Pireu vem trazer isto" - murmurou ele, passando ao amo uma carta para Dona Benta. Péricles tomou-a e fez a entrega.

- Acaba de chegar do Pireu, minha senhora.

O rosto da velhinha iluminou-se. Letra de Rabicó! Mas os óculos estavam com a menina.

- Narizinho, meus óculos!... Que é de Narizinho?...

Narizinho desaparecera da sala.

- Anda lá dentro brincando com o Senhor Alcebíades - declarou Evângelo.

- Vou chamá-la.

- Alcebíades? - repetiu consigo Dona Benta, franzindo a testa. - Será por acaso o famoso general ateniense que encheu esta Grécia com a sua beleza, o seu gênio e as suas loucuras?

Narizinho veio dos fundos a correr, seguida dum formoso menino de doze anos.

- Meus óculos, minha filha! Rabicó mandou-me esta carta lá do "Beija-flor." - E em voz baixa: -

Quem é, esse menino que apareceu com você?

- Alcebíades, vovó, o pupilo do Senhor Péricles. Esteve a mostrar-me a casa inteira, os viveiros, a piscina, os quadros. Vi pinturas lindas lá dentro - não emolduradas como as nossas, sim nas paredes.

Dona Benta não tirava os olhos de Alcebíades.

Toda a prodigiosa vida do futuro general ateniense perpassava pela sua memória, como em tela de cinema.

Iria ser o mais belo homem de seu tempo - e aos doze anos já o anunciava. Dona Benta suspirou e voltou à carta, depois de colocar os óculos.

- "Que são aquelas rodas que ela põe no nariz?" foi a pergunta que percorreu a sala - e Péricles, o único que já examinara os óculos de Dona Benta, disse num grupo: "São cristais duma pureza maravilhosa. Possuem a propriedade de aumentar as coisas vistas através - ótimos, portanto, para auxiliar a visão das pessoas de vista cansada. O nome que ela dá àquilo é "óculos." Aparelho realmente extraordinário."

No silêncio completo que se fez, Dona Benta leu a carta, com todos os olhares convergidos para a sua pessoa.

Sorriu triunfalmente e falou:

- Boas notícias, meus amigos! Antes de mais nada, porém, devo dizer que temos lá no iate um aparelho receptor das "ondas sabugianas", irmãs das tais ondas hertzianas que percorrem o espaço e por meio das quais nós, modernos, transmitimos mensagens, cantos, músicas etc, dum continente a

outro. O nosso ilustre Visconde de Sabugosa foi o descobridor de umas ondas novas, que receberam o nome de ondas sabuguianas, por meio das quais podemos transmitir mensagens, cantos, músicas etc, dum século a outro. Neste momento, meu neto Pedrinho, a Emília e o Visconde estão mergulhados no século XV A. C, em plena Grécia Heróica, e de lá enviaram ao receptor do nosso navio uma mensagem, que o Senhor Marquês de Rabicó, lá no iate, apanhou e fixou na cartinha que acaba de vir.

A assistência estava de boca aberta, sem perceber coisa nenhuma. Aspásia sentia estranhos arrepiamentos pelo corpo. O cérebro de Sócrates parará de funcionar. Só os artistas ali presentes não se espantavam, porque para os artistas tudo no mundo é sonho.

- Meus senhores - prosseguiu Dona Benta - o que aqui me conta Pedrinho talvez os vá assombrar. Diz que, depois de aspirarem no iate o pó número 2 e de perderem os sentidos, foram abrir os olhos na Tessália no século XV A. E, num campo onde havia um rebanho de carneiros e um pastor. Ao longe levantava-se bela montanha azul – o Olimpo.

Aspásia sentiu uns começos de faniquito. Herodoto interrompeu a observação que fazia num grupo a propósito dos persas. Sócrates pensou nas idéias filosóficas de Anaxágoras e sentiu em seus miolos a comichão dum "Quem sabe?"

- Sim, o Olimpo, meus senhores, a morada dos deuses. E Pedrinho, Emília e o Visconde galgaram a montanha sagrada e surpreenderam os deuses em reunião, discutindo o próximo trabalho de Hércules, que vai ser o ataque à Hidra dos pântanos da Argólida. E à noite penetraram na copa do Olimpo, donde furtaram um vidrinho de néctar e um bom pedaço de ambrosia. Diz a carta que o néctar lembra o mel das abelhas, embora muito mais gostoso; e a ambrosia lembra o curau de milho verde, um creme que os senhores não podem imaginar o que seja, uma vez que nada sabem do milho. A aventura correu felicíssima. Desceram do Olimpo sem novidades, voltaram à cabana do pastor, remeteram-me esta comunicação e foram preparar-se para a ida à Argólida, a fim de assistirem à luta de Hércules com a Hidra.

Depois de breve pausa, Dona Benta prosseguiu:

- Meus senhores, leio na vossa atitude o maior desnorreamento. Nossa situação é de tal modo extravagante que chega a fazer mal aos nervos da Senhora Aspásia e outras damas...

Aspásia estava já em pleno faniquito, com Péricles a abaná-la freneticamente. Outras damas preparavam-se para fazer o mesmo.

- Sim, extravagante, absurda, incompreensível, tanto para mim quanto para todos vós. As teorias do Senhor Sócrates sobre o temporealidade parecem-me destruídas. Onde as separações entre presente, passado e futuro? Todas as paredes caíram. Sou do futuro; do futuro vim e para o futuro voltarei. Sois dum presente que para mim já é recuadíssimo passado. E meu neto Pedrinho está numa era que é remotíssimo passado para mim e para todos vós. E apesar de tantos séculos nos separarem, eis-nos aqui reunidos - eu ligada ao meu neto pelas ondas sabuguianas! Se os senhores se espantam de ver em Atenas uma velhinha do futuro, também eu me espanto de ver-me a conversar com seres do passado. Nada mais tenho a dizer senão que entrego este quebra-cabeça à perspicácia do Senhor Sócrates.

Dona Benta tirou os óculos e guardou a carta. O silêncio era tão profundo que todos ouviram o canto dum rouxinol ao longe. Péricles correu a mão pela testa. Estava a suar - ele que jamais suara nos campos de batalha, nem nas terríveis pelejas da assembléia ateniense...



XV - Batatas e Sócrates

O jantar correu animadíssimo. Dona Benta reclinava-se no seu coxim, colocado entre o da dona da casa e o de Sócrates. Do outro lado da mesa, muito mais baixa que as modernas, reclinava-se Narizinho, entre Fídias à direita e Herodoto à esquerda. Uma coroa de rosas cingia a testa de todos os comensais. A conversa girou sobre vários assuntos e por fim caiu sobre a arte culinária.

- Pois é - disse Dona Benta - a razão da nossa viagem a estes séculos foi uma razão ao mesmo tempo sentimental e culinária: a procura de tia Nastácia, que é nossa amiga e nossa cozinheira. E que

cozinheira! Como sabe manejar o violino do "gostoso" e tirar dele mil harmonias! O mais simples guizado, um picadinho com batatas, um virado de feijão com torresmos, um vatapá, tudo enfim que sai de suas panelas, está para o que chamamos comida, como os mármores ali dos Senhores Fídias e Policleto estão para as esculturas comuns. Perfeitas obras-primas.

- E os bolinhos, vovó? - lembrou a menina, do outro lado da mesa. - Os bolinhos de tia Nastácia já estão famosos no Brasil inteiro. Quantas cartas a senhora não recebe das crianças, pedindo a receita dos bolinhos de tia Nastácia?

Herodoto concordou que há realmente criaturas dotadas de verdadeiro gênio em matéria culinária.

- Certa vez, na Frígia - disse ele - fui hospedado por uma velhinha de nome Aretusa, que me surpreendeu com um prato inesquecível - um quitute, aliás muito comum feito de leite e toucinho, preparado em folhas de figo (Aristófanes se refere a este prato.). Com que regalo devorei o pitéu! Tive a sensação da ambrosia dos deuses. Que tempero, que arte não usou a velhinha para conseguir aquele prato!

- Talvez a arte estivesse do vosso lado, amigo Herodoto - disse Sócrates.

- A arte denominada fome costuma operar desses prodígios. Também eu, na batalha de Potidéia, comi um naco de carneiro de que não me esquecerei jamais - como igualmente não me esquecerei nunca da fome com que estava...

- A senhora falou em picadinho com batatas - disse a esposa de Péricles. - Que é batata?

- Um tubérculo, Dona Aspásia. O tubérculo duma planta da família das solanáceas, que foi o melhor presente da América aos Europeus.

- Por quê? - indagou Herodoto.

- Porque, sendo um tubérculo, fica enceleirado no solo, não exigindo colheita imediata, como as coisas que dão no ar e se não forem colhidas a tempo secam ou apodrecem. Depois do descobrimento da batata, e de sua introdução na Europa, melhoraram muito as condições alimentares de certos países. A fome que periodicamente os assolava diminuiu.

- E como é a batata? - quis saber Aspásia.

- A forma é irregular, mais ou menos arredondada. São uns tubérculos que se desenvolvem nas raízes da plantinha, revestidos duma película amarelada e muito ricos em fécula. Usamo-las cozidas em água, ou fritas.

- Há também a batata-doce – disse Narizinho - e de duas qualidades, a amarela e a roxa. São maiores e bicudas...

Tudo aquilo eram tremendíssimas novidades para os gregos, que por muito tempo ficaram no assunto, a ouvir histórias de batatas fritas, batatas sautés, purées de batata, doce de batata - e até dos erros de língua que surgem na conversa e também recebem o nome de "batatas gramaticais."

O assunto provocou uma breve dissertação de Sócrates sobre a infinita possibilidade de desdobramento das coisas do mundo - até na mesa.

- Sim - disse Dona Benta - a mesa, que é tão simples nesta Grécia, vai variar e enriquecer-se continuamente. O homem é um animal onívoro, come de tudo - e quanto mais progride, mais inventa comidas novas. Eu considero isso um mal. Quem come de tudo, fatalmente come errado, porque a comida certa há de ser uma só - como o leite para as crianças novas, o mel para as abelhas, os fungos para as formigas saúvas.

- Fungos para as saúvas? - admirou-se Policleto, que não tinha nenhuma noção a respeito do alimento dessas formigas.

- Sim - respondeu Narizinho - elas não comem folhas, como quase todos julgam. Apenas picam as folhas e levam-nas para dentro do formigueiro, onde as amontoam de certo jeito para que embolorem. O bolor que nasce nessas folhas é o tal fungo a que vovó se referiu. As saúvas só se alimentam desses funginhos.

Todos se admiraram daquilo.

- Estou vendo - observou Péricles - que, apesar da civilização a que chegamos na Grécia, muita coisa nova há de vir ainda.

- Se há! - exclamou Dona Benta. - Há tanta coisa a vir para os senhores, e já vinda para nós do mundo moderno, que se eu fosse contar uma pequena parte levaria anos e anos aqui. Quanto à maneira de comer, por exemplo. Os senhores comem ao modo natural, usando as mãos. Nós, modernos, só usamos as mãos para segurar os talheres.

- Talheres?

- Sim. Chamamos talheres a uns instrumentos intermediários entre nossas mãos e os petiscos vindos à mesa. Há o garfo, que é uma haste metálica com um cabo e quatro espetinhos, ou dentes...

- Uma espécie de tridente de Netuno em miniatura, com quatro espetos - explicou a menina. - Um instrumento espetante.

- Isso mesmo. Um tridentezinho de Netuno. A colher é esse mesmo garfo com um côncavo na ponta, em vez de dentes. Serve para levar à boca os alimentos líquidos - sopa, caldos...

- Óleo de rícino também... - lembrou a menina.

- Sim, tudo que for líquido, em suma.

- Ou pó, vovó - lembrou de novo a menina. - Coisas secas, como a farinha, só com as colheres.

- Exatamente. A colher serve para as coisas líquidas ou em pó. E a faca os senhores sabem o que é - o instrumento cortante.

Os gregos entreolharam-se, admirados. Dona Benta continuou:

- E muito mais coisas há ainda em nossas mesas. Pequenos suportezinhos em que apoiamos os talheres para que não sujem a toalha. Guardanapos. Galheteiras com vidrinhos de azeite, vinagre, molho inglês etc.

- E as saleiras, vovó! A senhora esqueceu as saleiras.

- Sim, as saleiras, os paliteiros... Por falar em paliteiro: em casa de meu pai havia um de prata, representando Cupido de asinhas abertas, arco na mão e o carcaz às costas. No carcaz é que se punham os palitos, em vez de setas. Esse paliteiro era uma reminiscência da Grécia.

- Mas os melhores são os paliteiros-cegonha - lembrou a menina.

Aspásia assanhou-se. Queria saber como eram.

- Muito simples. Há uma cegonha de bico pontudo, de pé, diante de uma caixinha de palitos. Quando a gente abaixa o pescoço da cegonha, o bico fisga um palito e levanta-o no ar.

- Que interessante! - murmuraram todos.

- E na cozinha? - perguntou Aspásia. - Quais as novidades?

- Nem queira saber, minha senhora! - disse Dona Benta. - Uma cozinha moderna possui tanta coisa, tanta maquinazinha, tantas formas...

- A melhor é a máquina de picar carne - disse a menina. - A gente põe a carne numa moeguinha e vira a manivela - e a carne sai por uma bica, toda picada. Para fazer lingüiça, é ótimo.

Herodoto, que estava com a história do paliteiro do pai de Dona Benta na cabeça, voltou ao assunto.

- Mas então no seu tempo usam da imagem de Eros para um fim utilitarista? A irreverência é grande.

Eros é um deus.

Essa observação levou a conversa para o campo filosófico.

- Sim - disse Dona Benta - os deuses gregos no meu tempo só exercem funções utilitárias ou decorativas. Figuram ainda na literatura como imagens poéticas, nada mais. São pitorescas reminiscências do passado.

Aquela revelação assustaria os gregos da rua, mas não assustou os presentes, dotados que eram de fino espírito filosófico. Nenhum deles ignorava que os deuses gregos haviam evoluído - e que muito naturalmente continuariam a evoluir.

- Não só evoluíram - disse Dona Benta - como ainda morreram. Os povos modernos só admitem um Deus único. Esta multiplicidade de deuses que noto aqui está destinada a desaparecer.

- Será possível? - exclamou Aspásia.

- Zeus também?

- Sim. Zeus tem o defeito de ser humano demais, e para criaturas como nós, vindas de séculos e séculos do futuro, o que sobretudo espanta é que os gregos de hoje ainda levem a sério essas

divindades saídas da imaginação do povo e remodeladas pelos poetas.

Péricles chamou Evângelo e perguntou se não havia gente na rua a escutar. Se o povo de Atenas soubesse daquele diálogo, inevitavelmente denunciaria a velhinha como incurso no crime de impiedade.

Sócrates sorria. As palavras da "vidente" eram a confirmação de suas idéias mais íntimas sobre os deuses.

Só na aparência ele os aceitava. No fundo apenas admitia um ser supremo, sem nada de humano. Mas evitou a discussão. Sócrates conhecia o alto valor da prudência.

Quem mais se assombrou com as palavras de Dona Benta foi Fídias. De tanto mexer com deuses, de tanto esculpir-lhes as imagens, estava na absoluta convicção da sua existência real, de modo que as idéias da "vidente" deixaram-no bastante atrapalhado. Foi a partir desse dia que a dúvida começou a entrar na alma do grande escultor.

Aquele jantar em casa de Péricles não lembrava nenhum banquete dos chamados "orientais", em que o luxo excessivo e a extravagância dos pratos são obrigatórios.

Tudo muito simples e discreto. Carneiro assado – e ótimo! - merecedor até de tia Nastácia; pão; peixe; queijos de vários tipos; frutas secas e frescas, figos, uvas; mel; leite; ótimos vinhos...

Ao terminar vieram bacias com água para a lavagem das mãos - e todos se levantaram contentes e felizes.

Policleto declarou jamais ter ouvido tanta coisa prodigiosa e Sócrates confessou que recolhera excelente material para a modificação de muitas de suas idéias.

Eram nove horas da noite - tempo de dispersar. Fídias propôs a Narizinho um passeio no dia seguinte. "Quero mostrar a esta menina todas as obras novas que ando a dirigir." Sócrates aconselhou Dona Benta a não perder a oportunidade de conhecer Sófocles.

- Está ele na cidade? - perguntou a velha.

- Sim, e não veio ao jantar por sentir-se adoentado. Procure conhecê-lo, minha senhora. Sófocles é

uma compensação. Já que o destino pôs em Atenas um Cratino e um Eupolis, dois patifes do teatro, tinha também de pôr, a título de compensação, um Sófocles. É o veneno e o contraveneno.

- Por que citou Cratino e Eupolis e deixou Aristófanes de lado? - interpelou Aspásia.

- Porque Aristófanes tem gênio - respondeu Sócrates – e ao gênio até certas mesquinhas são perdoáveis.

Herodoto explicou a Dona Benta vários pontos das suas histórias, que ela lera no sítio e não compreendera muito bem; e ainda perguntou se a tal tia Nastácia era egípcia. "Não, meu senhor. Deve ser originária duma região africana muito ao sul do Egito - de Angola, talvez. Os pretos levados como escravos ao Brasil vinham de terras que os gregos de hoje ainda não conhecem."

O "Pai da História" despediu-se de beijo pendurado.

Aquilo de "terras que os gregos de hoje ainda não conhecem" deixara-o triste.

Policleto contou que terminara um mármore representando Hércules em luta com a Hidra de Lerna e que teria muito gosto em oferecê-lo a Pedrinho, já que Pedrinho era um devoto de Hércules. Dona Benta não achou palavras para agradecer o presente.

Depois que todos saíram, Aspásia levou-as ao aposento que lhes havia destinado.

- E amanhã - disse - temos de cuidar de modas. Não convém que a senhora ande pela cidade com esse vestido de gor... gor... gor, o que mesmo?

- ...gorão. Gorgorão.

- Sim, de gorgorão. Dará muito na vista, provocará ajuntamentos. O sábio é nos vestirmos ao modo da terra. Por isso já mandei pôr aqui em seu quarto uma túnica minha e um peplo - e também uma tunicazinha para a pequena. Quanto ao penteado, minha camareira virá amanhã penteá-las na moda.

Boa noite e bons sonhos!

Quando ficaram a sós, Dona Benta sentou-se na cama.

- Que coisa absurda, minha filha! - disse, correndo os olhos pelo aposento. - Nós duas aqui no século de Péricles, em casa de Péricles, a conversar com Sócrates, Herodoto, Fídias e mais personalidades

que para os modernos até parecem mitos!...

Narizinho estava experimentando a tunicazinha. Vestiu-a. Olhou-se a um espelho de prata.

- Que tal, vovó, a sua neta grega? Dona Benta contemplou-a com ternura.

- Um encanto, minha filha - só receio que nesses trajes você vire a cabeça do Alcebíades. Felizmente ele ainda está nos cueiros. Que homem perigoso vai sair dali...

O sono das duas naquela noite foi calmo, sobretudo para Dona Benta, que não cessara de murmurar consigo mesma: "Eu, na casa de Péricles! Eu, conversando com Sócrates! Eu, ganhando estátuas de Policlete!... É demais, é demais..."

Por fim, cansada de tantas emoções, dormiu e sonhou com a sua redinha lá na varanda do sítio.



XVI - A Hidra de Lerna

Enquanto a boa velhinha gozava a hospitalidade de Péricles, os três "pica-paus", lá nos fundões da Hélade, punham os olhos no horizonte. Que seria que vinha vindo? Centauros?

Era, sim, um bando de centauros, os mesmos que Hércules havia destroçado nas vésperas da sua façanha com o javali do Erimanto. O caso fora assim: indo Hércules em procura do javali, hospedou-se de passagem com o centauro Folo, filho do deus Sileno e duma ninfa dos bosques. Pediu de beber. As sedes de Hércules tinham fama. Folo apontou para um tonei de vinho que era propriedade comum de todos os centauros ali residentes - e o herói foi e bebeu.

- O tonel inteiro?

- Está claro. E vai então e aparecem os outros centauros, e vendo o tonel vazio enfurecem-se e atacam o herói a pedradas e pauladas. A reação de Hércules foi tremenda. Tonteou os dois mais avançados com os irresistíveis golpes de sua maça e perseguiu os outros a flechaços até muito longe dali, encurralando-os na Maléia.

- Que Maléia era essa?

- O lugar onde se haviam escondido aqueles outros centauros que Teseu e os Lápitás bateram. Depois

disso não houve centauro que não se pusesse em fuga sempre que Hércules aparecia.

Foi o que sucedeu naquela tarde. Hércules vinha vindo na direção do pântano para combater a Hidra e passara por uma zona de centauros. Assim que o reconheceram, os monstros fugiram no mais desapoderado galope.

Pedrinho, no alto do rochedo, contemplava a maravilhosa corrida. Eram seis formidáveis monstros, num galope lindo.

- Como correm! Veja, Emília, que arrancos dão e como sacodem no ar as cabeças. O nosso mundo moderno é bem sem graça. Imagine um casal destes prodígios lá no Picapau...

Emília deslumbrava-se.

- Se eu fosse Dona Benta, mudava o sítio para aqui. Lá não dá gosto. Só o tio Barnabé, o Elias Turco, o Coronel Teodorico - só cobras em vez de hidras, só o Conselheiro em vez de centauros...

Mas os monstros breve desapareceram num bosque distante.

- Que pena! - exclamou Pedrinho. - Eu passaria a vida inteira vendo estes centauros em disparada pelos campos.

Que maravilha das maravilhas...

O tropel chegou aos ouvidos da Hidra, que se pôs muito atenta.

- Olhe! - disse Emília. - Ela acordou. Está com os quatorze olhos brilhando como estrelas e as sete línguas de fora, vibrando...

Pedrinho viu que era assim mesmo. Estava alerta o monstro, como que farejando inimigos nas redondezas.

- Parece aquele mancebo do quarto de Dona Benta - murmurou Emília, referindo-se a um desses antigos cabides de uso nas fazendas, com jeito de candelabros.

- E veja quantos corpos pelo chão...

O monstro emergia do monte dos cadáveres de suas últimas vítimas. Pedrinho fez cara de horror.

Nisto os olhos penetrantes de Emília divisaram qualquer coisa no horizonte.

- Mais centauros? - perguntou o menino.

- Não. Não é centauro agora. É um carro a toda...

Era Hércules que vinha se aproximando de carro, em companhia do seu fiel amigo Iolau. Chegou.

Saltou em terra e sem a mínima vacilação avançou contra a Hidra.

Que maravilhoso espetáculo! O monstro de sete cabeças estava como que eletrizado, reteso, com as sete línguas numa vibração permanente e os quatorze olhos mais vivos do que diamantes ao sol.

Havia ali sete botes armados contra o agressor! Hércules, entretanto, atacou-a sem medo nenhum, como se atacasse um cordeirinho, e foi malhando naquelas cabeças com a sua invencível maça.

Notou, porém, que as cabeças destruídas rebrotavam instantaneamente, de modo que por mais que as esmagasse nunca deixava de ter pela frente as mesmas eternas e horríveis sete cabeças. Além disso, os seus movimentos já estavam embaraçados pelas roscas da Hidra: a cauda do monstro enleara-lhe as pernas e as ia apertando como num torno. Para agravamento da situação, surgiu da caverna um horrendo e enorme Caranguejo, que veio ferrar no calcanhar do herói as terríveis pinças. Hércules foi obrigado a largar a Hidra para atender ao novo atacante.

Caso simples. Com um golpe de maça esmagou-o.

- Que horror! - exclamaram os três heroizinhos lá no alto da pedra, quando um mingau verde-escuro saiu de dentro do Caranguejo moído.

Mas Hércules verificou que sozinho não conseguiria vencer a Hidra - e deu um berro para Iolau.

- Venha queimar as cabeças que eu for esmagando!

Iolau correu a uma floresta que havia à esquerda e ateou-lhe fogo - e até que as chamas a devorassem e reduzissem os troncos a tições, Hércules, sempre engalfinhado com a Hidra e enleado em suas roscas, teve de prosseguir no incessante esmagamento de cabeças.

- Que horror! - exclamava Pedrinho. - Ele já moeu duzentas cabeças e nada consegue. Ainda que esmague duzentas mil nada adiantará, porque renascem no mesmo instante. Estou vendo que Hércules vai perder a partida...

- E uma das cabeças é imortal – disse Emília. - Nem que ele a mate e remate e tresmate, e quatremate, esfole-a e queime-a ou reduza-a a pó, de nada adianta porque é imortal. Também penso que o pobre Hércules desta vez se estrepa.

Era tão eletrizante a luta que por um triz Pedrinho não se despenhou da pedranceira, como o Visconde. Ele "torcia" como se também estivesse atracado ao monstro.

Por fim não resistiu: começou a lançar pedrinhas com o seu bodoque novo. Uma delas atingiu um dos olhos da Hidra, fazendo-a piscar.

Lá no bosque Iolau precipitava o fogaréu, ansioso por obter tições.

Um pé-de-vento mandado por Éolo veio ajudá-lo, varrendo as chamas e deixando ao seu alcance vários troncos em brasa. Iolau correu a eles, e com muito jeito conseguiu um magnífico tição. Apagou o fogo duma das extremidades, segurou-o por ali e correu a ajudar Hércules.

- Vá queimando as cabeças que eu esmagar - disse este - e bá! esmagou uma. Sem perda dum segundo, Iolau aplicou o tição em cima. O som do chiado subiu ao topo da pedranceira, e logo em seguida um terrível fedor de hidra assada. Pedrinho tapou o nariz.

- Bá! fez Hércules e esmagou a segunda cabeça - e o tição de Iolau chiou em cima. E bá! a terceira, e bá! A quarta, e bá! a quinta, e bá! a sexta, e bá! a sétima. Os três heroizinhos ouviram exatamente sete bás! e sete chiados - e sentiram sete bafos de hidra assada.

A sétima cabeça, que era imortal, caiu a certa distância, mais viva do que nunca, de língua de fora, a vibrar, com os olhos cheios do fulgor da imortalidade.

Contra ela de nada valia o tição de Iolau, porque o que é imortal é também inqueimável. Hércules teve de enterrá-la num buraco bem fundo e colocar em cima um bloco de pedra que o Visconde avaliou em dez mil arrobas.

Estava, afinal, vencido o horroroso monstro de Lerna.

Privada de suas sete cabeças, e com a imortal enterrada, a Hidra descaiu por terra, convulsa de tremores.

- É o veneno que está agindo - observou Emília.

O Visconde, sempre sábio, riu-se.

- O veneno ofídico não mora no corpo das serpentes - disse ele - sim numa bolsinha localizada no fundo dos dentes caninos.

- Isso é com aquelas cobras de bobagem lá do sítio - caçou Emília. - Aqui na Grécia tudo é diferente. Esta Hidra há de ter no corpo só veneno, em vez de sangue. Você vai ver.

E o Visconde viu. Viu Hércules rasgar o papo da hidra escabujante para molhar no sangue negro a ponta de suas flechas.

- Eu não disse? - exclamou Emília vitoriosa. – Se Hércules molhou naquele sangue a ponta de suas flechas, claro que foi para envenená-las.

- Superstições - murmurou baixinho o Visconde.

Finda a luta, Hércules examinou o seu próprio corpo e viu nele vários ferimentos. Também Iolau tinha uma arranhadura no braço. Estavam ambos envenenados, perdidos!...

Hércules olhou para o companheiro. E agora? Contra os monstros ele dispunha de sua invencível maça, de suas agudíssimas flechas e da prodigiosa força dos seus músculos. Mas contra um veneno daqueles de nada valiam maças, nem flechas, nem músculos. E agora?

Hércules sentou-se numa pedra, a cismar.

Sua triste situação condeou Emília.

- Coitado! Venceu mas vai ser vencido - se nós o não ajudarmos.

- Ajudarmos como, Emília? Que idéia! Nós, uns coitadinhos, umas pulgas modernas, a ajudarmos Hércules! Isso chega até a ser uma besteira olímpica...

- Podemos ajudá-lo perfeitamente - insistiu Emília. - Não se lembra das palavras de Zeus ao tal mensageiro de asas nos calcanhares?

Pedrinho franziu a testa, como quem não se recorda.

- Não lembra que Zeus previu a hipótese de Hércules ser ferido e envenenar-se, e mandou pelo tal

mensageiro um recado à Pítia de Delfos?...

- É verdade, é verdade! - exclamou Pedrinho. - Estou me lembrando! Mandou, sim, dizer à Pítia que, caso Hércules a consultasse, respondesse que numa planta do Oriente ele encontraria o contraveneno da Hidra. Isso mesmo...

- Pois é. E sendo assim, está claro que podemos ajudar Hércules, aconselhando-o a ir consultar a Pítia.

- Mas aconselhá-lo como, Emília? Quem de nós possui a coragem louca de falar com Hércules? Eu não vou. Tenho medo de perder a fala. Só se o Visconde... - e olhou para o Visconde, o qual deu um suspiro, com os olhinhos postos no céu.

Emília concordou.

- Isso mesmo. Vai o Visconde...

E o Visconde teve de ir! Teve de descer do alto da pedranceira para "aconselhar" o tremendo herói.

Mas o Visconde usou dum estratagema. Refletindo que, se se apresentasse pura e simplesmente diante de Hércules o certo era ser esmagado pelo seu pé como sendo o filho do Caranguejo, aproximou-se de modo a não ser visto e, oculto numa fenda, murmurou com voz cavernosa:

- Ide a Delfos, ó grande Hércules! A Pítia vos indicará a planta do Oriente que anula o veneno do monstro.

O Visconde pronunciou essas palavras num tom verdadeiramente impressionante. Hércules ouviu-as e disse a Iolau:

- Salvos estamos, amigo! A pedranceira falou. Manda-nos correr a Delfos em consulta à Pítia. Há no Oriente uma planta que nos curará - ergueram-se os dois e foram ao carro e partiram numa corrida louca para Delfos.

Quando o Visconde se reuniu aos companheiros, estava ainda pálido de susto, assoprando.

- Uf! Escapei de boa. Felizmente o brutamontes não me viu. Fiquei bem escondidinho num buraco da pedra. O que ele fez para o Caranguejo me assustou...

Emília deu-lhe parabéns pela esperteza.

- Isso, Visconde. Na vida é assim; temos de usar da astúcia, quando não podemos empregar a força.

E agora?

- Agora - disse Pedrinho - vamos descer e espiar o campo de batalha.

Desceram e foram espiar o campo da batalha. Que fedor horrível! Mais de dez cadáveres jaziam lá, alguns verdes de podridão, outros recentes - e por cima o corpo morto da Hidra ainda com estremecimentos na cauda. Espetáculo arrepiante! mesmo assim Emília não desistiu de levar para o seu célebre museuzinho "uma ponta de língua de hidra." Abriu a canastra, tirou uma tesoura, e com mil cautelas, para não envenenar-se, cortou a ponta da língua duma das cabeças esmagadas.

- Olhe, Pedrinho - disse ela. - Tem duas pontinhas.

- É bífida - observou o Visconde. - Essas línguas de ponta dupla chamam-se bífidas.

- Que quer dizer?

- Quer dizer partida em dois. É uma palavra que vem do latim bis, dois, e findo, eu parto, ou racho, ou fendo. Bífido: fendido em dois.

- Sim senhor - disse Emília. - O Visconde em matéria de gramática é um verdadeiro rinoceronte.

Era alusão ao Quindim, o grande gramático do Picapau Amarelo.

- Muito bem - disse Pedrinho. - Fomos felizes. Presenciamos de palanque o tremendo combate de Hércules contra a Hidra de Lerna, coisa que o mundo só sabe pela descrição dos livros. Ajudamos o herói a livrar-se do veneno; mas agora? Que iremos fazer agora? Estamos completamente sem destino.

- Ótimo! - exclamou Emília. - O gostoso é ir andando ao léu para ver o que acontece. Sempre detestei programas.

Como não surgisse outra solução, adotaram essa; e os três "picapaus" foram andando, andando, pela Grécia Antiga a fora, a ver o que acontecia.



XVII - Ninfas, Náíades, Dríades e Sátiros

Os três "picapaus" foram andando, andando sem destino pela paisagem da Grécia Antiga. Paisagem que mudava de hora em hora - campinas, montanhas, florestas, bosques, rios...

Em certo ponto se detiveram. Que lindo lugar! A montanha azul lá longe, um formoso bosque à esquerda e ali ao pé um riozinho murmurante.

Emília, que tinha paixão pelas águas em movimento, exclamou:

- Olhe, Pedrinho, como é "cabrita" esta água! Foge por entre as pedras como se fosse um peixe líquido; e quando não encontra passagem, pula por cima.

- Bom ponto para um descanso - gemeu o Visconde - e arriou a canastra da Marquesa de Rabicó.

Sentaram-se os três. Pedrinho tirou dos bolsos o sortimento de azeitonas e amoras colhidas pelo caminho.

- Temos de nos contentar com isto - disse ele, fazendo a distribuição.

O bosque dali avistado era desses que certos pintores põem nas telas. Um poema de verdura. Mas... que era aquilo? Uma "forma..."

- Espere!... - exclamou Pedrinho firmando a vista. - Querem ver que é uma ninfa?

Era uma ninfa. E eram depois duas ninfas, e três e quatro e todo um bando maravilhoso de ninfas.

Pedrinho havia puxado Emília e o Visconde para dentro de uma pequena moita, de onde podiam ver sem serem vistos. Que beleza! As ninfas não são criaturas humanas de carne e osso; são "formas."

Leves como o ar, verdadeiras gazes vivas.

- Oh, estou compreendendo - disse Pedrinho - elas são as "almas das coisas". Bem que vovó me falou nisso. Almas das coisas - sim - almas das pedras, dos bosques, das montanhas, das árvores, das águas...

Aquelas ali eram as ninfas dos bosques e davam a impressão de belíssimas adolescentes, envoltas em gazes de lindos tons. Não tinham peso. Seu andar: uma dança!

Perfeitas criaturas de sonho.

- E não são todas iguais - observou Emília. - Repare na da esquerda, que tem um brilho de água.

- Deve ser uma ninfa do orvalho. Parece vestida de pequeninos diamantes líquidos que não cessam de tremer.

E aquela outra, lá adiante, deve ser uma ninfa de água parada. Em vez de brilhinhos, só tem reflexos de lagoa, lisos. A gente olha e percebe que é a alma dessas águas paradas, cheias de rãs verdes e plantinhas que boiam. E aquela mais à esquerda há de ser também uma ninfa de água, mas de água que corre, como este riozinho. Talvez até seja a própria ninfa deste nosso riozinho aqui.

- Há de ser - concordou Emília - é bem parecida com ele...

- Vovó já me explicou este caso da "alma das coisas", e falou das "dríades", que são as ninfas das árvores que andam soltas; e das "hamadríades", que são ninfas sempre presas dentro das árvores; e das "orestíades", que são ninfas das montanhas; e das "náíades", que são também ninfas das águas...

Nem bem acabou de dizer e viu sair de outro ponto do bosque um bando de formas.

- Lá vêm elas! Mas que interessante! Eu sei porque vovó contou; mas ainda que nada soubesse eu adivinhava...

- Adivinhava o quê?

- Que são dríades. Repare como dão a sensação das árvores, com todos os seus ninhos e musgos, e cipós e flores e folhas. Que maravilha, hein?

- Nem fale, Pedrinho! Eu até tenho vontade de chorar, de tanto gosto...

Ficaram os dois embevecidos no bando das ninfas, com os olhos parados, como em sonho. Só o Visconde não se impressionava. De tanto mexer com a ciência, ficou de alminha completamente endurecida para as belezas do mundo.

- E lá vem vindo uma orestíade! - exclamou Pedrinho, apontando para uma ninfa diferente das outras, que se encaminhava para o bando. Diferente, sim; dava idéia de altura, de ar rarefeito, de torrentes escachoantes, de avenca nas barrocas, de caminhos de cabra - de tudo que há nas montanhas.

Pedrinho "sentiu" que ela era uma orestíade, uma ninfa ou alma da montanha - e acertou.

Era a ninfa da montanha azul que se avistava ao longe.

Súbito, apareceram, vindos de certo ponto, vários seres masculinos.

- Os Sátiros! Bem certo como vovó disse...

- Que feiúras! - murmurou Emília.

- Têm pernas e pés de bode e chifrinhos na cabeça. E trazem flautas duplas e tambores. Mas aquele espeto enleado de ramagens, com uma pinha na ponta, que é aquilo?

- Aquilo é o tirso - explicou Pedrinho: - Uma lança curta e leve, ou "dardo", que eles disfarçam com um festão de hera e uma pinha na ponta. O tirso é uma arma de arremesso camuflada, isto é, arma de arremessar com a força do braço, como uma flecha que a gente lançasse com a mão em vez de a lançar com o arco.

Os Sátiros vieram muito risonhos e começaram a tocar músicas das que ninguém resiste. As ninfas imediatamente se assanharam - e foi uma dança maravilhosa. Leves como eram, dançavam conforme a música, "inventadamente", mal tocando o chão com os pés. As gazes em torno de seus corpos ondeavam, como que também dançavam - "dançavam a dança do ondeio" - como observou Emília.

- Isto é que é dança! - disse Pedrinho. - Aqueles moços e moças lá no mundo moderno, que suam nos salões, atracados uns com os outros nas tais valsas e foxtrots, deviam vir aprender com as ninfas o que é a verdadeira dança.

Mas a festa maravilhosa foi subitamente interrompida pelo aparecimento dum bando de peludos faunos. Pânico!

As ninfas dispararam para os bosques. As dríades sumiram dentro das árvores. As náiades mergulharam nas águas. A orestíade correu para o seio da montanha.

- Que pena! - exclamou Pedrinho.

- Estes brutos vieram estragar a festa - e lá vão eles a perseguir as coitadas...

Em breve a natureza ficou totalmente limpa de "formas", tão desenxabida como as paisagens modernas.

- Se é assim - disse Emília - por que não aparecem ninfas lá nas matas do sítio?

- Já consultei vovó a respeito. Ela acha que os nossos olhos modernos é que não vêem as ninfas, mas que elas tanto existem lá quanto aqui, e também dançam por lá estas mesmas danças. Só que nos são invisíveis.

- Que triste coisa ser moderno! - suspirou Emília. - Imagine se conseguíssemos ver a alma das coisas como aqui nesta Grécia! Se, por exemplo, víssemos as dríades e as hamadríades dos flambo-yants, dos ipês, dos mulungus vermelhos! A dríade do mulungu! Que linda não será...

Emília tinha paixão pelos mulungus. Sempre que os três pés que havia no sítio de Dona Benta derrubavam as folhas e ficavam só flores vermelhas, Emília vinha saudá-los todas as manhãs, logo que pulava da cama. "Salve, mulunguzinhos cor de brasa, dizia ela, flor do meu coração, de vermelho mais bonito que o do "papagaio" e o de todas as flores vermelhas daquém e dalém mar."

Bom. Estava terminada a festa das ninfas. Eles podiam sair da moita. Saíram e continuaram a andar sem destino pela maravilhosa paisagem da Grécia Antiga.

- Que iremos ver agora? - ia pensando Pedrinho.

O que havia para ver naqueles tempos, fabulosos não tinha conta. Tudo eram assombros e encantamentos. A Hélade não passava de uma mistura de deuses, semideuses, heróis e simples mortais. E como até as coisas tinham alma, a vida grega era uma representação teatral como nunca houve outra no mundo. Só as façanhas de Hércules davam para encher um livro enorme. Pedrinho, que as sabia todas, foi contando as principais.

- Depois do caso do Leão de Neméia e deste caso da Hidra - explicou Pedrinho - o Rei Euristeu mandará Hércules fazer uma coisa ainda mais difícil: pegar a Corça de Pés de Bronze e Chifres de Ouro que mora num templo de Diana, no Monte Cirineu. Não é nenhum animal feroz, como o Leão de Neméia, nem monstro terrível, como a Hidra de Lerna, mas um serzinho dotado da velocidade do relâmpago. Ah, que trabalho o pobre Hércules vai ter!

Perseguiu-la-á durante todo um ano, sempre com a veadinha a rir-se dele. Basta dizer que duma feita

ela irá num só galope até o país dos hiperbóreos.

- Onde é?

- Nas regiões boreais, onde há os ursos brancos e as focas. A veadinha irá e voltará sem descansar um só momento, veja que danada! Hércules terá de recorrer à astúcia, porque contra a velocidade de nada vale a força. E vai, então, e esconde-se à beira dum rio que ela, forçosamente, terá de pular - e quando a veadinha pular o rio ele a apanhará no ar com uma rede.

- Há de ser como aquela com que você caça borboletas lá no sítio.

- Isso mesmo - e a levará viva ao Rei Euristeu, o qual ficará desapontadíssimo. Esse vai ser o terceiro trabalho de Hércules.

- É bem delicado. Sem sangue, nem aqueles golpes de maça que até arrepiam a gente. E o quarto?

- O quarto trabalho de Hércules será um pega no célebre javali que costuma descer do Monte Erimanto para assolar as terras vizinhas.

- Que é assolar?

- É destruir tudo, arrastar, escangalhar - e o tal javali anda a divertir-se com a brincadeira. Indo liquidar o caso, Hércules encontrará no caminho um bando de centauros e os derrotará completamente.

- Como aperitivo - para experimentar a força...

- Depois de derrotar os centauros e ainda quente da façanha, ele lançar-se-á contra o javali - e pega daqui, pega dali, corre, cerca, avança, recua, conseguirá por fim encurralá-lo num bosque, onde o agarrará bem agarrado, e o botará às costas para o levar ao Rei Euristeu.

- E o tal Euristeu, que era uma boa bisca, desaponta e inventa um quinto trabalho...

- Exatamente. O quinto trabalho de Hércules será limpar as cavalariças do Rei Augias, que são imensas e andam com uma camada de estéreo maior que as de guano das Ilhas Chinchas, nas costas do Peru. Hércules chega, olha para aquilo e promete limpá-las, se o rei lhe der como prêmio um décimo dos seus animais. Certo de que o "prosa" não limpará coisa nenhuma, por ser impossível,

Augias aceitará o trato. Hércules então derrubará uma das paredes das cavalariças e desviará o curso de dois rios próximos, fazendo que as águas ali penetrem e arrastem a esterqueira. Fará uma beleza de serviço, não deixando nem o cheiro do estrume; mas Augias, que é um grande patife, vai negar-lhe o prêmio e ainda por cima o expulsará de suas terras. Furioso com a deslealdade, o herói reunirá um exército e fará com o Rei Augias o já feito com o estéreo: varre-lo-á para longe.

- Toma! E o outro trabalho?

- O sexto trabalho será bonito. Existe numa cidade da Arcádia, de nome Estinfalo, um pântano habitado por umas horripilantes aves de bronze que só comem gente.

Arrancam do corpo as penas de bronze e lançam-nas como flechas contra os transeuntes. A dificuldade de Hércules será fazer as aves saírem do pântano. Para isto terá uma idéia: pedir a Minerva um famoso sino de bronze que Vulcano forjou e lhe deu de presente. E com esse sino se instalará na beira do pântano, e o tocará dia e noite, até que as aves, atordoadas fujam espavoridas - e ele então as flechará uma por uma.

- Bonito! E o sétimo?

- O sétimo trabalho de Hércules será com um touro da Ilha de Creta, ainda mais feroz que o javali do Erimanto.

- Que anda a assolar as redondezas, já sei...

- Isso mesmo. Hércules irá à ilha e falará com o Rei Minos, que é o dono de tudo, e dele obterá licença para caçar o touro - e o pegará a laço. E sabe o que vai fazer em seguida? Vai levá-lo às costas ao Rei Euristeu, sem parar uma só vez pelo caminho. E sabe o que o malvado do Euristeu vai fazer? Soltar o touro! Soltá-lo na Ática, onde a fera continuará em suas destruições até que o herói Teseu a destrua.

- E o oitavo trabalho?

- O oitavo trabalho de Hércules consistirá em dar cabo dos terríveis cavalos antropófagos do tirano Diomedes. Este sujeito os havia ensinado a comer carne humana, e os nutria com os marinheiros

naufragados nas costas dos seus domínios e arremessados à praia pelas ondas.

Hércules irá lá, derrotará as forças do tirano e fará que os terríveis cavalos devorem Diomedes vivo.

- E que vai fazer dos cavalos?

- Vai soltá-los num monte cheio de lobos famintos.

Depois disso Euristeu mandará Hércules em busca dos ferozes bois de Gerião, um monstro composto de três corpos humanos ligados entre si pela barriga e Hércules irá e liquidará com tudo - os bois e o dono.

- E Euristeu, então...

- Manda-o realizar o décimo trabalho: obter de Hipólita, rainha das Amazonas, um cinto maravilhoso muito cobiçado por Admeta, filha de Euristeu. As amazonas moram nas encostas do Monte Termodonte, num reino só de mulheres. Como são guerreiras invencíveis, Hércules terá de levar companheiros, entre os quais Teseu, Peleu e Telamon. Lá chegando, tentará com Hipólita um acordo amigável, e quase o conseguirá; mas Juno, a grande inimiga de Hércules lá no Olimpo, descerá à terra disfarçada em amazona e irá cochichar com as guerreiras que o que Hércules quer é raptar Hipólita. As pobres amazonas, enganadas, montarão em seus valentíssimos corcéis e atacarão com o maior vigor os heróis, forçando-os a se defenderem. Resultado: morte de muitas amazonas e aprisionamento de Hipólita, com cinto e tudo.

- Aquela Juno bem que merecia uma boa roda de palmadas - disse Emília. - E o décimo primeiro trabalho?

- O décimo primeiro trabalho de Hércules vai ser a captura do pomo das Hespérides. Estas damas são as ninfas do Monte Atlas onde possuem um maravilhoso jardim com as célebres árvores dos pomos de ouro. Hércules para lá se dirigirá e chegará justamente quando as Hespérides estão sendo atacadas por um bando de facínoras do Rei do Egito. E aquilo vai ser sopa no mel. Em três tempos ele arrasa os facínoras e sem dificuldade nenhuma obtém os pomos de ouro.

- Pomo eu sei que é maçã ou laranja - disse Emília. - E o último trabalho?

- Esse foi lindo. Euristeu mandará Hércules descer ao inferno em busca de Cérbero, o cão de três cabeças. Vai ser um trabalho difícilimo, exigidor de muitos estudos e preparos. Por felicidade, Palas e Hermes, que protegem o herói, oferecer-se-ão para acompanhá-lo. Hércules descerá ao inferno, e ao verem-no aparecer, as sombras dos mortos fugirão espavoridas, exceto a sombra da Górgona que Perseu matou. Hércules levará a mão à espada, para atacá-la, mas Hermes sorrirá dizendo: "Não vês que é uma sombra?" Muitas coisas haverá nesse dia, entre elas a libertação do grande herói Teseu, que Hércules encontrará aprisionado, com grossas cadeias nos pulsos. Ele quebrará essas cadeias e soltará Teseu. Em seguida chegará à mansão de Hades, o deus dos infernos, e explicará o que o traz. "Muito bem" – responderá Hades. "Se queres pegar o Cérbero, pega-o, mas sem o emprego das armas". Hércules cobrir-se-á com a pele do Leão de Neméia e avançará contra o monstro de três cabeças. Terribilíssima luta vai ser, mas Cérbero, quase asfixiado, terá de ceder e acompanhar o vencedor à presença de Euristeu, com as três cabeças baixas.

- Que danadinho, o tal Hércules! - exclamou Emília.

- Sim, invencível. Nunca houve no mundo um herói mais destemeroso - e no entanto teve um fim trágico: acabará vencido por uma mulher...

- Que mulher?

- A Rainha Onfale.

- Como? - quis saber Emília.

- Não sei - respondeu Pedrinho - e aqui não tenho meios de me informar. Eles aqui ainda estão no segundo trabalho de Hércules, que é o da destruição da Hidra de Lerna. E nem esse caso o povo ainda sabe - só nós. A notícia ainda não se espalhou...



XVIII - Os narizes de Atenas

A primeira noite que Dona Benta e Narizinho dormiram na casa de Péricles não foi das mais calmas. Narizinho sonhou com um milhão de coisas, e lá pela madrugada a velha perdeu o sono, de modo que

antes de romper o dia já estava de pé.

- Admirável tudo isto! - ia refletindo consigo a boa Dona Benta, enquanto examinava os móveis e a decoração das paredes. - Vejo a preocupação da arte e do bom gosto nas menores coisinhas. Estes vasos, que lindos...

Havia ali uns vasos puramente ornamentais, merecedores de irem para os melhores museus do mundo. Um deles era esculpido num bloco de calcedônia, de modo a aproveitar as mudanças de cor das diversas camadas dessa pedra.

Representava "Penélope fiando o sudário." Dona Benta pôs os óculos para ler a assinatura do artista. Leu o nome "Gaion", e em seguida estas palavras: KALLOZ NAYKY, que querem dizer: "Lindo, não?"

- Que coisa interessante! Este Gaion gravou aqui a exclamação que ocorre a todos que lhe vêm a obra. Sim, Gaion, isto está mais que lindo. Está uma perfeita maravilha - e se conseguisse escapar à destruição do tempo, figuraria com a maior honra no Louvre ou no Museu Britânico. Que fortuna não representaria este vaso no mundo moderno!...

O sol já se mostrava por cima da Acrópole, que era avistada dumas das janelas do aposento. Dona Benta resolveu acordar a menina.

Narizinho sentou-se na cama, com uns olhos maiores que a cara. "Onde estou eu?" - murmurou, tonta. Depois riu-se.

- Já me tinha esquecido desta Grécia, vovó! Tive um sonho agitadoíssimo - uma luta tremenda entre o Quindim e o Conselheiro por causa dum espiga de milho. Mas... que lindo quarto, vovó! Que beleza de decorações...

- É o que eu estava pensando. Estes gregos são artistas em tudo. Repare nesta poltrona - e Dona Benta indicou uma das poltronas do quarto. - Concilia o cômodo com o belo das linhas - não são como as nossas que só atendem à comodidade. O espaldar tem uma forte inclinação. Os gregos gostam muito de reclinar-se, e está me parecendo que o melhor modo de sentar é mesmo esse - meio reclinado.

- E que vasos lindos, vovó! São verdadeiras jóias.

- Sim, minha filha; enquanto você dormia, eu os estudava. Primorosos, sobretudo este pequenino aqui, de calcedônia. Veja que encanto.

A menina examinou a preciosidade, e depois os demais ali existentes. Viu que em todos aparecia uma mesma figura central.

- Quem é esta mulher que aparece em todos os vasos?

- Penélope, a esposa de Ulisses, o rei da Ilha de Ítaca. Este Ulisses tomou parte na Guerra de Tróia durante dez anos, e depois andou mais dez perdido pelos mares. Sozinha em sua casa com o menino Telêmaco, a boa Penélope teve de dar pulos para resistir às propostas de vários príncipes. "Ulisses já morreu" - diziam eles. - "A senhora está viúva. Por que não se casa comigo?" Mas Penélope insistia em esperar pelo reaparecimento do esposo - daí lhe veio a idéia de tecer um sudário...

- Que é sudário?

- Um pano, um lençol em que envolviam os mortos antes de enterrá-los. Para fugir ao atropelo dos príncipes, Penélope declarou que só pensaria em casamento depois de terminar aquele sudário - mas, por mais que o tecesse, o serviço não caminhava.

- Por quê?

- Porque ela desmanchava de noite o pedaço feito de dia. Vem daí uma expressão literária ainda em uso no mundo moderno, a "teia de Penélope", significando trabalho que não tem fim.

- Obras de Santa Engrácia...

- Sim. Esta série de vasos representa o episódio de Penélope desde o começo até o fim, como o grande Homero o descreveu na Odisséia. Neste aqui está a rainha muito melancólica porque o esposo lá se foi para a guerra. Neste outro vemo-la às voltas com o filhinho Telêmaco. Neste surgem os importunos pretendentes - e assim por diante, até o último, que é do regresso de Ulisses. Mas que tristeza, minha filha, pensar que estes primores vão reduzir-se a cacos...

- Será possível, vovó?

- Ah, o que se perdeu da arte grega! Quase tudo. Da pintura, que era muita e ótima, nada, nada se salvou; e da escultura basta dizer que nos museus modernos não existem nem cinquenta estátuas antigas das grandes – e entre estas, só quinze gregas...
- Só quinze, vovó? - exclamou a menina, surpresa.
- Só. E da pintura, nada. Viu os lindos painéis da sala de jantar?
- Vi, sim, e também aquele ótimo retrato do Senhor Péricles.
- Foi Fídias quem o pintou. Fídias começou pintando; depois é que caiu na escultura. Seus irmãos também pintam. Os painéis da sala de jantar são de Paneno e Plistenetes, irmãos de Fídias. Péricles é muito amigo de todos eles. A Grécia produziu inúmeros pintores, entre os quais Polignoto, Pausias, Parrásio, Apeles, Cefisódoro, Zêuxis, Frilo, Êvenor... E parece que na antigüidade a pintura tinha maior cotação que a escultura. O escritor romano Plínio conta em uma de suas obras que Júlio César adquiriu um quadro do pintor Timomaco por 80 talentos...
- São 23.760 libras esterlinas, ou sejam, 2.376 contos de réis, calculou a menina distraidamente, sem tirar os olhos dos vasos. Aquelas belezas estavam mexendo com a sua alminha.
- Que pena haver guerras, vovó! A causa da destruição de tudo é sempre a maldita guerra.
- Sim, foram as invasões dos bárbaros do norte que destruíram o imenso tesouro da arte grega, o maior jamais reunido no mundo. A abundância de mármore havia feito da escultura e da arquitetura as artes máximas entre os gregos. Daí a infinidade de monumentos que brotaram em todos os lados, não só aqui como em todas as cidades e colônias gregas. Centenas de templos, milheiros e milheiros de estátuas de mármore e bronze saídas das mãos de gênios como Miron, Fídias, Policleto, Scopas, Lísipo, Praxíteles e inúmeros outros. Pelo que se salvou, podemos imaginar a imensidade perdida. Lembra-se dos restos da Vitória da Samotrácia, que vimos no Museu do Louvre? Para mim é uma das mais belas obras-primas da antigüidade - vale tudo o que se fez depois.
- Poderemos vê-la por aqui, vovó?
- Oh, não. Essa estátua só aparecerá de hoje a 110 anos, depois da conquista da Grécia por

Alexandre da Macedônia.

- E onde acham eles tanto mármore, vovó?

- A Grécia é a terra do mármore. Além do existente nas pedreiras do Monte Pentélico, há uma ilha que é toda de mármore - a Ilha de Paros.

- Que pena! - exclamou a menina. - Eles a esculpirem maravilhas e os bárbaros a fabricarem martelos quebradores. Se eu pudesse torcer o pescoço desses bárbaros...

- Corta o coração uma visita aos grandes museus modernos, minha filha. Quase que só fragmentos - corpos sem cabeça ou braços, cabeças sem corpos, troncos sem cabeças, sem braços e sem pernas - cacos. E em tudo a gente vê sinais de golpes de machado. O número de cabeças sem nariz é enorme. Parece que os brutos sentiam um prazer especial em destruir narizes...

- E que narizes lindos têm os gregos, vovó! Perfeições. O de Dona Aspásia é um encanto.

Alguém bateu na porta. Narizinho foi abrir.

- Sou a camareira, vim para o penteado - disse uma gentil criatura.

- Queira entrar...

A camareira entrou com vários petrechos, mas deu boa prosa antes de começar o serviço. À pergunta da menina se ela era escrava, sorriu.

- Sou e não sou. Aqui nesta casa não sou, porque meus amos não admitem escravos. Tratam-nos como amigos, como se fôssemos cidadãos.

Dona Benta observou que já havia notado isso. Os gregos, com o profundo sentimento de humanidade que os distinguiu de todos os outros povos, apenas por força do hábito mantinham a escravidão nas leis e nos costumes, mas absolutamente não tratavam aos escravos como tais. E a tendência era dar-lhes os mesmos direitos dos cidadãos.

- É por isso que respondi que sou e não sou escrava. Sou por lei; e não sou por bondade de Aspásia e Péricles.

- Pois, minha cara - disse Dona Benta - você pode gabar-se de ter os mais famosos amos do mundo.

Este Senhor Péricles vai entrar na história como um dos maiores homens produzidos pela humanidade - um gênio dos mais altos, pela inteligência, pela eloquência, pela sabedoria e pelo amor à arte; e sua ama, Dona Aspásia, também se imortalizará como uma das glórias do sexo feminino - apesar de muito difamada.

- Que falam mal dela, isso eu sei - confessou a escrava.

- A política em Atenas é brava. Péricles tem muitos amigos - e também muitos inimigos que não lhe perdoam um nadinha. E quando lhe querem fazer mal, procuram ferir a honra de Aspásia. Sabem que isso lhe dói porque ele a adora. Nunca vi casal mais amoroso. Vivem num idílio eterno. Ele não é capaz de entrar ou sair sem primeiro beijá-la.(Observações de Plutarco. Vida de Péricles.)

- E Dona Aspásia muito o merece - disse Dona Benta. - Além da beleza que é, tem coração e tem miolo.

- O que ela tem - observou Narizinho - é uma perfeição de nariz como ainda não vi nenhum. Uma coisa está me parecendo, vovó...

- Que é, minha filha?

- Está me parecendo que os narizes degeneraram muito. No nosso povo moderno um nariz realmente bonito é um fenômeno de raridade. Uns são batatudos; outros, finos demais; outros, de papagaio; outros, chatos, como o de tia Nastácia - até o meu não é lá nenhuma perfeição...

- O seu é dos mais engraçadinhos - murmurou Dona Benta, com um sorriso de vovó amorosa. - Que tal... como é o seu nome? - perguntou à escrava.

- Aglae.

- Que tal, Aglae, o narizinho de minha neta?

Aglae achou-o mimosamente petulante.

- Mas não é perfeito - disse a menina. - Narizes perfeitos só vim ver em Atenas. O de Dona Aspásia, então, é ótimo. Você é daqui de Atenas, Aglae?

- Não, sou de Mileto, da mesma terra de Aspásia.

- Pois meus parabéns. O seu nariz miletiano também merece grau dez.

Aglae achou muita graça quando soube que o apelido daquela menina era "Narizinho", ou "Microrrhino" em grego, e disse que de fato a regra em Atenas era o nariz bem feito, embora houvesse alguns bem desajeitados.

- Como o do Senhor Sócrates - lembrou Dona Benta. – Foi o nariz mais desajeitado que notei por aqui - e até em nosso mundo moderno se falará na feiúra do nariz desse grande filósofo.

Aglae não sabia que Sócrates era filósofo, nem imaginou que fosse celebrar-se. Por aquele tempo não passava dum moço como os havia tantos, cujo mérito maior era ser muito amigo de Aspásia.

- Bom, vamos ao cabelo - disse Dona Benta, colocando-se à disposição da camareira.

Aglae penteou-a à moda do dia, com um corote comprido atrás e uma fita passada de certo jeito.

Narizinho pôs-se a rir.

- Ah, meu Deus! A senhora está o suco dos sucos, vovó. Só quero ver agora como vai ficar depois de vestir a túnica.

Aglae desdobrou as vestes gregas que Aspásia destinara à hóspeda - um quáton e um peplo para Dona Benta e uma tunicazinha para a neta.

- São de Dona Aspásia estas roupas?

- Sim, são trajes que ela não usa.

Dona Benta envergou a túnica e botou por cima o peplo, sempre ajudada pela camareira, que foi acertando as pregas e colocando os broches. "Pronto!" - disse por fim Aglae.

Narizinho rolava na cama de tanto rir.

- Eu só queria que Nastácia aparecesse agora. O espanto dela, vovó. Mas sabe que ficou uma notável matrona? Sim, senhora! Até casamento é capaz de sair. Juro que se o Senhor Herodoto a enxergar deste jeito, pede-lhe a mão. Ele tem ar de viúvo.

Dona Benta sentiu não encontrar ali um espelho moderno, dos que permitem ver o corpo inteiro. Os espelhos de Atenas eram de prata polida e pequenos.

Depois de pronta a velha Aglae vestiu Narizinho – e imponentemente as duas saíram do quarto para a refeição da manhã.

Na sala de jantar a esposa de Péricles as recebeu com amável cumprimento.

- Viva! Que Palas Atena as conserve sempre assim, bem dispostas e felizes. O seu ar, minha senhora, é de quem brotou neste momento da cabeça de Zeus, pronta para a conquista de todas as vitórias - e o desta menina é o duma digna filha de tão alta matrona. Ótimo! Poderão passear comigo sem que ninguém perceba que são de fora.

- Quem dera! - suspirou a menina.

- Há os nossos narizes, que são menos gregos de todos os narizes...

Aspásia examinou-os com atenção.

- Sim, não lembram os narizes daqui, mas temo-los também desse tipo; temos narizes como o do seu amigo Sócrates, que não é nada espiritual. A Cleone observou-me ontem que o nariz de Sócrates deve ter sido o pai da sua filosofia; não o deixa sair da linha, está sempre a lhe dizer: "Conhece-te a ti mesmo, homem!" Mas vamos para a mesa.

A refeição matutina foi duma encantadora frugalidade. Leite, queijo, carnes frias, ovos e frutas.

Péricles não tardou a aparecer.

- Salve, ilustres visitantes da minha Atenas! – disse ele, ao entrar. - E meus parabéns. Vejo que já se helenizaram na perfeição.

- Quem não há de helenizar-se nesta maravilhosa Atenas presidida por dois grandes gênios? Ah, Senhor Péricles, eu nem encontro palavras para traduzir o que sinto. Que felicidade a de ver-me no mais belo instante da vida do mundo!...

- Acha isso?

- Não acho; não estou dando opinião minha. Sei que é assim. Período nenhum na história da humanidade será mais belo que este. Nunca a arte florescerá tanto, nunca haverá maior produção de idéias. O mundo em que vivo, ou o que chamamos "Civilização Moderna", está ainda profundamente

influído pelo que os gregos deste século criaram e estão criando. Nós, modernos, nada mais fazemos senão desenvolver idéias gregas, embora na maioria coadas através dos romanos.

Péricles e Aspásia admiraram-se de que assim fosse – e ainda mais quando a velhinha lhes disse que aquele século iria figurar na História como o Século de Péricles.

- Mas haverá no meu tempo quem reclame contra isso - observou Dona Benta.

- Quem não me ache merecedor de tamanha honra? - perguntou o Estratego, sorrindo.

- Não. Os reclamantes querem que, em vez de Século de Péricles, se diga Século de Péricles e Aspásia.

Dona Benta jamais esqueceu o olhar de ternura comovida que os dois gênios trocaram..

- E qual o programa para hoje? - perguntou o Estratego.

- Eu proporia uma visita aos monumentos - disse a esposa de Péricles - se não fosse a curiosidade que tenho de conhecer o "Beija-flor das Ondas". Andam por aí a dizer prodígios dessa embarcação.

- Ótima idéia! - aprovou Dona Benta. - Há lá muitos objetos modernos que fatalmente vos irão interessar. E a manhã está boa para isso.

- Herodoto também quer ir - disse Péricles. – A curiosidade desse homem é feminina; viaja muito, tudo examinando, tudo comparando, tudo anotando. Vou mandar preveni-lo.

- E convide também ao Senhor Sócrates - disse Dona Benta. - Gosto daquele nariz...



XIX - Os gregos visitam o iate

A visita ao iate foi um sucesso. O primeiro espanto dos ilustres gregos foi o Marquês de Rabicó.

- Mas... - murmurou Aspásia, ao ser recebida por aquele estranhíssimo personagem. - Não é um porquinho?...

- É e não é, minha senhora - respondeu Dona Benta. – A vida que levamos no Sítio do Picapau

Amarelo desgarra do normal. Tudo diferente. O que os meus netos fazem, as aventuras em que se metem, nada têm que ver com a vida comum dos entes humanos. E seus companheiros de aventuras

são a Emília, uma bonequinha de trapo que virou gente, o Visconde de Sabugosa, que é um sabugo científico, o Quindim, que é um rinoceronte de ótimos sentimentos e o Conselheiro, que é um burro falante.

Todos se entreolharam. Dona Benta dizia às vezes coisas de velha caduca, tão disparatadas que os gregos sorriam.

Mas ao lado do que dizia estava o que ela fazia, como, por exemplo, a sua vinda do futuro naquela embarcação comandada por um porquinho, de modo que todos eram forçados a calar-se. Impossível compreenderem tamanho mistério, nem discernirem se era verdade ou fábula.

Quando, em certo momento, Narizinho perguntou qualquer coisa a Rabicó e este respondeu na sua vozinha gorda de leitão nutrido, Aspásia levou um susto.

- Ele fala, então?

- Claro que fala - respondeu Dona Benta. - E anda muito bem comportadinho agora. No princípio chegou a nos desanimar. Guloso em excesso, só pensava em comer.

- Foi a gula dele que estragou a festa do meu casamento com o Príncipe Escamado - disse Narizinho.

- Rabicó papou a coroinha do Príncipe.(VIDE “REINAÇÕES DE NARIZINHO”)

Sócrates franziu a testa. Que queria aquela menina dizer com o tal "papou a coroinha do Príncipe?..."

- Eu cá não me admiro nada - disse Herodoto - porque em minhas excursões ouvi contar prodígios de todos os tamanhos. Na Pérsia, por exemplo... - e começou a desfiar para Sócrates uma história da Pérsia, enquanto Dona Benta levava Aspásia a ver as coisas do seu camarote.

- Que interessante! - exclamou a grega ao entrar. - Tudo incompreensível para mim - e ia perguntando o que era isto, o que era aquilo. A cesta de costura foi o que mais lhe interessou. O agulheiro, os dedais, as tesouras, o ovo de cerzir meias, os carreteis de linha, os botões de madrepérola, os colchetes de pressão, o zipper. Dona Benta fez-lhe ver que o vestuário moderno exigia muita costura; as fazendas eram cortadas e emendadas por meio de pontos.

- E para isso usamos a agulha de aço ou a máquina de coser. Eis aqui uma agulha.

Depois de curiosamente examinar uma agulha muito fina, com aquele buraquinho na extremidade, Aspásia não resistiu: correu a mostrá-la a Péricles.

- Veja, meu amigo, que coisa maravilhosa! Neste furinho passam um fio que vem enrolado em carretéis, e cosem, isto é, emendam dois pedaços de fazenda.

Péricles examinou a agulha com a maior atenção, e passou-a aos outros. Ao experimentar-lhe a ponta, Sócrates espetou o dedo.

Em seguida Dona Benta mostrou a máquina de costura na qual fez uma bainha. Assombrada com o prodígio, Aspásia gritou para os homens que viessem admirar a engenhosidade do "assombro moderno."

- Mas é realmente espantoso, minha senhora! – disse Péricles. - Este conjunto de peças age como se possuísse inteligência. Se as mais máquinas do seu mundo futuro mostram a sagacidade desta, chego a temer pela sorte dos homens: acabarão vencidos por tais inteligências mecânicas.

- Pois fique sabendo, Senhor Péricles, que a máquina de coser é das mais simples. Há-as na verdade prodigiosas, como, por exemplo, o linotipo...

Ah! por que foi ela falar em linotipo! Teve de fazer um curso completo sobre a invenção de Gutenberg, sobre os tipos móveis e os prelos de impressão para, só depois, conseguir dar uma pálida idéia do "tipógrafo mecânico" inventado por Mergenthaler.

- A característica do mundo moderno - concluiu Dona Benta - é o desenvolvimento da máquina até aos últimos limites. Tudo é feito por meio de máquinas - e cada vez mais.

- Não inventaram também máquina de substituir gente, minha senhora?

- Como não? Temos os robots, uns aparelhos armados de célula elétrica, que executam atos que sempre foram privilégio das criaturas humanas. Basta dizer, meu senhor, que na aviação já existe o vôo cego, isto é, o vôo dirigido unicamente por aparelhos; os aviões sobem, caminham centenas de quilômetros na direção desejada e descem no ponto certo sem que o piloto intervenha. Os aparelhos

controlados dessas máquinas de voar executam todos os serviços.

Era difícil fazer os gregos daquele tempo compreenderem as coisas do mundo moderno, e volta e meia Dona Benta pilhava-os a sorrirem uns para os outros. Foi assim com aquela história do "vôo cego."

No camarote de Pedrinho causou grande sensação um canivete que Dona Benta lhe havia dado no dia de anos - desses gorduchos, que têm lâminas de todos os formatos, e lima de unha, e tesourinha, e furador, e chave de parafuso, e saca-rolha. O instrumento passou de mão em mão, considerado um verdadeiro prodígio.

Péricles interessou-se profundamente por um exemplar das "Reinações de Narizinho" encontrado lá.

- É um modelo do livro moderno - explicou Dona Benta - feito de papel, uma substância que os gregos ainda não conhecem. Não usamos mais o papiro nem o pergaminho. Este papel é fabricado de celulose, isto é, da substância que forma o lenho das árvores. A impressão faz-se nos prelos, por meio de tipos, ou caracteres móveis, quando não por meio das linhas inteiras compostas e fundidas por aquele linotipo de que falei. A invenção do livro permitiu que as obras se divulgassem dum modo incrível. Nos países mais cultos as edições sobem a milhares de exemplares. Às vezes a milhões.

- Milhões, minha senhora?

- Sim, milhões! Um dos característicos desses países é que todos os seus habitantes recebem educação escolar e, portanto, podem ler qualquer livro. Daí as grandes tiragens.

- E estes desenhos, como entram nos livros? – perguntou Herodoto.

- Por meio do mesmo prelo que imprime as letras. O desenho do artista é transportado para uma chapa de metal, num processo chamado zincogravura, e depois é impresso juntamente com os tipos.

Temos vários processos de reproduzir desenhos com todas as cores.

- Com as cores também?

- Claro. Quer ver? - e Dona Benta remexeu os guardados de Pedrinho, em procura duma tricromia.

Achou uma página de revista com o retrato a cores de Shirley Temple.

- Aqui temos uma. É um retrato fotográfico reproduzido no papel pelo processo da tricromia.

- Maravilhoso! - foi a exclamação geral. - E quem é esta encantadora criança?

- Ah, é a flor do Cinema! - respondeu a menina. - Uma estrelinha maravilhosa. Oito anos de idade só e ganha, sabem quanto? Sete mil dólares por semana.

Foi uma atrapalhão para explicar o que era "estrela", o que era dólar, quanto valia um dólar comparado à moeda grega. A menor coisa que Narizinho e sua avó diziam provocava digressões explicativas sem fim - e o pior é que todos ficavam na mesma; impossível os gregos, por mais inteligentes que fossem, compreenderem de modo perfeito as coisas da vida moderna.

Na cozinha o espanto não foi menor. O fogão usado no navio, o fogareiro de álcool, as panelas de alumínio, o açúcar, tudo era novidade. Aspásia achou lindo o açúcar e provou-o deliciosamente.

- Veja, Péricles, que maravilha! Tem a doçura do mel, mas um sabor diferente. Como se consegue isto?

Os gregos ignoravam o açúcar, só usavam o mel, de modo que Dona Benta teve de fazer um curso a respeito da cana e da beterraba, e explicar todo o processo de obtenção da maravilhosa "farinha doce". Aspásia não resistiu: levou um pacotinho para o mostrar às amigas.

- E olhe o que é batata! - disse a menina, trazendo uma da despensa. - Ontem ao jantar falou-se muito nisto.

A batatinha inglesa passou de mão em mão, cheirada, provada, comentada. E para que a demonstração fosse completa, Dona Benta mandou Narizinho preparar um prato de batatas fritas. A menina era doutora nisso, de modo que produziu em poucos minutos um prato de "batatinhas pururucas" merecedoras da assinatura de tia Nastácia.

Todos comeram com delícia.

Sócrates arregalou o olho.

- Já não será aquele naco de carneiro que comi em Potidéia o único pitéu que me ficará na memória;

também não me esquecerei deste delicioso petisco.

Péricles e Herodoto concordaram - e lamberam os beiços.

- E se eu rebentasse umas pipocas, vovó? - propôs a menina.

- Excelente idéia, minha filha.

O preparo das pipocas foi uma festa. Aspásia parecia tão infantil quanto a Emília. Levantava a tampa da caçarola para ver os pulinhos do milho, pegava e assoprava as que caíam fora. Depois de terminado o "tiroteio", Narizinho derramou a caçarola de pipocas numa peneira.

- Pronto - disse. - Agora é comer. Péricles, Sócrates, Herodoto e Aspásia rodearam a peneira e regalararam-se.

- Não sei que gosto terá a ambrosia dos deuses, mas há de aproximar-se disto - foi a opinião de Sócrates.

- Na Líbia apresentaram-me um prato que lembra este - disse Herodoto. - A variedade dos alimentos humanos é imensa.

Aspásia separou um punhado de pipocas. Queria também levar um pouco daquela "maravilha" para deslumbrar sua amiga Cleone.

O Marquês de Rabicó, que havia sentido o cheiro do piruá, aproximou-se. Narizinho deu-lhe o fundo da caçarola.

- Que é isso? - indagou Aspásia.

- O piruá - explicou a menina - isto é, os grãos de milho que não rebentam.

- Por que não rebentam?

- Enjoamento deles. Preferem ficar totalmente torrados a rebentar. Fedorências, como diz a Emília.

Depois das pipocas - Dona Benta foi mostrar-lhes a bússola.

- Aqui está a grande coisa - disse ela. - Graças a este simples aparelhinho é que a navegação regular se tornou praticável dum continente a outro, sem perigo de extraviamento. Invenção dos chineses.

Reparem que a agulha marca sempre a mesma direção, por mais que viremos a caixa.

Todos fizeram a experiência. Tomaram a caixa da bússola e viraram-na em todas as direções, sem que a agulha deixasse de marcar o mesmo rumo.

- Extraordinário! - murmurou Péricles. - Os navegantes não necessitam ficar de olhos ferrados nas estrelas, como hoje. Extraordinário...

Outra coisa que os encheu de assombro foi uma caixinha de fósforos. Quando a menina riscou um e apareceu a chama, o silêncio tornou-se geral. Prodígio! O fogo que Prometeu roubara ao Olimpo e dera aos homens estava completamente domesticado e preso dentro daquelas cabecinhas escuras! Péricles também quis experimentar, e desajeitadamente riscou outro fósforo. Sócrates e Herodoto fizeram o mesmo. Aspásia riscou três – e guardou a caixa. Ah, como aquele milagrezinho iria tontear as suas amigas!

- Estou vendo, minha senhora, que esse tempo do futuro é a verdadeira era dos prodígios - observou Péricles. - Tudo prodígios!...

- Realmente, o progresso do homem é um fato – confirmou Dona Benta. - Não parará nunca, apesar das longas interrupções da barbárie. Esta maravilhosa Grécia de hoje, por exemplo, desaparecerá esmagada pela avalanche da estupidez barbaresca - mas nem tudo ficará perdido. O pensamento de Sócrates e a arte de Fídias ressuscitarão numa fase chamada Renascimento, a qual virá depois de longos séculos de torpor. E os homens retomarão o archote de luz e prosseguirão na marcha.

Infelizmente, parece que há uma coisa irreduzível: a estupidez humana.

Por mais que a inteligência se desenvolva, a estupidez não deixa o trono - e as guerras, filhas dessa estupidez, vão sendo cada vez mais terríveis. Eu não quero desiludi-los, meu senhores, porque também não me desiludi totalmente. Mas afirmo que daqui a 2.377 anos Sua Majestade, a Estupidez Humana estará mais gorda e forte do que hoje...

Sócrates notou contradição nas palavras da velha.

- Não entendo - disse ele. - A senhora afirma que o progresso humano é contínuo. Ora, se o progresso é contínuo, a estupidez não pode prosperar.

Dona Benta riu-se.

- O progresso é contínuo, sim, mas tanto nas coisas boas como nas más. Progridem as ciências, progridem as técnicas, progride o Bem, mas a Maldade também progride e também progride a Estupidez. Minha filosofia é essa.

- Nada de discussões - disse Aspásia. - São horas do almoço, e temos de aguardar a visita de Sófocles. Ele está interessadíssimo em conhecer as nossas ilustres visitantes, e aparecerá em casa depois das sete horas para levá-las à representação de Alceste.

Dona Benta gemeu com a célebre pontada. Sófocles! Ela a receber a visita de Sófocles, um dos maiores gênios da humanidade!...

Deixaram o iate. Uma hora depois estavam à mesa, almoçando e discutindo o teatro grego e a excelência das batatas fritas.



XX - A esfinge e o oráculo de Apolo

- Mas, afinal de contas - disse Pedrinho - nossa viagem a estes séculos não foi para aventurar, sim para procurar tia Nastácia. Temos de refletir nisso...

- De refletir, não! - contestou Emília. - Temos de indagar, de perguntar por ela a toda gente. Lá vem um homem. Vamos "bater papo" com ele.

Um homem de meia-idade caminhava na direção dos três "picapaus." Pedrinho foi-lhe ao encontro.

- Meu senhor - disse ele - andamos perdidos por estas terras e muito precisamos de informações - e contou quem era e o que buscavam no mundo helênico.

O heleno parou, muito admirado da figurinha da Emília e do Visconde; por fim foi respondendo a todas as perguntas que lhe faziam.

- Pois é isso - disse Pedrinho. - Andamos atrás de tia Nastácia. Prometi a vovó não voltar de mãos abanando e estou atrapalhado. Quase que sei que ela está aqui, aprisionada por um dos monstros que atacaram o palácio do Príncipe Codadade. Mas onde?

O heleno declarou não ter visto preta nenhuma que se parecesse com a descrita.

- O remédio me parece uma consulta ao Oráculo de Delfos - concluiu ele. - Por que não o fazem?

Para Delfos vou indo, e justamente para consulta ao Oráculo. Vocês poderão acompanhar-me.

- Ótimo! - exclamou Pedrinho. - Mas o tal Oráculo adivinha mesmo as coisas?

- Por Zeus! Claro que adivinha, e por isso anda o santuário de Delfos sempre cheio de consultantes vindos de todas as partes do mundo. Reis e príncipes, negociantes e pastores - não há quem não recorra ao divino Oráculo. A quantidade de donativos em depósito no templo é enorme. Não existe em parte nenhuma do mundo santuário mais rico de prendas. Uns dão blocos de ouro; outros dão estátuas de mármore ou bronze. Há mais estátuas em Delfos do que em todas as cidades helênicas reunidas.

- E quem faz as adivinhações? - perguntou Emília.

- A Pítia. É em Delfos que o grande Apolo se manifesta por meio de uma fenda na montanha, donde saem uns vapores miraculosos. A mulher que respira esses vapores sente logo uma tontura, fica descabelada, de olhos enormes, a espumear, e por fim solta as palavras de Apolo. Mas como nem sempre o que ela diz nos é inteligível, há os sacerdotes do santuário que as interpretam, isto é, explicam o significado das palavras divinas.

- Pois aí está uma coisa que só vendo - murmurou Emília.

- Duvido que a Pítia adivinhe quem é o Visconde de Sabugosa.

- Esse um? - disse o heleno, apontando para o Visconde, que suava com a maleta da Emília às costas.

- Esse até eu adivinho. É uma aranha...

- Não; quero que a Pítia adivinhe de que substância ele é feito, porque o Visconde é um produto do milho, coisa que não há por aqui.

- Adivinha, sim - assegurou o heleno. - Não há segredos para o grande Apolo.

Iam os três, lado a lado do heleno, por um caminho sem fim, que cortava uma região pouco povoada.

Em certo ponto viram uma casinha de campo onde morrera gente.

Preparavam-se para o enterro.

- Vamos espiar - disse Pedrinho. - Quero ver como é a morte neste século.

Não viram grande novidade. Tudo lembrava as cerimônias fúnebres dos modernos. Uma coisa, porém, causou-lhes espécie. Em dado momento um dos amigos do defunto abriu-lhe a boca e enfiou lá dentro um óbolo, que era a menor moedinha de cobre em circulação.

- Que perigo! - exclamou o Visconde. - O cobre produz um óxido chamado verde-paris, que é um veneno.

Todos riram-se da "emilice" do Visconde. O heleno explicou que era na boca que os defuntos levavam o dinheiro para a passagem da Lagoa Estúgia, porque nada é veneno para os defuntos.

- Há nos infernos a Estúgia, que todos os mortos têm de atravessar na barca do velho Caronte - e o preço da passagem é um óbolo. Quem não o leva, não passa.

Emília gostou muito do sistema.

Continuaram a caminhar. Uma hora depois penetraram em zona montanhosa, que o heleno explicou ser a Montanha Esfíngia.

- E temos aqui de andar com muitas cautelas - disse ele - porque a região é assolada por um monstro de grande crueldade. Aparece de improviso aos passantes e propõe-lhes enigmas. Quem não dá a solução certa é devorado.

- Não é a Esfinge? - perguntou Pedrinho.

- Sim, é esse o seu nome. A Esfinge é filha de outro monstro famoso, a Quimera de três cabeças.

- Da Quimera? Oh, conhecidíssima nossa! Já estive lá no Sítio do Picapau com o Senhor Belerofonte. Está velha e caduca a pobre, sem dentes e sem fogo...(PICAPAU AMARELO)

- Pois a Esfinge anda mais viva e feroz do que nunca. Há pouco tempo devorou o jovem Hemon, filho de Creonte. Se nos aparecer pela frente, estamos perdidos.

Ah, por que foi aquele homem falar naquilo? Parece que o monstro o ouviu e veio - e apareceu diante deles como por encanto, em plena estrada. Um monstro horrível, cabeça e busto de mulher, corpo de

leão, asas de águia.

Dos olhos saíam chispas ferozes.

Ao ver diante de si a Esfinge, o pobre heleno sentiu as pernas paralisadas. O terror o transfez em estátua.

Pedrinho também bambeou de pernas - mas Emília nada sentiu. Seus olhinhos examinavam a Esfinge da cabeça aos pés, para bem decorá-la.

O monstro não tardou a abrir a boca e deixar escapar um enigma, que ou eles decifram ou...

- Que é que anda com os pés na cabeça? - perguntou à ex-boneca.

- Piolho! - respondeu prontamente Emília.

A Esfinge espantou-se da rapidez da resposta e deixou-a passar. Em seguida foi a vez de Pedrinho que, ainda de pernas bambas, avançou.

- Qual é o homem que tem cabeça de boi, coração de carneiro e pés de porco? - perguntou o monstro.

Pedrinho era mestre em adivinhações, de modo que, apesar do medo, deu a solução certa:

- O carnicheiro!

A Esfinge tornou a admirar-se da rapidez da resposta e deixou o menino passar. Era a vez do Visconde. O sabuguinho avançou, de maleta às costas, gemendo.

- Qual é a coisa mais pesada do mundo? - perguntou a Esfinge.

O Visconde deu um suspiro e respondeu sem nem pensar:

- É o raio desta canastrinha da senhora Marquesa de Rabicó.

A Esfinge franziu a testa. Estava errada a resposta e, portanto tinha de devorar o Visconde. Mas ao firmar a vista achou-o tão exótico, tão insignificante, tão parecido com uma aranha de cartola, que não deu confiança. Aquilo não era comida de esfinge. Seus olhos voltaram-se para o heleno, que dos quatro lhe pareceu a melhor presa. O pobre homem não podia despregar-se do chão. Suas pernas recusavam-se a obedecer-lhe.

- Qual é o animal que anda de quatro patas de manhã, de duas ao meio-dia, de três à tarde? -

perguntou a Esfinge.

O homem nem podia falar, quanto mais resolver enigmas.

Gaguejou, sem conseguir soltar nem meia palavra.

- Temos de ajudá-lo - disse Emília. - Ele é bobo. O enigma da Esfinge poderá ser enigma para as gentes daqui, mas para nós é velharia coroca. Vá por trás dele, Visconde, e dê a resposta, que é:

"Homem", porque o homem é que anda de quatro patas na manhã da vida, quando engatinha; e depois de duas, quando cresce; e depois anda de três, quando envelhece - as duas que tem e mais um porretinho, que é a terceira.

O Visconde foi. Colocou-se atrás do heleno e cochichou-lhe a resposta exata. Mas quem disse da boca do heleno poder falar? O Visconde então fez uma voz grossa e disse, fingindo que era o heleno:

- O animal que de manhã anda de quatro patas, e ao meio-dia anda de duas, e à tarde anda de três, é o Homem!

Ao ouvir aquela certíssima resposta, o monstro ficou assombrado. Já havia proposto semelhante enigma a dezenas de passantes sem que nenhum atinasse com a solução, e a todos ela devorou. Mas agora...

- Passe, e depressa antes que eu me arrependa! - urrou a desapontadíssima Esfinge para o heleno, o qual imediatamente desentangiou as pernas e passou de corrida, com o Visconde atrás. O monstro lá permaneceu no meio do caminho, tonto, abestalhado, sem saber o que pensar. Nunca lhe acontecera aquilo - cercar quatro passantes e não conseguir comer nenhum...

- Uf! - exclamou o heleno lá adiante, enxugando o suor da testa. - Escapei de boa. Mas como é que vocês sabem decifrar estes enigmas? Eu, nem que levasse a vida inteira pensando, não era capaz de resolver um só.

- É que nós somos "macacos de circo!" - disse Emília, piscando os olhinhos.

- Nunca nos apertamos. Não tive o menor medo da Esfinge pela certeza em que estava de que suas adivinhações seriam "canja" para nós.

Continuaram na viagem, e por longo tempo o heleno só falou naquilo. Que assombro! Que milagre!

Como uma aranha daquelas, de cartolinha na cabeça e mala às costas, pudera acertar na decifração dum enigma que era o terror daquela zona?

- Por Apolo! Este caso é tão maravilhoso que vou erigir um templo com a estátua do prodigioso enteozinho que me salvou a vida.

- Mas não se esqueça de me pôr atrás do "enteozinho" a assoprar-lhe no ouvido a decifração certa, alegou Emília - porque o Visconde foi apenas o meu speaker. Por si só este coitado não fazia nada. Ia lá e saía-se com uma bobagem qualquer a respeito da minha maleta. Quando me carrega esta maleta, o senhor Visconde não pensa em outra coisa e só fala "indiretas"...

Ao longe apareceram uns começos de cidade.

- Estamos chegando - disse o heleno. - Lá está o santuário de Delfos.

A entrada dos "picapaus" em Delfos causou sensação.

Inúmeros peregrinos ali reunidos vieram rodeá-los, cheios da maior curiosidade. "Quem eram?"

"Donde vinham?" Ao saberem do caso da Esfinge, o assombro geral cresceu.

Depois Pedrinho indagou dos costumes locais e do que era necessário fazer para que a Pítia os atendesse.

- Os consulentes têm de oferecer ao santuário uma dádiva de valor. Sem isso não são recebidos.

- E esta agora! - exclamou Pedrinho. - Não temos ouro, nem nada de valor para oferecer ao santuário.

Como há de ser?

Emília resolveu o caso num instante.

- Nada mais simples - disse ela. - Se não temos ouro nem estátuas, temos o Visconde. Podemos oferecer o Visconde como uma das maiores curiosidades da natureza - e juro que os sacerdotes aceitam.

E como ao ouvir isso o pobre sabuguinho fizesse bico, ela completou o seu pensamento: "E depois ele foge e continuamos a nossa viagem."

E assim foi feito. Pedrinho aproximou-se do sacerdote e disse que viera consultar a Pítia, trazendo como dádiva um dos maiores prodígios do mundo - um "milhóide" que falava muito bem, sabia mil coisas e não tirava a cartolinha da cabeça. O sacerdote examinou o Visconde com grande interesse, fê-lo falar, mexer-se, mover-se dum ponto para outro - e gritou para os companheiros que viessem observar o estranho fenômeno.

- Não há dúvida que é um estafermozinho deveras curioso - disse ele, por fim. - Aceitamo-lo como donativo ao santuário - e lá foi o pobre Visconde, com a maleta ao ombro, para o depósito das dádivas, conduzido pela mão por um ajudante do sacerdote.

Para consultar a Pítia, Pedrinho e Emília tiveram de esperar a vez, porque havia muita gente antes. Ficaram na grande praça onde se erguia o templo de Apolo, de conversa com o heleno e vários outros peregrinos. A fim de matar o tempo contaram histórias do mundo moderno, fizeram mágicas apreciadíssimas, como a de produzir fogo por meio de um pau de fósforo riscado na caixinha.

Os gregos ali reunidos estavam de boca aberta. Assombro maior nenhum deles tinha visto.

Chegou afinal a hora de consulta; Pedrinho e Emília foram introduzidos na câmara do Oráculo.

Lá estava a Pítia com o seu ar de louca, sentada em cima duma trípode, por baixo da qual subia da terra um vapor.

Com o maior desembaraço Pedrinho disse ao que vinha.

- Queremos saber onde está uma tia Nastácia que sumiu lá do sítio de vovó e deve ter afundado nestas terras.

- Uma mulher cor de carvão - completou Emília - de quase setenta anos, beicuda, lenço de ramagens na cabeça, mestra em bolinhos.

A Pítia concentrou-se, babou, escabujou, arrepelou os cabelos e por fim disse, com os olhos parados:

- O trigo venceu a ferocidade do monstro de guampas.

Pronto. Era só aquilo. Pedrinho e Emília retiraram-se desapontadíssimos. Não encontravam sentido nenhum nas palavras do oráculo.

- Parece que a Esfinge foi a professora desta pitonisa - disse Emília. - Em vez de nos dar uma resposta clara, vem com um quebra-cabeça. Confesso que fiquei na mesma.

- Temos de pensar, Emília, pensar muito, mas aqui é impossível. Vamos sair do meio desta multidão. Saíram. Foram ter a um jardim deserto onde se sentaram na relva, com as mãos na cabeça, pensando, pensando.

Súbito, Emília deu um grito. "Heureca, Heureca!" Achei, achei... Tia Nastácia está sã e salva nos domínios do Minotauro. É isso!...

Pedrinho não entendeu a decifração.

- Por quê?

- Tudo está claro como água, Pedrinho! "O trigo" quer dizer tia Nastácia, porque ela, como cozinheira, lida muito com trigo, farinha de trigo, massa de trigo, pastéis, bolinhos etc. E com as coisas gostosas que ela fez com a farinha de trigo "venceu", isto é, amansou a "ferocidade do monstro de guampas" que não pode ser outro senão o Minotauro. De todos os monstros que invadiram o palácio do Príncipe Codadade só havia um de guampas, ou chifres: o Minotauro. Logo, tia Nastácia está sã e salva nas unhas do Minotauro. Viva!...

Pedrinho achou bastante lógica a interpretação emiliana.

- E onde mora o Minotauro?

- O heleno que nos acompanhou deve saber. Vamos procurá-lo.

Foram em procura do homem e souberam que o monstro morava na Ilha de Creta.

Tinham de partir imediatamente para a Ilha de Creta, mas antes era preciso acudir o Visconde. Como arrancá-lo do Santuário? Foram os dois para lá e deram várias voltas em redor. Paredes altas, sem janelas.

- A única abertura é a porta de entrada – observou Emília. - Por ela o Visconde passou e só por ela poderá sair. Mas o Visconde é a lerdeza em pessoa. Se fosse eu, já havia escapado, porque os sacerdotes volta e meia abrem a porta para guardar mais dádivas. Fiquemos aqui por perto. Talvez o

Visconde compreenda que o único meio de salvação seja aproveitar-se dum dos abrimentos da porta e fugir.

Assim fizeram. Ficaram por ali de olho na porta, espiando pela fresta cada vez que um sacerdote abria o santuário. Mas nada do Visconde aparecer. Impaciente com a demora, Emília resolveu agir.

- Vou pregar uma peça no primeiro sacerdote que chegar - disse ela.

- Que peça?

- Você vai ver.

Vinha vindo um deles carregando uma pesada estátua de ouro. Assim que abriu a porta, Emília lançou-se-lhe aos pés como tomada de convulsões, pôs-se a gritar coisas que ninguém ali entendia.

Era na língua do "p."

- Fupujapa, vispiskonpondepe! Sapaiapa apatráspás dopo sapacerperdopotepe quanpandopo epelepe vipierper sapainpindopo epe nãopão espesquepeçapa apa mapalepetipinhapa.

O sacerdote ficou espantadíssimo daquilo; abriu a porta do templo, entrou, guardou lá a estátua e voltou apressadamente para acudir àquela criatura. Na sua atrapalhão não percebeu que o

Visconde também saíra atrás dele, sempre com a maleta às costas. Ao perceber isso, Emília fingiu que ia voltando a si.

- Que é que teve? - perguntou o sacerdote, abaixando-se para cuidar dela.

- Um ataque "pepilético!" - disse a diabinha, assoprando-se e passando as mãos pelos olhos. - Mas já estou boa. Ah, sou muito sujeita a estas coisas, meu senhor...

Enquanto Emília entretinha o sacerdote, o Visconde, na ponta dos pés, esgueirava-se dali. Momentos depois estavam os três reunidos num lugar deserto, já prontos para a partida.

- A Ilha de Creta é longe - disse Pedrinho. - Temos de tomar uma pitada do pó de pirlimpimpim - e sacou do bolso o canudo que continha o maravilhoso pó vencedor das distâncias.



Foram despertar na Ilha de Creta, onde logo descobriram o labirinto. Era um palácio imenso, com mil corredores dispostos de tal maneira que quem entrava nunca mais conseguia sair - e acabava devorado pelo monstro. O Minotauro só comia carne humana.

Diante do labirinto, os três "picapaus" pararam para refletir.

- Quem entra não sai mais e acaba no papo do monstro – disse Pedrinho. - Mas nós sabemos o jeito de entrar e sair: é irmos desenrolando um fio de linha. Ah, se eu tivesse trazido um carretel...

- Pois eu trouxe três! - gritou Emília, triunfalmente. - E dos grandes, número 50. Desça a mala, Visconde, abra-a.

A mala foi descida e aberta. Emília tirou os carretéis e deu um a Pedrinho, outro ao Visconde, ficando com o terceiro.

Entraram no labirinto e foram desenrolando o primeiro carretel; quando a linha acabou, desenrolaram o segundo; e quando a linha do segundo acabou, começaram a desenrolar o terceiro. Eram corredores e mais corredores, construídos da maneira mais atrapalhada possível, de propósito para que quem entrasse não pudesse sair. Antes do terceiro carretel chegar ao fim, Emília "sentiu" a aproximação de qualquer coisa.

- Percebo uma catyinga no ar - disse ela baixinho, farejando. - O monstro deve ter os seus aposentos por aqui...

Uns passos mais e pronto: lá estava o Minotauro, numa espécie de trono, a mastigar lentamente qualquer coisa que havia numa grande cesta.

- Mas como está gordo! - cochichou Emília. - Muito mais que aquele célebre cevado que Dona Benta comprou do Elias Turco. Parece que nem pode erguer-se do trono...

De fato, o monstro estava gordíssimo, quase obeso, com três papadas caídas; o seu corpanzil afundava dentro do trono. Que teria acontecido?

Mesmo assim era perigoso aproximar-se, de modo que novamente Emília recorreu ao Visconde.

- Vá lá, meu bem, chegue-se ao "gordo" e com muito cuidado peça informações sobre tia Nastácia.

- E se ele me devorar?

- Não há perigo. Nem a Esfinge o devorou, quanto mais o Minotauro. Só as vacas devoram os sabugos.

- Mas ele é touro, e os touros também comem sabugos.

- Menos este, que é antropófago. Vá sem medo.

O Visconde arriou a maletinha e foi. Instantes depois voltava.

- E então? - perguntou Pedrinho.

- Não fala, não responde. Perguntei por tia Nastácia e ele só me olhou com um olho parado, sempre a mastigar umas coisas que tira daquela cesta - "isto" - e mostrou o que havia na cesta.

Emília arrancou-lhe o "isto" da mão. Era um bolinho. Era um bolinho de tia Nastácia! Imediatamente Emília o reconheceu pelo tempero. Que alegria! Aquele bolinho era a prova mais absoluta de que tia Nastácia estava lá - e viva! Pedrinho comeu o bolinho inteiro e lamentou que o Visconde só tivesse trazido um.

- Vamos procurá-la com o resto de linha que ainda temos - disse Emília, examinando o carretel. - Há de dar.

Continuaram o avanço pelos corredores sem fim. Em certo momento o narizinho de Emília farejou o ar.

- Hum! - fez ela. - Estou sentindo um cheiro que não me engana. Até parece que estou lá no sítio...

Instantes depois alcançavam uma dependência que parecia copa e afinal deram com a cozinha. E avistaram diante dum enorme fogão, de lenço vermelho na cabeça, a tão procurada criatura! A boa preta lá estava fritando bolinhos numa frigideira maior que um tacho. À sua direita erguia-se um montão de massa, e à esquerda jazia a peneira onde ia pondo os bolinhos já prontos.

Os três "picapaus" entraram na ponta dos pés. Súbito, Emília gritou - Hu!

A preta, assustada, voltou-se. Seus olhos arregalaram-se. A colher de pau caiu-lhe da mão.

- Credo! Será que estou sonhando? - e esfregou a cara.

- Não está sonhando, não! - disse Pedrinho. - Somos nós mesmos, que viemos do sítio especialmente para socorrer você. Vovó e Narizinho ficaram no século de Péricles.

Apronte-se para a fuga.

A negra custou a voltar a si do espanto. Por fim voltou, e numa alegria louca, rindo e chorando, abraçou o menino, beijou a Emília e o Visconde. Logo que sossegou um pouquinho, disse, num suspiro: "Mas daqui ninguém sai; isto é uma corredoria" que ninguém entende."

- Nós entendemos. Acompanhe-nos, que não se perderá no labirinto, a pobre negra, ainda com a cara escorrida de lágrimas, acompanhou-os por uma hora. O fio de linha os guiava. E sem novidade nenhuma foram ter à porta de saída. Estavam salvos!

Ao ver-se livre do labirinto, tia Nastácia caiu sentada no chão.

- Ah, meu Deus! Nem acredito...

- Pois acredite, que é verdade. Você está salva e vai voltar para o sítio. Mas que foi que aconteceu lá naquela festa? Conte.

A boa preta assoprava-se, ainda meio fora de si. Depois disse:

- Pois eu estava assando aqueles faisões lá na cozinha do Príncipe Codadade, quando chegou a bicharia, aqueles cavalos com corpo de gente, e tantos animalões que pareciam pesadelo. Corri em procura de meu povo. "Sinhá! Narizinho! Emília! Pedrinho!" Nada. Ninguém respondeu. E foi então que tudo virou um despropósito de brigas e galopadas que não acabava mais. O Príncipe com a Princesa nem sei que fim levaram, só sei que de repente uma coisa me agarrou pela cintura. Olhei: era um homem gigante com cabeça de touro. Meu medo foi tanto que perdi os sentidos. Quando abri os olhos, estava neste "labirinto", com ele me olhando. Nossa Senhora! O medo que senti! Ajoelhei, rezei, pedi misericórdia com todas as palavras do meu coração - e o bicho quieto, a olhar.

De vez em quando punha pra fora uma língua deste tamanho e lambia os beiços. Felizmente ele estava com a barriga cheia e me deixou para o dia seguinte. Jogou eu na cozinha e saiu. Eu fiquei que nem

sabia de mim nem de nada, mas fui serenando. Minhas rezas me consolaram. Vi aquele fogão e muita farinha. Tive a idéia de fazer uns bolinhos, só pra matar as saudades. Me lembrei de todos lá do sítio e disse comigo: "Vou fazer pela última vez o que eles gostavam tanto", não pra comer, porque numa ocasião dessas o estômago da gente até some. Fiz os bolinhos só por fazer, só pra me lembrar da minha gente lá do sítio...

Os olhos de Pedrinho umedeceram-se.

- Pois é - continuou tia Nastácia - eu ia frigindo os bolinhos e botando numa peneira. E dizia: "Este é pra Narizinho, este pra Emília, este é pra Pedrinho, este pro Visconde, este é pro Quindim, este é pro Conselheiro..." De repente, quem vinha entrando? O monstro! A fome apertou e ele vinha vindo, lambendo os beiços. "Minha hora chegou", pensei comigo e caí no chão de joelhos, rezando pra Nossa Senhora. Mas aconteceu um milagre. O monstro viu a peneira com os bolinhos e tirou um. Provou. Ah, que cara ele fez!

Aqueles olhos de coisa-ruim brilharam. Pegou outro, e outro e outro, e comeu a peneirada inteira. Depois apontou para o fogão num gesto que entendi que era pra fazer mais. E desde esse dia não parei um instante de fazer bolinhos. O apetite desse homem-boi não tem fim.

Come sem parar. E tantas peneiradas de bolinhos comeu que foi engordando, engordando, a ponto de nem mais aparecer na cozinha. Eu é que levava as peneiradas de bolos lá pro trono dele. Acabou completamente manso. Esqueceu até a mania de comer gente.

- Bem disse a Pítia! - recordou Emília. - "O trigo venceu a ferocidade do monstro de guampas."

- Pois é, foi o bolinho que me salvou. Nunca pensei...

- Sim, você está salva, Nastácia, e vai voltar para o Picapau, e vai continuar por toda a vida a fazer bolinhos para nós. Vê como é bom saber fazer uma coisa bem feita?

A negra concordou, com um suspiro.

Pronto! Estava terminada a excursão dos três "picapaus" pela Grécia Antiga. O que por lá tinham a ver era todo um mundo - mas não havia tempo. Dona Benta os esperava no século de Péricles

- Então, Sinhá também veio? - perguntou a preta.

- Claro que veio. Viemos todos no "Beija-flor das Ondas", que ficou ancorado no Porto do Pireu.

- Onde é isso?

- É no seu nariz - respondeu Emília. - E por falar, prepare as vendas para uma pitada de pó. Vamos regressar.

Pedrinho tirou do bolso o canudo do pó número 2, despejou-o na palma da mão e deu uma pitadinha para cada um.

- E agora, um... dois... e TRÊS!

As quatro pitadas foram absorvidas pelos quatro narizes e fiun!... Quando abriram os olhos estavam no tombadilho do iate, diante da boca aberta de Rabicó.

- Credo! - exclamou tia Nastácia. - Como ele está bonitinho com esse boné de marinheiro na cabeça!

Parece um almirante...



XXII - Sófocles aparece

Depois da visita dos gregos ao "Beija-flor das Ondas", Dona Benta e Narizinho prepararam-se para receber o Estratego Sófocles.

- Estratego, vovó? - perguntou a menina, muito admirada.

- Pois esse Senhor Sófocles também é Estratego, como Péricles?

- Sim, minha filha. Há dez Estrategos em Atenas, e se só ouvimos falar em Péricles é porque a sua posição corresponde à dum verdadeiro ditador. Não ditador imposto pela força bruta, mas escolhido pelo povo na assembléia, reeleito anualmente e aceito por todos como o primeiro homem da república. Sófocles é um dos dez estrategos atenienses; mas sua fama não vem disso, sim de duas peças teatrais. O futuro o considerará um dos maiores gênios da humanidade.

- Mas como virou Estratego?

- Há cerca de dois anos foi representada aqui em Atenas a sua tragédia Antígona. O entusiasmo do

povo subiu tanto que na primeira assembléia o elegeram Estratego - e nessa qualidade já tem funcionado como general em algumas guerras.

- E vão hoje levar alguma peça dele?

- Não. O que está anunciado é a tragédia Alceste, de Eurípides, outro grande gênio ateniense. Ah, minha filha, a história do teatro grego é muito curiosa. Foram os gregos os criadores do teatro no mundo, e a coisa começou, sabe como? Com as festas, os cantos e danças rústicas em homenagem a Dionisos, ou Baco, o deus da vinha e da alegria. Vem daí a palavra "tragédia", ou "tragoidos em grego, isto é, "canto do bode".

- Que têm os bodes com isso?

- É que os cantadores e dançadores eram homens disfarçados em sátiros, ou "bodes", como os gregos diziam. Mas a festa foi mudando, foi se aperfeiçoando e acabou virada no teatro como o temos aqui e também em nosso mundo moderno. O primeiro grande avanço nesta evolução da simples festa dos bodes para o verdadeiro teatro foi promovido por um homem de nome Téspis, que teve a lembrança de introduzir na cerimônia um ator, isto é, um personagem que vinha "bater papo" com o coro dos cantadores. Teatro é diálogo, e para haver diálogo torna-se preciso que haja dois lados, um que fala e outro que responde. Antes de Téspis só havia cantos, porque o coro não podia dialogar consigo mesmo.

- Mas podia monologar, disse a menina.

- Sim, mas no monólogo não há ação, movimento - e teatro é isso: diálogo, ação, movimento. De modo que a grande coisa que é a arte teatral saiu dum ovo de Colombo; a idéia de Téspis depôr um personagem a discutir com o coro.

- Interessante! Tudo na vida é sempre um ovo de Colombo...

- Depois da entrada em cena do primeiro ator, a coisa se tornou fácil. Como na América. Depois de Colombo descobrir a primeira ilha, todo o continente americano foi surgindo.

- E quais os grandes homens do teatro grego?

- O primeiro grande nome que aparece é o de Frínico, do qual só conhecemos o nome das tragédias, porque nenhuma escapou à destruição. Aparece depois Práquinas, cujas obras também se perderam; e por fim surge Esquilo, um grande gênio. Escreveu 90 tragédias, das quais só 7 chegaram até nós - e ganhou 28 prêmios. Esquilo ficou no teatro como o Senhor Péricles ficou na política: o número 1, o homem que ninguém discute. Mas um dia apareceu Sófocles e derrotou-o.

- É então Sófocles maior que Esquilo?

- Não, minha filha. Sófocles venceu porque era menos terrível, mais humano - e o povo de Atenas já não suportava a atroz violência dos dramas de Esquilo. Tão terríveis eram as suas tragédias, que sempre se davam desastres nas representações: crianças que morriam de susto, mulheres que desmaiavam.

- Que horror...

- Sófocles sucedeu a Esquilo na glória. Estreou com a tragédia Triptólemo, que foi premiada apesar de concorrer com uma de Esquilo. Sófocles produziu 113 peças, entre tragédias e dramas, das quais se salvaram apenas 7. Tudo mais foi devorado pelo monstro da Destruição. Veja, minha filha, quanto o mundo perdeu só no que diz respeito aos trabalhos de Esquilo e Sófocles!

Das 203 obras-primas que os dois produziram, só se salvaram 14... Eu até sinto tonturas quando me lembro deste naufrágio da Grécia o pavoroso naufrágio que destruiu a maior parte das obras de gênios como Frínico, Esquilo, Sófocles, Fídias, Scopas, Miron, Policleto, Praxíteles, Zêuxis, Ictinos, e de tantos poetas, prosadores e filósofos.

- E que idade tem Sófocles hoje?

- Deve estar com 57 anos. É uma criatura privilegiada.

Aos 16 anos foi escolhido como o mais belo rapagote da Grécia, para corifeu do coro das crianças que cantaram o peã em louvor à grande vitória de Salamina.

- Que é corifeu e que é peã?

- Corifeu é o chefe dum coro, o puxa-fila; e peã é um hino de alegria em agradecimento a Apolo,

como temos hoje no futebol os hinos de vitória que terminam sempre com um estribilho - Ale guá e outros. O estribilho dos peãs era "Io péan!"

A boa velhinha estava nesse ponto quando Aspásia apareceu no quarto.

- Viva! - disse a esposa de Péricles.

- Sófocles já veio.

Dona Benta assanhou-se, arrumou as pregas de sua túnica grega, deu uma olhadela ao espelho de prata e foi receber Sófocles.

A conversa da dona do Picapau Amarelo com o grande trágico ateniense foi dessas coisas que na vida moderna chamamos "do outro mundo", e para reproduzi-la inteira teríamos de escrever um livro maior que este. Jamais houve duas criaturas que se entendessem melhor e mais se entusiasmassem uma com a outra. Conversaram sobre tudo, principalmente sobre o teatro grego e o moderno. Dona Benta contou-lhe o que era o teatro moderno, e discorreu sobre o cinema - último galho saído do "canto do bode."

- Sim - disse ela - porque foram os sátiros com os seus cantos que deram origem a tudo, e quando lá no mundo moderno eu vejo em cena o Wallace Beery ou o Lionel Barrimore, ou mesmo a encantadora Shirley Temple meu pensamento mergulha no passado e recorda os "bodes" gregos...

- A evolução do teatro é contínua - disse Sófocles. - Hoje temos aqui Eurípides e Aristófanes, dois autores inimigos, mas ambos dotados de gênio. Um é a sátira, é o cômico; o outro é a inquietação, a dor, o desespero.

Eurípides, que nos dá hoje o seu último drama, Alceste, pinta os homens como eles são; eu na minha obra pintei-os como deviam ser...

Dona Benta "sentiu" um peso na alma de Sófocles; percebeu que ele já era passado - que o futuro estava com as inquietações de Eurípides.

- Oh, Eurípides é quase um misantropo. Foge de qualquer convivência humana. Não conheço criatura mais arredia.

Aspásia contou a Sófocles a visita ao "Beija-flor" e os assombros que vira por lá.

- O mais prodigioso - disse ela - foi o que "eles" chamam fósforo. Quer ver? E foi buscar a caixinha de fósforo trazida do iate. Riscou um.

- Fogo, hein? - disse ela com os olhos a faiscarem, numa alegria de criança. - Pela simples fricção destas cabecinhas escuras na lixa da caixa, irrompe a chama.

Não é o prodígio dos prodígios?

Sófocles ficou de olhos parados.

- Pobre Prometeu! - murmurou, depois dum silêncio. - Tanto esforço, tanta dor para dar aos homens um elemento que no futuro iria dormir em caixinhas, totalmente escravizado aos homens...

- Vovó, são horas! - veio dizer Narizinho.

- Sim, são horas, confirmou Aspásia, olhando para a clepsidra do pátio. Vamos.

Dona Benta correu a vestir-se à grega e lá foi com os outros. O teatro de Atenas era ao ar livre e dava para 27.500 pessoas, segundo a afirmação de Aspásia.

- Vinte e sete mil e quinhentas? - admirou-se a menina.

- E temo-los ainda maiores. O de Éfeso comporta 56.000 espectadores.

Dona Benta ia explicando como eram os teatros modernos, com as suas representações noturnas.

- A descoberta de vários processos de iluminação - disse ela - permitiu que o teatro passasse a ser um divertimento noturno, e sempre em recintos cobertos.

- Aqui tudo é ao ar livre - observou Sófocles - é festa para o dia inteiro. Atenas toda se reúne no teatro nos dias de representação. O preço é convidativo: dois óbolos.

Narizinho, já muito entendida em moeda grega, fez o cálculo mental. A moeda corrente era a dracma, que valia um franco moderno; e o óbolo valia 16 cêntimos. Uma entrada de teatro em Atenas, portanto, custava mais ou menos uns 20 centavos em moeda do Brasil.

Chegaram. Compraram as entradas, que eram discos de osso em que vinha escrito o nome do lugar.

Narizinho comprou duas entradas, uma para si, outra para o museu da Emília.

O teatro de Atenas consistia numa arquibancada enorme, cavada numa encosta de morro, perto da Acrópole. No centro ficava o altar de Dioniso e a orquestra - e lá adiante o palco. A primeira fila era reservada às autoridades e visitantes ilustres. Aspásia levou as suas hóspedes para o melhor ponto, bem central.

Antes do início da representação houve um desfile de tropas, e a imagem de Dioniso foi trazida do templo e colocada no altar.

Oh, Dona Benta e Narizinho não- se esqueceriam nunca daquele dia, ainda que vivessem mais que Matusalém. Que maravilhosa festa foi! Os modernos nem em sonhos podem imaginar o que o teatro representava para os gregos - como eles sentiam as peças, como se comoviam, como se integravam no pensamento dos autores. Contínuos aplausos ou outras demonstrações, e nos lances dolorosos um silêncio cheio de emoção.

O que Narizinho mais estranhou foi o uso de máscaras pelos atores, e duns coturnos altíssimos que os fazia gigantes. E ainda acolchoavam o corpo sob as vestes, para se aumentarem de volume.

O drama de Eurípides causou a mais profunda emoção - e não era para menos. Perfeita obra-prima.

O enredo era assim: O deus Apolo, certa vez em que andou exilado do Olimpo, empregou-se nos domínios, do Rei Admeto na qualidade de pastor, e em paga dos favores recebidos jurou defender esse rei contra tudo e contra todos.

Logo depois, as Parcas resolveram que era tempo de riscar o Rei Admeto do rol dos vivos. Apolo intervém.

Vai ter com as Parcas para conseguir a modificação do terrível decreto. "Sim, pouparemos a vida de Admeto, se alguém o substituir", foi o mais que obteve.

Admeto era esposo de Alceste, a mais suave e encantadora das princesas. Vendo que ninguém se oferecia para morrer em lugar do rei, Alceste se apresenta. Ela daria sua vida pela do esposo amado, já que os decretos das Parcas eram irrevogáveis. Chega o dia. Surge no palácio do Rei Admeto, a horrível Morte de coração de bronze, igualmente detestada pelos mortais e imortais. Apolo afasta-se

quando ela entra.

Alceste diz adeus ao sol, à terra, ao palácio, às gentes - e nada mais emocionante do que as palavras que Eurípedes põe na boca da suave rainha. "Adeus, filhinhos queridos!..." - murmura ela, por fim. Morre Alceste. Seu corpo está vazio de alma. As crianças choram no maior desespero - e o coro canta maravilhosos versos em louvor da infeliz rainha. Pelo anfiteatro imenso, trinta mil espectadores também choram...

Outro ato. Um tremendo herói aparece a pedir hospitalidade. É Hércules, o homem bom, o matador dos monstros, justiçador dos tiranos. Está de passagem para o reino do feroz Diomedes, que ensinara os seus cavalos a comerem carne humana. Hércules é imenso. Tudo nele é grande, inclusive a sede e a fome. Não há o que lhe chegue. Certa vez assou ao espeto dois bois e comeu-os com tal fúria que muitas brasas lá se foram para o seu estômago. Senta-se à mesa de Admeto e come o que há. Devora. Bebe todo o vinho do palácio, ri um riso gigantesco, pula, salta, dança - e aquilo forma um horrível contraste com o luto da mansão, porque o corpo de Alcéste ainda está para ser recolhido ao seio da terra.

Todos disfarçam a tristeza.

Procuram rir também, mas é riso sem alma, porque dentro de todos está a dor.

Afinal, apesar de bêbedo, Hércules percebe qualquer coisa. "Que há?" Um servidor abre-lhe os olhos, conta-lhe toda a tragédia da suave rainha. O herói jura vingança. Sim, ele descerá ao Hades e lutará contra todos os deuses das trevas para arrancar de lá a sombra de Alceste (O inferno dos gregos nada tem que ver com o inferno dos cristãos. Era um lugar muito afastado e sem sol, rodeado de quatro rios, governado pelo deus Hades, casado com a deusa Perséfone, e guardado pelo Cérbero, o cão de três cabeças. Todas as almas dos mortos iam para lá, tanto as dos bons como as dos maus.). E Hércules vai e invade o Inferno, e luta, e vence todos os obstáculos, e volta para o palácio de Admeto conduzindo pela mão um vulto de mulher velada. Apresenta-a ao rei e pede-lhe que a guarde consigo até que ele regresse da expedição contra o dono dos cavalos antropófagos.

Admeto recusa-se. Alega que jurara a Alceste nunca receber em sua casa mulher nenhuma. Hércules então levanta o véu da criatura. "Ó minha doce amada!" - exclama o rei, ao reconhecer o rosto pálido da esposa ressurgida. "És tu! Contra todas as esperanças, voltas a quem não contava reverter nunca mais!"

Narizinho chorou várias vezes durante a representação, e Aspásia também; só Dona Benta se manteve de olhos firmes, porque era uma filósofa. Ao terminar o espetáculo, disse a Sófocles, que se sentara ao seu lado:

- Este drama me fez compreender muita coisa, e sobretudo o que para um povo inteligente significa uma "arte geral."

Sófocles não entendeu.

- Sim, uma arte que interessa a todos da cidade, absolutamente a todos, desde gênios como Sófocles, Péricles, Aspásia e Sócrates, até modestos vendedores de figos, como aquele ali - e apontou para um vendedor de rua, que se sentara perto e que "sentira" o drama de Eurípedes tão bem quanto o próprio autor. Isto, meu senhor, é o que nos falta no mundo moderno, esta absoluta identidade entre o sentimento do povo e a arte. A arte lá é uma coisa para os eleitos, para as chamadas elites; aqui é para todos, sem a menor exceção – para ricos e pobres.

- Sim - concordou Sófocles - os cidadãos pobres, que não dispõem dos dois óbolos da entrada, recebem do theoricon o dinheiro necessário.

- Que é o theoricon? - 'perguntou Narizinho.

- Uma verba do tesouro público destinada a custear as festas, os sacrifícios, as embaixadas, a construção dos templos.

Eram 12 horas (ou seis horas da tarde dos modernos) quando Dona Benta e a menina se retiraram. Ao pé da liteira despediram-se de Sófocles.

- Nem queira saber, meu senhor - disse Dona Benta – o que este dia vai representar para mim. Ficará marcadinho em minha memória com um alfinete de ouro.

- E o meu prazer de encontrar um espírito afim, apesar da separação de 23 séculos, constitui um tema a ser desenvolvido em arte. Não se espante, pois, minha senhora, se na lista das minhas peças o futuro achar uma com este título: O Encontro de Dois Séculos...

Narizinho também ganhou o seu elogio:

- Helenazinha do século XX, que Palas Atena te proteja! - disse-lhe Sófocles, fazendo-lhe uma festa na ponta do nariz...



XXIII - A Panatenéia

A primeira coisa que Pedrinho fez ao chegar ao "Beija-flor das ondas", foi correr à despensa em procura duma lata de sardinha. Queria variar. Andava enjoado de azeitonas e figos, de tanto que os comeu durante a "penetração" nos fundões da Hélade. E enquanto abria a lata, foi fazendo perguntas a Rabicó.

- Como vão as duas, vovó e Narizinho? Estão ainda na casa de Péricles?

- Sim. E já vieram cá em companhia duma senhora muito bonita e mais três homens. Dona Benta mostrou-lhes o navio inteiro, até a cozinha, onde houve um grande movimento de pipocas e batatas fritas.

- E vovó não disse nada? Não me deixou nenhum recado?

- Não. Esteve de prosa com aqueles gregos e a lidar com agulhas, carretéis, a máquina de coser e a bússola.

Pedrinho fez um sanduíche de sardinha e foi comê-lo no tombadilho, com os olhos no mar. Estranhou a calma do porto.

- Que fim levaria a gente do Pireu? Tudo deserto...

- Parece que hoje há festa em Atenas - sugeri Rabicó. - Todo mundo foi para lá.

- Em que dia estamos? Vinte e dois de julho? Hum! Já sei... É o dia da Panatanéia. Vá chamar a Emília.

Emília veio no seu andarzinho rebolado.

- Apronte-se, Emília, para irmos a Atenas. Hoje é o dia da maior festa grega - a Panatenéia. Nastácia também que se apronte.

Tia Nastácia estava na cozinha, a arrumar aquilo entre resmungos: "Gente sem-vergonha. Onde já viu uma cozinha assim, com tudo fora do lugar, panela praqui, frigideira prali, casca de batata no chão..."

- Nastácia, apronte-se! Vamos já para Atenas.

- Ah, meu Deus! A gente nem bem chega e já tem de sair correndo. Onde é essa tal Atenas?

- É onde estão vovó e Narizinho.

O rosto da preta iluminou-se. Largou da vassoura, sacou fora o avental.

- Pronto! - disse. - Vamos já para essa Atenas, e de galope. Não posso mais de saudades de Sinhá e da menina.

Pedrinho fez Rabicó entregar o comando do navio ao Visconde e desceu ao cais com Emília e a preta. Tudo deserto. Só um ou outro marinheiro alquebrado, desses que já vivem com o pé na cova. O menino foi ter com um deles.

- Que fim levou a gente daqui, meu velho? - perguntou-lhe.

- Tudo em Atenas, meu menino. As Panatenéias sempre deixaram o Pireu vazio. Não vai para lá também?

- Vou, sim, mas queria que o senhor me dissesse alguma coisa sobre o assunto. Que festa é essa?

O velho marinheiro falou.

- Pois é a principal festa de Atenas, em honra à nossa divina padroeira. Foi Palas Atena quem mais nos beneficiou aqui; foi a criadora das oliveiras que nos alimentam, e a mestra que nos ensinou a atrelar o boi na charrua, e a fiar a lã, e tantas coisas mais. Em vista disso, Erectônio, filho de Anfictêão, instituiu a festa anual do peplo, em que numa grande procissão toda a cidade vai levar a Atena Políada um peplo novo bordado pelas virgens atenienses.

- Que Atena Políada é essa? - quis saber Emília.

- É a grande estátua de lenho de oliveira do templo de Erecteu. Chama-se Políada porque é a Atena de todas as cidades gregas.

- Sei - disse Pedrinho. - Polis em grego quer dizer cidade. Petrópolis, Teresópolis...

- E lá está ela sentada em seu trono no alto da Acrópole, com a roca nas mãos e um emblema na cabeça. Essa estátua caiu do céu. É a mais venerada de todas e a que recebe as homenagens da procissão do peplo.

- E como é essa procissão?

- Ah, linda! Toda a vida eu assisti a essas procissões, ora tomando parte na puxada da galera, ora como simples espectador.

- Puxada da galera?...

- O peplo novo, que anualmente a cidade oferece à deusa, é conduzido numa galera colocada sobre rodas e puxada por marinheiros aqui do Pireu. Mas fui envelhecendo e pela primeira vez este ano falhei. Mal posso andar...

Tia Nastácia receitou-lhe gemada de ovos de pata com canela. O velho prosseguiu:

- Linda festa. Vêm peregrinos de todas as cidades próximas, e todas as tribos mandam oferendas de bois e carneiros. A procissão percorre as principais ruas da cidade e dissolve-se depois da substituição do peplo velho pelo novo. Mas a festa continua. Há corridas de cavalos e de archotes, e há os concursos de poemas e cantos naquele Odeon que Péricles mandou construir.

- Que é a corrida de archotes?

- Ficam os moços enfileirados numa grande linha. Um da ponta acende um archote no altar de Eros e passa-o ao imediato - e o archote vai correndo de mão em mão até apagar-se. Aquele em cujas mãos o fogo se extingue é eliminado.

- E a procissão? Como é ela?

- Linda! Começa com o desfile em marcha lenta da magistratura, dos arcontes, dos estrategos e todos os oficiais da república. Vêm depois as virgens, em suas alvas túnicas de harmoniosas pregas,

conduzindo com tanta graça as páteras e os vasos sagrados. A seguir desfilam as canéforas, que são moças pertencentes às mais altas famílias de Atenas; trazem corbelhas de flores. Junto às canéforas, como se fossem suas criadas, vêm as filhas dos metecos, sustentando umbelas abertas.

Tia Nastácia não entendeu. Pedrinho teve de explicar que meteco era o nome dado aos estrangeiros residentes em Atenas. E umbela significava guarda-chuva. E corbelha equivalia a cesta.

- Enjoamento! - murmurou a preta fazendo um muxoxo. - Por que não dizem logo cesta, guarda-chuva, gringo?

O velho marujo continuou: -- As filhas dos metecos trazem consigo suas mães e pais, a conduzirem os odres de água, vinho e mel destinados às libações. Depois desfilam os guerreiros a cavalo, armados de escudos e lanças.

- Sei; já vi esses guerreiros na frisa do Partenão - disse Pedrinho. - E depois dos cavaleiros que é que vem?

- Depois dos cavaleiros desfilam os velhos de longas barbas brancas, segurando ramos de oliveira. São os taláforos.

- Portadores de talos - explicou Emília ao ouvido de tia Nastácia, piscando para Pedrinho.

- E depois dos velhos vêm as crianças - o lindo desfile das lindas crianças de Atenas. Oh, quanta beleza há nas Panatenéias que eu não verei nunca mais...

Outras coisas ainda disse o velho, e muitas ainda diria se não fosse a pressa de Pedrinho em correr para Atenas.

- Basta, meu veterano. Já sei o que desejava saber. Até a volta! Acabamos de chegar da Ilha de Creta e estamos ansiosos por ver vovó e Narizinho, que se acham hospedadas em casa do Senhor Péricles.

- Da Ilha de Creta? - admirou-se o marujo - mas ficou sem outra informação, porque Pedrinho já se pusera em marcha. A boa preta, de longe, ainda lhe gritou: "Não se esqueça! Gemada com canela - de ovo de pata, veja lá!"

Apertaram o passo. A distância era grande, mas para tão valentes andarilhos não havia distâncias.

Em menos de uma hora chegaram a Atenas. Oh, que movimento nas ruas!

Gente que não acabava mais.

- Parece a Broadway - observou Emília - lembrando-se da multidão que eles encontraram na grande rua de Nova Iorque (Geografia de Dona Benta.).

Pedrinho encaminhou-se diretamente para a casa de Péricles. Bateu várias vezes. Nada de resposta.

- Não há viva alma. Foram todos à festa-e vovó também. Como faremos?

- Encontrar Dona Benta num povaréu desses é absurdo - opinou Emília. - O remédio é irmos também assistir à procissão; depois voltaremos cá.

Como não houvesse outra coisa a fazer, Pedrinho resolveu estacionar no Agora, por onde a procissão fatalmente passaria. "Quero ver se alcanço a Vaca do escultor Miron, que está sobre um pedestal de boa altura; de cima dele podemos ver a procissão melhor do que todos."

A escultura de Miron, no centro do Agora, era famosa pela perfeição com que reproduzia uma vaca natural. "Os próprios bezerros que passavam por ali confundiam-se e berravam mé, mê... (A propósito dessa escultura vários escritores contemporâneos fazem observações assim.).

Pedrinho teve sorte. Conseguiu alcançar a Vaca, e com um pouco de paciência pôde colocar-se com os outros em cima do pedestal. "Credo! - exclamou tia Nastácia. – Este bicho até faz medo à gente.

Parece que vai dar uma chifrada..."

Para matar o tempo de espera Pedrinho foi contando à preta o que era o Agora - a sala de estar da cidade.

Todos se reuniam ali para os negócios, as palestras, as mexericagens - e até para dar lições de filosofia, como Sócrates.

Em certo momento a multidão ondeou e o murmúrio cresceu.

- É hora! Lá vem a Panatenéia - disse Pedrinho, espichando o pescoço.

O grupo dos magistrados, que abria o cortejo, entrou no Agora pela brecha que se fez na multidão.

Que imponentes eram! Graves, serenos, austeros. Sem demora, Pedrinho reconheceu Péricles no

grupo dos dez estrategos.

- É aquele, Nastácia! - disse apontando. - É aquele o rei daqui e o dono da casa onde vovó se hospedou. Marido de Dona Aspásia.

Passaram os estrategos, os arcontes e todos os mais paredros da república ateniense. Depois começaram a passar as virgens portadoras de páteras e mais vasos de uso nos sacrifícios feitos aos deuses. A pátera era uma espécie de taça grande.

- Que moças lindas! - murmurou a preta. - E aquela ali, Pedrinho, veja como se parece com a Quinota, filha do Coronel Teodorico. Tal e qual...

- E agora vêm as canéforas - disse Pedrinho, vendo chegar as portadoras de corbelhas, muito envaidecidas sob os pára-sóis sustentados pelas jovens melecas.

A boa negra devorava com os olhos a formosura daquelas adolescentes vestidas com tão graciosa singeleza.

Súbito, seus olhos se arregalaram.

- Será possível? - exclamou. - Um raio me parta se aquelazinha lá não é Narizinho! É sim, juro! - e a preta, no maior assanhamento, esqueceu-se de tudo e gritou: "Narizinho, Narizinho! Olhe pra mim! Sou eu, sua Nastácia!" Mas o murmúrio da multidão impediu que a menina a ouvisse - e Narizinho passou. Era ela mesma, de túnica ateniense, a figurar entre as canéforas...

- Que danada! - murmurou Pedrinho. - Apesar de ser meteca, achou jeito de virar canéfora. Só porque está hospedada com o Senhor Péricles. Ele é poderoso mesmo, não há dúvida...

Emília, que para ver Narizinho havia trepado ao ombro de tia Nastácia, observou: "E o nariz dela está dando na vista. Reparem. Aqui ninguém usa nariz arrebitado."

A passagem dos cavaleiros fez Pedrinho sapatear de entusiasmo. Que belos homens e que lindos cavalos! Tais quais os da frisa do Partenão - só que não tinham o focinho tão fino. "São os cavalos da Tessália, os melhores aqui da Grécia."

Terminado o desfile dos cavaleiros, começou o dos taláforos, isto é, dos belos velhos portadores de

ramos de oliveira.

- "Sim senhor! - disse Emília. - A velharada de Atenas é de primeira ordem. Bonitões! E lá está um de óculos. Não é homem, não... É uma velha. Tal qual Dona Benta... Querem ver que é ela mesma?"

Pedrinho afirmou a vista. "É sim, a vovó! Ora que coisa..." - murmurou ele, no maior dos assombros.

Tia Nastácia também reconheceu Dona Benta e não resistiu. Desceu do pedestal, como uma doida, a gritar: "Sinhá, Sinhá!" - e varou a multidão a cotoveladas para ir ao encontro de sua querida ama.

- Sinhá! - gritou ao defrontá-la. - Sou eu, sua negra velha, tia Nastácia... - e lançou-se a Dona Benta, de braços abertos.

Dona Benta, muito admirada do imprevisto encontro, teve de sair da linha para recebê-la - e aquilo perturbou o andamento da procissão. Os velhos pararam - e tudo atrás deles também parou. As duas metecas abraçaram-se com lágrimas nos olhos.

- Sinhá, minha Sinhá! - dizia a negra. - Eu pensei que nunca mais havia de ver minha Sinhá velha.

Mas que é isso, Dona Benta? A senhora com esse balandrau branco, e esse cabelo penteado como funil? Bem bonita, sim, mas um pouco não sei como - e recuou dois passos para ver melhor a boa ama rejuvenescida pelos trajes gregos.

- Está bem, tia Nastácia - disse Dona Benta. - Não perturbe o andamento da procissão. Espere me em casa do Senhor Péricles. Assim que a festa acabar, lá estarei. Adeus.

Dona Benta reentrou na fila dos velhos e a Panatenéia pôde prosseguir na marcha. Tia Nastácia voltou para o pedestal da Vaca de Miron.

- Ah, Pedrinho, que coisa do outro mundo! Sinhá aqui, Sinhá vestida de grega, com aquele penteado de funil. Parece até que estou sonhando...

- E que disse ela? - perguntou Emília.

- Disse pra irmos esperar na casa do tal rei. O mundo está mesmo perdido, Emília. Sinhá na casa do rei, vestida de grega, ah, meu Senhor Bom Jesus de Pirapora!...



Terminada a procissão, Dona Benta se recolheu à casa de Péricles, em cuja porta encontrou Pedrinho, Nastácia e Emília. Dona Benta, que voltara com Aspásia, fez a apresentação da preta.

- Está aqui a minha boa amiga extraviada nos fundões da velha Hélade. Pedrinho jurou que a traria e trouxe-a. É um danado este meu neto! E sabe quem é esta senhora, Nastácia? É Dona Aspásia, a esposa do Senhor Péricles, a mulher de mais fama no mundo antigo pela sua inteligência e bondade. Já lhe falei muito de você, dos bolinhos que você faz e de todos os petiscos em que você é mestra. E, voltando-se para Narizinho:

- Leve tia Nastácia pra dentro e ela que faça uns bolinhos daqueles.

A menina saiu com a preta, e Pedrinho contou atropeladamente o principal das suas aventuras pela Hélade. O assombro de Aspásia foi grande. Embora achasse o absurdo dos absurdos, tinha de admitir a narração como verdade perfeita. E seu espanto ainda mais aumentou quando soube da subida ao Olimpo e do furto do néctar. Emília trazia no bolso o vidrinho com a amostra da bebida dos deuses. Aspásia provou-a com a ponta da língua.

- Que maravilha! Péricles vai assombrar-se quando vir isto. Ninguém aqui na Ática faz a menor idéia do que seja o néctar. Apenas imaginamo-lo. Que delícia - e provou mais um bocadinho. - E a ambrosia? Chegaram também a vê-las?

- Oh, sim! - respondeu Emília. - E comemos um bom pedaço. É tal qual curau de milho verde. Não trouxemos amostra de medo que azedasse.

Aspásia não resistiu. Provou pela terceira vez o néctar, apesar da carranquinha da Emília. Naquele andar lá se ia tudo.

Péricles chegou. Aspásia correu-lhe ao encontro e, depois do beijo do costume, disse-lhe, mostrando o vidrinho:

- Veja, Péricles, o que a Emília trouxe da expedição: um pouco do néctar dos deuses, furtado do Olimpo...

O Estratego sorriu incredulamente; mas quando o provou, seus olhos se arregalaram. O sabor era positivamente divino - diverso de todos os sabores conhecidos pelos mortais. E ficou estatelado, sem ter o que dizer.

Pedrinho pensou consigo: "Ah, a minha câmara aqui! Que instantâneo eu pegaria! O grande Péricles, sem fala, tonto, bobo, diante do vidrinho de néctar da Emília..."

A última noite que Dona Benta e os netos passaram em Atenas foi tão cheia de coisas que dava para um livro. A casa de Péricles encheu-se. Vieram Fídias, Ictinos, Alcamene, Policleto, Sócrates, Herodoto, Sófocles, Cleone, vários estrategos e arcontes - e mais umas vinte pessoas importantes. A narração que Pedrinho fez das aventuras pela Hélade, terminadas com o salvamento de tia Nastácia, encheu-os do maior assombro. Ficaram todos no ar, completamente tontos, completamente desnorteados - e só voltaram a si quando tia Nastácia apareceu com os bolinhos.

- Meus senhores - disse Dona Benta - noto que a narração de meu neto os deixou a todos fora de si - mas estes bolinhos famosos irão sossegá-los. Provem-nos, regalem-se e voltem aos respectivos gonzos. Hoje é o meu último dia nesta Grécia maravilhosa. Parto amanhã cedinho para o Picapau Amarelo, e se os não convido para chegarem até lá é unicamente pela impossibilidade, em que os vejo, de transporem os 2.377 anos que separam este momento do Tempo do momento do Tempo em que eu vivo no mundo moderno. Adeus a todos! Não tenho expressões para agradecer à Senhora Aspásia e ao Senhor Péricles a acolhida que nos dispensaram. Não sei dizer a Sócrates o prazer que me deu a troca de suas palavras divinas com as minhas pobres palavras de roceira. Não sei como agradecer a Fídias, a Herodoto e aos demais a honra de me distinguirem com uns momentos de convívio, nem sei como agradecer ao Senhor Policleto a maravilhosa escultura que ofereceu a Pedrinho....

Pedrinho, que não sabia de nada, arregalou os olhos.

Dona Benta apontou para um grupo de mármore que se via a um canto.

- Ali está, Pedrinho, o maravilhoso presente que o grande Policleto oferece a você, já que você é um

devoto do invencível Hércules. Ali está representada a luta do herói contra a Hidra de Lerna.

Todos os olhares convergiram para a escultura, uma das mais perfeitas obras-primas da arte helênica, embora destinada a figurar, não no Louvre ou no Museu Britânico, sim na sala de jantar da casinha de Dona Benta, no Sítio do Picapau Amarelo.

Finda a falação, começaram os adeuses. Foram abraços e mais abraços, e frases cheias de aticismo.

Aticismo era um gracioso, espirituoso e delicado modo de dizer próprio dos atenienses.

Depois que todos se retiraram, Aspásia disse:

- Minha senhora, por mais que me belisque, e sinta a dor dos beliscões, isto me parece um sonho.

Mas, sonho ou não, só direi uma coisa: a surpresa maior da minha vida vai ser este nosso inolvidável encontro com um grupo de criaturas do século XX. Por Afrodite! Milagre maior não sei de nenhum.

Péricles apenas murmurou, ao abraçar Dona Benta:

- Que posso dizer depois das palavras de Aspásia? Adeus, minha senhora...

• • •

No dia seguinte estavam todos no Sítio do Picapau Amarelo, radiantes de felicidade, comentando os mil e um incidentes da maravilhosa penetração na Grécia Antiga.

- Conte, meu filho - dizia Dona Benta - conte bem por miúdo como foi o salvamento de tia Nastácia.

Pedrinho sentou-se na rede ao lado da boa velhinha, e começou:

- O meio, vovó, era consultarmos o Oráculo de Delfos, que é o sabe-tudo da Hélade antiga. E foi então e fomos até lá e...

E Pedrinho foi desfiando a história inteira da sua maravilhosa aventura no Labirinto de Creta.





Sobre o Autor

Monteiro Lobato nasce a 18 de abril de 1882 em Taubaté, Estado de São Paulo, filho de José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Augusta. Recebe o nome de José Renato , que por decisão própria modifica mais tarde para José Bento desejando usar uma bengala do pai gravada com as iniciais J.B.M.L.

Juca - assim era chamado - brincava com suas irmãs menores Ester e Judite.

Naquele tempo não havia tantos brinquedos; eram toscos, feitos de sabugos de milho, chuchus, mamão verde, etc...

Adorava os livros de seu avô materno, o Visconde de Tremembé.

Sua mãe o alfabetizou, teve depois um professor particular e aos 7 anos entrou num Colégio.

Leu tudo o que havia para crianças em língua portuguesa.

Em dezembro de 1896 presta exames em São Paulo das matérias estudadas em Taubaté.

Aos 15 anos perde seu pai, vítima de congestão pulmonar e aos 16 anos sua mãe.

No colégio funda vários jornais, escrevendo sob pseudônimo.

Aos 18 anos entra para a Faculdade de Direito por imposição do avô, pois preferia a Escola de Belas-Artes.

É anticonvencional por excelência, diz sempre o que pensa, agrade ou não. Defende a sua verdade com unhas e dentes, contra tudo e todos, quaisquer que sejam as conseqüências.

Em 1904 diploma-se Bacharel em Direito, em maio de 1907 é nomeado promotor em Areias, casando-se no ano seguinte com Maria Pureza da Natividade (Purezinha), com quem teve os filhos

Edgar, Guilherme, Marta e Rute.

Vive no Interior, nas cidades pequenas sempre escrevendo para jornais e revistas, Tribuna de Santos, Gazeta de Notícias do Rio e Fon-Fon para onde também manda caricaturas e desenhos.

Em 1911 morre seu avô, o Visconde de Tremembé, e dele herda a fazenda de Buquira, passando de promotor a fazendeiro.

A geada, as dificuldades, levam-no a vender a fazenda em 1917 e a transferir-se para São Paulo.

Mas na fazenda escreveu o Jeca Tatu, símbolo nacional.

Compra a Revista do Brasil e começa a editar seus livros para adultos. Urupês inicia a fila em 1918.

Surge a primeira editora nacional "& Cia.", que se liquidou transformando-se depois em Companhia Editora Nacional sem sua participação.

Antes de Lobato os livros do Brasil eram impressos em Portugal; com ele inicia-se o movimento editorial brasileiro.

Em 1931 volta dos Estados Unidos da América do Norte, pregando a redenção do Brasil pela exploração do ferro e do petróleo.

Começa a luta que o deixará pobre, doente e desgostoso.

Havia interesse oficial em se dizer que no Brasil não havia petróleo. Foi perseguido, preso e criticado porque teimava em dizer que no Brasil havia petróleo e que era preciso explorá-lo para dar ao seu povo um padrão de vida à altura de suas necessidades.

Já em 1921 dedicou-se à literatura infantil. Retorna a ela, desgostoso dos adultos que o perseguem injustamente. Em 1945 passou a ser editado pela Brasiliense onde publica suas obras completas, reformulando inclusive diversos livros infantis. Com Narizinho Arrebitado lança o Sítio do Picapau Amarelo e seus célebres personagens. Através de Emília diz tudo o que pensa; na figura do Visconde de Sabugosa critica o sábio que só acredita nos livros já escritos. Dona Benta e o personagem adulto que aceita a imaginação criadora das crianças, admitindo as novidades que vão modificando o mundo, Tia Nastácia e o adulto sem cultura, que ve no que é desconhecido o mal, o pecado.

Narizinho e Pedrinho são as crianças de ontem, hoje e amanhã, abertas a tudo, querendo ser felizes, confrontando suas experiências com o que os mais velhos dizem mas sempre acreditando no futuro. E assim o Pó de Pirlimpimpim continuará a transportar crianças do mundo inteiro ao Sítio do Picapau Amarelo, onde não há horizontes limitados por muros de concreto e de idéias tacanhas. Em 4 de julho de 1948 perde-se esse grande homem, vítima de colapso, na Capital de São Paulo. Mas o que linha de essencial, seu espírito jovem, sua coragem, está vivo no coração de cada criança. Viverá sempre, enquanto estiver presente a palavra inconfundível de "Emília.



Reliquia

Arquivo fonte Doc: Desconhecido

Formatação/conversão ePub:

Document Outline

- [I - Uma aventura puxa outra](#)
- [II - Rumo à Grécia](#)
- [III - Desembarque na Grécia de Péricles](#)
- [IV - Em casa de Péricles](#)
- [V - Discussões em Atenas](#)
- [VI - Fídias nocaute](#)
- [VII - Visita às obras do Partenão](#)
- [VIII - A estátua de Palas Atena](#)
- [IX - O pó número dois](#)
- [X - Nos campos da Tessália](#)
- [XI - O sonho de Pedrinho](#)
- [XII - Em marcha para o Olimpo](#)
- [XIII - Em procura de Hércules](#)
- [XIV - Dona Benta e Sócrates](#)
- [XV - Batatas e Sócrates](#)
- [XVI - A Hidra de Lerna](#)
- [XVII - Ninfas, Náiades, Dríades e Sátiros](#)
- [XVIII - Os narizes de Atenas](#)
- [XIX - Os gregos visitam o iate](#)
- [XX - A esfinge e o oráculo de Apolo](#)
- [XXI - No labirinto de Creta](#)
- [XXII - Sófocles aparece](#)
- [XXIII - A Panatenéia](#)
- [XXIV - Finis](#)
- [Sobre o Autor](#)

Table of Contents

- [I - Uma aventura puxa outra](#)
- [II - Rumo à Grécia](#)
- [III - Desembarque na Grécia de Péricles](#)
- [IV - Em casa de Péricles](#)
- [V - Discussões em Atenas](#)
- [VI - Fídias nocaute](#)
- [VII - Visita às obras do Partenão](#)
- [VIII - A estátua de Palas Atena](#)
- [IX - O pó número dois](#)
- [X - Nos campos da Tessália](#)
- [XI - O sonho de Pedrinho](#)
- [XII - Em marcha para o Olimpo](#)
- [XIII - Em procura de Hércules](#)
- [XIV - Dona Benta e Sócrates](#)
- [XV - Batatas e Sócrates](#)
- [XVI - A Hidra de Lerna](#)
- [XVII - Ninfas, Náiades, Dríades e Sátiros](#)
- [XVIII - Os narizes de Atenas](#)
- [XIX - Os gregos visitam o iate](#)
- [XX - A esfinge e o oráculo de Apolo](#)
- [XXI - No labirinto de Creta](#)
- [XXII - Sófocles aparece](#)
- [XXIII - A Panatenéia](#)
- [XXIV - Finis](#)
- [Sobre o Autor](#)